

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CELEIDA MARIA COSTA DE SOUZA E SILVA

**HISTÓRIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CULTURA ESCOLAR DO
COLÉGIO SALESIANO DE SANTA TERESA,
CORUMBÁ-MS (1972-1987).**

DEZEMBRO/2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Silva, Celeida Maria Costa de Souza e
Si38h História das práticas pedagógicas e cultura escolar do Colégio Salesiano
de Santa Teresa, Corumbá- MS (1972-1987) / Celeida Maria Costa de Souza
e Silva. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador : Maria do Carmo Martins
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Colégio Salesiano de Santa Teresa. 2. Práticas pedagógicas. 3. Cultura
escolar. 4. Festa escolar. 5. Comemorações. 6. Calendário cívico-cultural I.
Martins, Maria do Carmo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

09-313/BFE

Título em inglês : The History of the pedagogical practices and scholar culture of the Colégio Salesiano de Santa Teresa in Corumbá-MS (1972-1987).

Keywords : Salesian College of Santa Teresa; Pedagogical practices; Scholar Culture; School party; Celebrations; Calendar civic-cultural

Área de concentração : Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação : Doutora em Educação

Banca examinadora : Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Martins (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Agueda Bernadete Bittencourt

Prof^a. Dr^a. Heloísa Helena Pimenta Rocha

Prof. Dr. Kazumi Munakata

Prof^a. Dr^a. Regina Tereza Cestari de Oliveira

Data da defesa: 16/12/2009

Programa de Pós-Graduação : Educação

e-mail : celeidams@uol.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Título História das Práticas Pedagógicas e Cultura Escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa,
Corumbá- MS (1972 -1987).

Autor: Celeida Maria Costa de Souza e Silva
Orientador: Maria do Carmo Martins

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por **Celeida Maria Costa de Souza e Silva** e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data:16/12/2009.....

Assinatura: Maria do Carmo Martins

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

Maria do Carmo Martins
[Assinatura]
[Assinatura]
[Assinatura]
[Assinatura]

2009

“Ah como é bom a gente ter tido infância!
Como é bom a gente ter nascido numa pequena cidade banhada por um rio. [...]
Como é bom a gente ter deixado a pequena terra em que nasceu
E ter fugido para uma cidade maior, para conhecer outras vidas.[...]
Como é bom se lembrar da viagem, dos primeiros dias na cidade,
Da primeira vez que olhou o mar, da impressão de atordoamento.
Como é bom olhar para aquelas bandas e depois comparar.
Ver que está tão diferente, e que já sabe tantas novidades...
Como é bom ter vindo de tão longe, estar agora caminhando
Pensando e respirando no meio de pessoas desconhecidas
Como é bom achar o mundo esquisito por isso, muito esquisito mesmo
E depois sorrir levemente para ele com seus mistérios...”

Manoel de Barros

RESUMO

O objeto de análise nessa tese são as práticas pedagógicas e a *cultura escolar* do Colégio Salesiano de Santa Teresa, localizado em Corumbá-MS. Uma instituição confessional católica em atividades educacionais desde 1899. Para esse estudo, elegemos os anos de 1972 a 1987. A proposta de entendimento das práticas pedagógicas e da cultura escolar por meio das festas, comemorações escolares e do culto cívico no Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá-MS, está relacionada ao interesse em conhecer adequadamente a relação da escola com o município e o imaginário que se tem dela em relação à população local. Buscamos compreender que valores e sentimentos foram criados ou difundidos por meio das festividades e comemorações escolares e que propósitos ou intenções a festa carregava. No caso desse estudo, estamos considerando as informações sobre as festividades que aconteceram no Colégio Santa Teresa, levando em conta a organização temporal presente no calendário escolar, as anotações do Livro de Ocorrência, os ofícios (expedidos, recebidos, circulares), os depoimentos de ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários, agendas e programas oficiais. Utilizamos também como fontes registros iconográficos, jornais e fontes de referências bibliográficas, uma vez que os salesianos já foram estudados por outros autores. Essa pesquisa permitiu-nos desvelar a realidade complexa e dinâmica da escola, mostrando as festas e comemorações presentes no calendário escolar como elementos da cultura escolar que sofrem modificações de acordo com as épocas, e as finalidades que as produzem, sejam elas, políticas, sociais, econômicas, religiosas ou de socialização. E os sujeitos que as elaboram ou dela participam, como atores ou espectadores, também as transformam e, por elas são transformados. Desse modo, o olhar histórico no universo escolar por meio das festividades e comemorações, possibilitou-nos revisitar o passado, construir interpretações, explicações e entender a escola por dentro.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas, Cultura escolar, festividades, culto cívico, comemorações escolares.

ABSTRACT

This thesis has as its aim of analysis the pedagogical practices and the scholar culture in the Colégio Salesiano Santa Teresa sited in Corumbá-MS. A religious catholic institution in educative activities since 1899. For this research, we elected the years of 1972 to 1987. The proposal of understanding the pedagogical practices and the scholar culture by the school parties (festivities), scholar celebrations and the civic culture in the Colégio Salesiano Santa Teresa in Corumbá-MS, are related with the interest in knowing correctly the relation of the school with de city and the imaginary that is built from it, in relation to the local inhabitants. Our goal was to comprehend what values and feelings were created or spread by the school parties (festivities) and scholar celebrations and the purposes or intentions that the school party (festivity) carried. In this research, we are working with the information about the festivities that happened in the Colégio Santa Teresa, between 1972 and 1987, considering the organization present in the school calendar in that period, the notes from the book where the activities were registered, the official letters (dispatched, received, circulars) and the testimonies of ex-students, ex-teachers and ex-employees, diaries and official programs. We used as well as sources iconographic registers, newspapers and bibliographic references, once the salesianos were already studied by other authors. This research allowed us to elucidate the complexity of the reality and dynamic of the school showing the parties (festivities) and celebrations that are present in the scholar calendar as elements of the scholar culture that suffer modifications during the seasons and the purposes that produce them, not depending if they are political, social, economic, religious or of socialization. And the subjects that elaborate it or that are part of it as actors or spectators, as well transformed them and are transformed by it. In this way, the historic look of festivities and celebrations in the scholar universe gave the possibility to revisit the past, build interpretations, explanations and to understand the school by its inside.

Key Words: Pedagogical practices, scholar culture, festivities, civic culture, scholar celebrations.

Aos meus pais, Benedito Luiz e Tereza Yone...

Ao meu esposo, Laelson e a minha filha Ariadne Celinne...

pelo apoio constante.

AGRADECIMENTOS

Muitos estiveram comigo ao longo desse percurso, me incentivando, me apoiando e acreditando no meu trabalho. É impossível nomear a todos, registro a cada um, que me brindou com o seu afeto e apoio em momentos distintos, meu reconhecido e carinhoso, muito obrigada. Agradeço, em especial:

À Prof^a Dr^a Maria do Carmo Martins, por ter me mostrado os caminhos e me permitido caminhar. Sua orientação criteriosa foi imprescindível para que esse estudo fosse concretizado.

Aos professores doutores Heloísa Helena Pimenta Rocha e Kazumi Munakata, pelas preciosas contribuições no Exame de Qualificação.

Às professoras Doutoradas Águeda Bernadete Bittencourt e Regina Tereza Cestari de Oliveira que gentilmente aceitaram o convite para compor essa banca de defesa de tese.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Grupo Memória pelas contribuições durante o curso e aos funcionários pelo apoio administrativo.

A direção e coordenação do Colégio Salesiano de Santa Teresa por possibilitar a consulta dos documentos necessários à elaboração dessa tese.

Aos proprietários e funcionários do Jornal Diário da Manhã por terem disponibilizado o acervo que muito contribuiu para esta tese.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Municipal Lobivar de Matos e da Biblioteca Pública Estadual Gabriel Vandoni de Barros que prontamente me receberam, deixando-me a vontade para consultar os periódicos.

À Berenice Quevedo, Dinorá Cestari de Lima e Alfio Pozzi pelas entrevistas concedidas.

Aos meus familiares, pelo apoio, pela confiança em mim depositada e pela força. De modo especial aos meus pais, Benedito Luiz e Tereza Yone pela vida e pela formação sólida. Aos meus irmãos, Wanderlaã, Denise, José Marcos (que a vida levou inesperadamente) e Gilson por sempre torcerem por mim.

À Priscila Kaufmann Corrêa pela solidariedade, carinho e valiosa colaboração em vários momentos.

À UNICAMP pela acolhida...

Aos colegas do doutorado por poder partilhar a pesquisa, pelo carinho e pela amizade.

Às amigas: Carla Villamaina Centeno, Daniela Ribeiro, Samira S. Pulcherio Lancellotti pelo apoio, pela confiança, em ocasiões diversas ao longo desse processo.

À Professora Maria Fernanda, pela revisão gramatical desse trabalho.

À Ariadne Celine de Souza e Silva, pela construção do *abstract* dessa tese.

Ao Laelson Nunes da Silva pela composição técnica dessa tese e pelo apoio incondicional ao longo de todos esses anos.

A CAPES, por financiar parte dessa pesquisa.

Meus agradecimentos.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.	Prédio do Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá-MS em funcionamento a partir da década de 1970.	8
FIGURA 2.	O movimentado porto de Corumbá no século XIX por onde desembarcaram os primeiros salesianos.	42
FIGURA 3.	Colégio Santa Teresa, 1º prédio (ala) 1903-1930	47
FIGURA 4.	Oitenta anos do Santa Teresa.	49
FIGURA 5.	Mensagem publicada em homenagem aos 75 anos do Colégio Salesiano de Santa Teresa.	51
FIGURA 6.	Mensagem publicada em homenagem aos 75 anos do Colégio Salesiano de Santa Teresa.	53
FIGURA 7.	Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá-MS. Prédio em funcionamento durante a década de 1930 ao final da década de 1960	57
FIGURA 8.	Comprovante caixa escolar e anuidade.	76
FIGURA 9.	Colégio só tem vaga para quem for bom esportista.	80
FIGURA 10.	Colégio Santa Teresa será desativado em 81.	88
FIGURA 11.	Paralisação dos Colégios Santa Teresa e Dom Bosco é Preocupação na Câmara Municipal.	88
FIGURA 12.	Vereador Orro sai em defesa da Santa Teresa.....	88
FIGURA 13.	Santa Teresa ameaçado de fechar as portas em 88.	89
FIGURA 14.	Programação oficial do 10º aniversário da “Revolução de 1964”.....	95
FIGURA 15.	Reunião dos alunos no pátio do Colégio antes do início das aulas - 1980	96
FIGURA 16.	Programa: Semana da Pátria 1977.	100
FIGURA 17.	Semana da Pátria, 1979	103
FIGURA 18.	Ensaio da fanfarra do Colégio Salesiano de Santa Teresa.....	104
FIGURA 19.	Desfile Cívico-Militar: 7 de setembro de 1974 - Colégio Salesiano de Santa Teresa.	107
FIGURA 20.	Desfile 21 de setembro, aniversário de Corumbá	108
FIGURA 21.	Boletim escolar (verso)	127
FIGURA 22.	Boletim escolar (frente)	127
FIGURA 23.	Caderneta escolar	129
FIGURA 24.	Alunos barrados no Sta Teresa.....	135
FIGURA 25.	Livro de Ocorrência 1974, p. 26.....	143
FIGURA 26.	Livro de Ocorrência, 1975, p.28.....	144
FIGURA 27.	Livro de Ocorrência, 1977, p.34-5.....	148
FIGURA 28.	Missa em homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora: 24 de maio de 1974.....	155
FIGURA 29.	Livro de Ocorrência, 1976, p.31.....	157
FIGURA 30.	Livro de Ocorrência, 1976, p.31.....	157
FIGURA 31.	Livro de Ocorrência, 1976, p.32.....	158

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Disciplinas e Práticas Educativas – Curso Ginásial.....	123
Tabela 2.	Disciplinas e Práticas Educativas – Curso Colegial.....	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.: Matrículas no Colégio Salesiano de Santa Teresa (1899-1953).....	58
Quadro 2.: Colégio Salesiano de Santa Teresa e Escola Estadual: número de alunos matriculados (1972-1987).....	81
Quadro 3.: Ocorrências Escolares (1971-1977).....	152

LISTA DE SIGLAS

APM- Associação de Pais e Mestres
ARENA- Aliança Renovadora Nacional
BC- Batalhão de Caçadores
CCE- Centro Cívico Escolar
CEE - Conselho Estadual de Educação
CFE – Conselho Federal de Educação
CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DREC – Delegacia Regional de Educação e Cultura
EFNOB- Estrada de Ferro Noroeste do Brasil
EMC- Educação Moral e Cívica
FAES- Festival de Arte Esporte Salesiano
FE/MS- Fundação de Educação de Mato Grosso do Sul
FESART- Festival Salesiano de Arte
FMA- Filhas de Maria Auxiliadora
GENIC- Ginásio e Escola Normal Imaculada Conceição
IBAD- Instituto Brasileiro de Ação Democrática
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
ICMS- Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços
IPES- Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais
LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC- Ministério da Educação e Cultura
OSPB – Organização Social e Política do Brasil
PSD- Partido Social Democrático
PSP- Partido Social Progressista
PTB- Partido Trabalhista Brasileiro
SEC/MT- Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura
UDN- União Democrática Nacional

SUMÁRIO

	Página
RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
AGRADECIMENTOS	xiii
LISTA DE FIGURAS	xv
LISTA DE TABELAS	xvii
LISTA DE QUADROS	xix
LISTA DE SIGLAS	xxi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I -OS SALESIANOS NO BRASIL: SEU MODELO DE EDUCAÇÃO.....	19
1.1 Os Salesianos no Brasil e o Catolicismo Popular	22
1.2 A Educação Salesiana.....	31
1.3 Aspectos Comuns nas Obras Salesianas	34
CAPÍTULO II - COLÉGIO SALESIANO DE SANTA TERESA EM CORUMBÁ E AS FESTIVIDADES RELIGIOSAS	39
2.1 O Colégio Salesiano de Santa Teresa e as Obras Educacionais e Assistenciais Adjuntas	58
2.2 As Festas Religiosas no Colégio Salesiano de Santa Teresa.....	64
CAPÍTULO III - COLÉGIO SALESIANO E ESCOLA ESTADUAL: O CONVÊNIO CELEBRADO ENTRE OS SALESIANOS E O ESTADO DE MATO GROSSO	69
3.1 As Festas Cívicas no Colégio e na Escola Estadual Santa Teresa	89
CAPÍTULO IV - ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA, ADMINISTRATIVA E PRÁTICAS ESCOLARES	113
4.1 O Regimento Interno e suas Determinações.....	118
4.1.1 A Organização Administrativa Prescrita no Regimento Interno de 1971 e de 1987.....	129
4.2 Ordenamento do Tempo Escolar	139
4.3 O Livro de Ocorrência.....	147
4.4 Comemorações que Reforçam a Identidade da Escola.....	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
BIBLIOGRAFIA.....	169

INTRODUÇÃO

“Nem sempre o mais importante é a largada ou a chegada, mas a caminhada”. Guimarães Rosa

Sabemos que uma escola não é um conjunto de salas de aula onde os professores são individualmente responsáveis pela prática pedagógica nela desenvolvida. Constitui uma entidade sociocultural formada por grupos que vivenciam códigos e sistemas de ação num processo que faz dela, ao mesmo tempo, produto e instrumento cultural.

A escola constitui um organismo social vivo e dinâmico. Além da estrutura burocrática que a compõe, possui uma constituição cultural e simbólica que lhe confere vida própria e lhe permite responder às demandas e limitações que lhe são impostas pelo meio (CÂNDIDO, 1977). Essa constituição é tecida pela rede de significados (GEERTZ, 1989) que se encarrega de criar os elos que ligam passado e presente, instituído e instituinte, e que se estabelece as bases de um processo de construção e reconstrução permanente.

Desta forma, buscamos no âmbito interno da unidade escolar, os elementos impostos pelo sistema, as bases históricas e materiais que foram se consolidando ao longo do tempo, ou seja, as bases *“constituídas”*. Sobre elas se assentam a dinâmica da reconstrução permanente exercida pelos processos administrativos e pedagógicos da instituição.

Essa organização interna baseia-se num contexto sócio-político-cultural que exerce sobre ela dois tipos de influências. As influências abrangentes e difusas são representadas, de um lado, pelas teorias e tendências educacionais contemporâneas e, de outro, pelas determinações da estrutura econômica, social e política de cada momento histórico. E as influências específicas e concretas, exercidas de forma direta pelas políticas públicas de educação e normas de organização do sistema de ensino e, pela realidade sócio-econômica e cultural da população atendida.

O objeto de análise nesse estudo são as práticas pedagógicas e a *cultura escolar* do Colégio Salesiano de Santa Teresa, localizado em Corumbá-MS. Uma instituição tradicional, confessional, um dos mais antigos colégios da cidade e do estado, com atividades educacionais desde 1899, que foi, e ainda é considerado um dos mais importantes educandários, por haver formado parcela da elite local e regional, aspecto que conta com grande prestígio e reconhecimento da sociedade corumbaense e sul-mato-grossense, e também é reconhecido pelo grande número de alunos que nele estudou à época que era conveniado com o estado de Mato Grosso, e depois, Mato Grosso do Sul¹.

A escolha dos anos de 1972 a 1987 para esse estudo, deve-se ao fato de que no início de 1972 passou a vigorar o Convênio entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e o estado de Mato Grosso. Mesmo com a divisão do estado de Mato Grosso em 1977, e a implantação do estado de Mato Grosso do Sul, o Convênio continuou tendo validade. Já a data final, o ano de 1987 refere-se ao fim do Convênio. É necessário destacar que um novo Convênio foi firmado, mantendo a relação entre o Colégio e o Estado até 1996. Entretanto, por estar constituído de aspectos diferentes, não abordaremos o novo Convênio nessa tese.

Ao estado de Mato Grosso do Sul, emerso de um contexto político autoritário, havia sido reservado o papel de Estado modelo, isto é, um estado onde seriam aplicadas novas técnicas de administração pública. Isto significa dizer que, o novo estado foi “*criado para atender ao projeto geopolítico do regime, contemplar os interesses da classe dominante local e para reforçar, em termos imediatos, o governo da ditadura militar*”² (BITTAR, 1998, p.34).

¹ Nesse trabalho o termo estado está sendo usado para referirmos à subdivisão político-administrativa que constitui as unidades federativas brasileiras e, Estado como conjunto de instituições permanentes (órgãos legislativos, tribunais, exército e outros) que não formam um único bloco e possibilitam a ação do governo.

² O termo governo é entendido como conjunto de programas e projetos que parte da sociedade (políticos, técnicos, organismos da sociedade civil e outros) propõe para a sociedade como um todo, configurando-se a orientação política de um determinado governo que assume e desempenha funções de Estado por um determinado tempo.

Mato Grosso do Sul foi criado durante o governo de Ernesto Geisel pela Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977 e implantado em 11 de outubro de 1979³. O presidente baseara em estudos geopolíticos de autoria de Golbery do Couto e Silva, que defendia a ideia de se ocupar espaços vazios na região Centro-Oeste seguindo a lógica da interiorização como forma de dinamizar o capitalismo. A decisão do presidente em dividir o estado de Mato Grosso contemplava interesses históricos da elite agrária residente no sul do antigo Estado e, ocorreu, sem consulta plebiscitária às populações residentes no estado. Disputas internas pelo controle político da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) entre os grupos que a compunham no sul do Mato Grosso foram intensificadas com a divisão do estado que também acirrou as disputas políticas pela administração do Estado.

Levando em conta que a partir de 1974 houve o crescimento do movimento democrático em nível nacional que provocava progressivamente o isolamento da ditadura, podemos inferir que a divisão do estado de Mato Grosso e a consequente criação do estado de Mato Grosso do Sul, fez parte do projeto de auto-reforma do governo da ditadura militar.

Esse projeto buscava alargar as bases de sustentação da ditadura, dividir as forças oposicionistas, e dar prosseguimento a abertura lenta e gradual apregoada por Geisel.

Na perspectiva do governo central, o novo estado foi pensado para ser guiado pela tecnocracia – organização política e social baseada na predominância de técnicos - mas também para atender às elites políticas. A tecnocracia pode ser entendida como instrumento de ação ideológica do Estado que transforma problemas políticos, sociais e econômicos em problemas administrativos.

³ Apresenta uma área territorial de 358.159km² o que o classifica como sexta unidade da federação em área. Conforme SILVA (2000).

Então, o novo Estado tinha sido idealizado pelo governo central como *Estado modelo*, e seria o ponto de equilíbrio tanto na redemocratização do país como no realinhamento do capital. Cabia ao Mato Grosso do Sul, na perspectiva do governo central, o papel econômico de plantador/exportador de grãos com agricultura mecanizada e tecnologia de ponta e o papel político se dava por conta do aumento das vagas no Senado e na Câmara Federal.

O discurso de *Estado modelo* propagado tanto pelo governo central como por grupos políticos (elites) do sul de Mato Grosso, acabou se esvaindo devido às divergências entre as facções partidárias arenistas sul-mato-grossenses que impediram o partido de obter o consenso desejado pelo governo central.

Dessa forma, no processo de consolidação do estado de Mato Grosso do Sul ocorreu o confronto entre os planos do governo central e das elites políticas do novo Estado. As elites com práticas políticas calcadas no clientelismo, sentiram-se incomodadas com a nomeação do gaúcho Harry Amorim Costa para primeiro governador de estado. Essa nomeação atendia aos interesses do projeto de modernização do governo, mas não das elites do sul de Mato Grosso.

As manobras políticas fizeram que em menos de dois anos de instalação oficial do estado – de janeiro de 1979 a outubro de 1980- três governadores (Harry Amorim Costa, Marcelo Miranda Soares e Pedro Pedrossian) fossem empossados pelo governo central e destituídos do cargo. Sem dúvida, esses fatos ofereceram à nação um “*modelo*” de alternância de poder em curto espaço de tempo e de exclusão do povo das decisões políticas.

Foi nesse contexto, que criou-se o Convênio entre o estado de Mato Grosso e a Missão Salesiana, favorecendo a expansão da cobertura de educação aos alunos que ingressaram nessa escola já em funcionamento.

A escola estudada nessa tese, localiza-se em Corumbá no estado de Mato Grosso do Sul, é uma cidade de porte médio, possui a maior área do estado, é a segunda em arrecadação do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços

(ICMS), a 3ª em população, e foi uma das portas de entrada para os salesianos em Mato Grosso.

O município de Corumbá está localizado na planície do pantanal, na fronteira com a Bolívia e o Paraguai, fundado em 21 de setembro de 1778, como parte da consolidação do domínio luso na região. Conta com uma população aproximada de 96.500 (noventa e seis mil e quinhentos) habitantes, segundo dados dos últimos censos⁴.

A economia do município baseia-se no extrativismo mineral, nas exportações minerais, no turismo, na pecuária, no comércio fronteiriço e na indústria de transformação⁵.

Na área educacional, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2007), Corumbá possui 44 escolas de Ensino Fundamental, 16 de Ensino Médio e 36 de Educação Infantil, sendo a maioria mantida pelo município⁶.

A proposta de entendimento das práticas pedagógicas e da *cultura escolar* por meio das festas, comemorações escolares e do culto cívico no Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá-MS, relaciona-se ao interesse em conhecer adequadamente a relação da escola com o município e o imaginário que se tem dela, em relação à população local. Acreditamos que é preciso compreender como uma determinada '*construção social*' foi trazida até o presente, influenciando as nossas práticas e concepções de ensino. Conhecer a construção social tanto do imaginário da escola na cidade, quanto a própria relação que a escola estabeleceu com o município, pressupõe o entendimento do contexto histórico em que ela foi criada, e que está inserida.

⁴Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> [on line] 2008. Capturado em 27 de outubro de 2008.

⁵ Possui a segunda maior reserva de ferro e quinta reserva de manganês do mundo, depositada no Morro do Urucum e explorada pela Companhia Vale do Rio Doce.

⁶ Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> [online] 2009. Capturado em 02 de novembro de 2009.

Para uma melhor organização das festas registradas no calendário escolar, do período eleito para estudo, dividimos em três categorias: festas cívicas regulares, inscritas na lei; festas religiosas; e festas que reforçam a identidade dessa escola.

Do primeiro tipo, destacamos: a) 31 de março – “*Revolução de 1964*”; b) 21 de abril – Tiradentes e Fundação de Brasília; c) 1º de maio – dia do trabalhador; d) 13 de junho – Retomada de Corumbá; e) 25 de agosto – dia do soldado; f) 7 de setembro - Independência do Brasil; g) 21 de setembro - Aniversário de Corumbá; h) 11 de outubro - Divisão do estado de Mato Grosso e criação do estado de Mato Grosso do Sul; i) 15 de novembro – Proclamação da República.

Do segundo tipo, celebrações religiosas previstas no calendário escolar podemos citar: a) Tríduo escolar à Nossa Senhora Auxiliadora; b) 02 de fevereiro – Nossa Senhora da Candelária – Padroeira de Corumbá; c) Semana Santa; d) *Corpus Christi*; e) 24 de maio - consagrado à Nossa Senhora Auxiliadora – Padroeira da Missão Salesiana; f) 16 de agosto – Aniversário de São João Bosco e da Comunidade Salesiana; g) 12 de outubro – Consagrado à Nossa Senhora Aparecida – Padroeira do Brasil; h) 02 de novembro – Finados.

E, no terceiro grupo, comemorações que reforçam a identidade dessa escola temos: a) Festa do Regulamento; b) carnaval; c) a festa junina denominada Sapolândia; d) o Festival Salesiano de Arte (FESART); e) os jogos abertos salesianos; f) feira de ciência e cultura; g) manhãs e tardes de formação; h) competições esportivas interclasses; i) jornadas juvenis; j) aniversário do diretor; k) dia das mães; l) 21 de agosto – folclore; m) 12 de outubro – Dia da criança; n) 15 de outubro - dia do professor; entre outros.

Alguns festejos e comemorações serão mais enfocados neste trabalho, devido à repercussão que tiveram no período estudado, ao acesso às informações, e por serem importantes instrumentos de difusão de valores e ideais políticos nacionais, regionais e locais.

As festas e comemorações elencadas no calendário escolar não correspondiam, necessariamente, a um dia de suspensão das atividades escolares. Mas, dependendo da importância da data a ser lembrada, havia todo um ritual escolar a ser seguido que contemplava: hasteamento a bandeira, hinos, exposições, declamações, poemas, dramatizações, competições, confecção e apresentação de trabalhos escolares relacionados a data festiva, visando incitar nos alunos o respeito e amor a pátria, e dar maior visibilidade social à escola.

Durante as festividades, os indivíduos rompiam com a rotina do cotidiano escolar. Era um ato coletivo com significados distintos para os que dela participavam. De acordo com Ribeiro Júnior (1982, p. 43) é “*uma ação pedagógica [...] quanto mais conseguir manifestar, recuperar, sintetizar um capital cultural que faz parte do repertório de experiências do povo*”. A ação pedagógica pode ser percebida quando a população participa dos momentos festivos captando o sentido e significado da festa de forma ativa ou passiva.

O estudo da história das práticas pedagógicas e da *cultura escolar* do Colégio Salesiano de Santa Teresa me coloca diante de experiências vividas durante o meu processo de escolarização.

Pude estudar no “Colégio Santa Teresa” devido ao Convênio firmado em 1971, entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e o estado de Mato Grosso, que criou a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Santa Teresa em funcionamento a partir de 1972, ano em que iniciei a minha vida escolar. Permaneci na escola conveniada, sem interrupção, do maternal até concluir o Segundo Grau (hoje Ensino Médio), em 1986. Período esse de duração do Convênio assinado em 1971.

O Colégio Salesiano de Santa Teresa era uma instituição privada mantida pela Missão Salesiana de Mato Grosso com poucos alunos matriculados, muito espaço ocioso e que não deixou de existir logo que a escola estadual iniciou suas atividades. As turmas do Colégio privado somente foram desativadas na

totalidade em 1982. Então, só a partir daí a escola torna-se pública, como um todo.

Isso significa dizer que durante a maior parte do tempo em que vigorou o Convênio, o prédio onde funcionava o Colégio Salesiano de Santa Teresa também abrigou a Escola Estadual. Era um prédio de três andares, com 36 salas de aulas, incluindo salas de diretoria, coordenadoria geral, sala de pastoral religiosa, sala de supervisão, sala de orientação educacional, tesouraria e sala de reuniões. Havia ainda mais sete salas de aulas no prédio do ensino pré-escolar.



FIGURA 1. Prédio do Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá-MS em funcionamento a partir da década de 1970 (Acervo do Colégio).

Desse modo, eram duas escolas em um mesmo prédio, com coordenação, direção, supervisão e professores para atender em separado a clientela do público e do privado. No primeiro andar, o Colégio era privado e reservado aos filhos de famílias de influência da cidade, no segundo e terceiro andares, a

escola era pública. Nesse acordo, era de responsabilidade da Missão Salesiana a sessão do prédio, a direção e a coordenação geral do Colégio. Enquanto o estado de Mato Grosso arcava com todas as despesas para a manutenção e funcionamento do prédio, inclusive, lotava e remunerava professores e funcionários.

A escola estadual recebeu a partir de 1972 matrículas para a Educação Pré-Escolar e para o ensino de 1º e 2º Graus. As vagas eram disputadíssimas e, enquanto perdurou o funcionamento de duas escolas no mesmo prédio, as diferenças dentro do ambiente escolar eram marcantes e podiam ser vistas pelo uniforme, cadernetas, portão de acesso, participação nos eventos, quadro de docentes - contratados e estatutários.

Recordo que eram muitos os eventos que a escola organizava ou participava e, em grande parte deles, só os considerados “bons alunos” – aqueles que tinham boas notas e bom comportamento - eram escolhidos para participar. Atividades repetitivas e rotinizadas faziam parte do cotidiano escolar. Lembro-me que, diariamente ao dar o sinal de entrada, tínhamos que fazer a fila no pátio, e os lugares das turmas eram previamente definidos. Era uma fila de meninos e outra de meninas, organizada por tamanho das crianças.

Todos os dias eram feitas as orações e havia a sessão de informações, recados e recomendações conhecidos na escola salesiana como bom dia, boa tarde e boa noite. Eram frequentes os cânticos religiosos a Dom Bosco, a Maria e quando era semana da Pátria ou outra comemoração cívica, cantávamos os Hinos Brasileiros. Só depois que terminassem as apresentações alusivas as datas eleitas para serem lembradas é que as turmas eram liberadas para dirigirem-se às salas de aula.

As salas de aula eram espaçosas, bem ventiladas - bastavam ‘correr nos trilhos’ os janelões - as carteiras eram individuais, a lousa era grande e acima da lousa, na parte central, tinha um crucifixo e um quadro com a figura de Nossa Senhora Auxiliadora, isto em todas as salas. Havia também um quadrinho de

madeira com um recado disciplinador: “*mantenha a sala arrumada, não machuque as carteiras, não risque as coitadas*”.

Tanto a porta como as janelas das salas de aula tinham vidros transparentes. Tudo podia ser observado. Caracterizando um ensinamento de Dom Bosco: a vigilância preventiva, que por meio dos amplos espaços físicos possibilitavam uma visão geral e o controle dos alunos. Assim, das salas de aula era possível ver com nitidez quem passava pelo corredor e quem estava no corredor via o que estava ocorrendo na sala. Era um longo corredor, e por ele passavam ora coordenadora, ora o inspetor de alunos, ora o padre diretor, sempre com uma agenda na mão para anotar qualquer ocorrência que fugisse da rotina.

O modelo de educação era o tradicional: horários e calendários bem definidos; assuntos ensinados de forma isolada e pontual; espaço físico inspirando ordem e monotonia; aulas baseadas na exposição e repetição; o professor era o transmissor e os alunos eram vistos como um papel em branco que precisava ser preenchido.

Não posso deixar de mencionar que faz parte do período em que busco compreender as práticas pedagógicas e a cultura escolar do Colégio Santa Teresa o período marcado pela grande efervescência na política brasileira, caracterizada pela campanha pelas eleições diretas para presidente conhecido como Diretas-já⁷. Nesse contexto de passagem, de um movimento político (autoritário) para outro (democrático), o ritmo das aulas era praticamente o mesmo dos anos anteriores, mas os professores eram outros. Havia os que tentavam mudar as suas práticas pedagógicas, tornando as aulas mais prazerosas, enquanto outros, continuavam a reproduzir velhas fórmulas, marcadas pelo método de inculcação de informações e do uso da autoridade. Posso dizer que eram profissionais com formação e recursos culturais muito limitados, todavia, eram bons executores de planos e metas traçados por terceiros.

⁷ A campanha pelas eleições diretas para presidente e pelo fim da ditadura teve início em todo país nos últimos meses de 1983.

Não me lembro de discussões sobre o período de redemocratização do país dentro do espaço escolar. A impressão que tenho é que esse tema não era colocado em discussão, porque os acontecimentos eram muito recentes e não se sabia, ao certo, o que estava acontecendo e até onde ia o movimento.

Foi nessa conjuntura que o Convênio assinado em 1971 entre o estado de Mato Grosso e a Missão Salesiana de Mato Grosso chegou ao fim em 1987. Desse modo, ao mesmo tempo, que eu concluía o 3º científico (Colegial), a escola deixava de ser estadual e passava novamente a ser particular e denominada Escola de Pré-Escolar de 1º e 2º Graus “Santa Teresa”. Um novo Convênio, em outros moldes, foi firmado em 1987. O estado de Mato Grosso do Sul cedeu alguns professores e funcionários, em troca de algumas bolsas, pois não havia escolas estaduais suficientes para atender a toda a demanda, mas esse novo Convênio não foi contemplado nessa pesquisa.

A intenção de realizar esse estudo surgiu quando em 2004 fui aceita como aluna especial no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara para cursar a disciplina “*Perspectiva de Estudo da Cultura Escolar*”, organizada e ministrada pelos docentes: Vera Teresa Valdemarin, Rosa Fátima de Souza e Marcus L. A. Bencosta. As discussões sobre os aspectos conceituais da *Cultura Escolar*; os aspectos teórico-metodológicos e o significado do estudo da *Cultura Escolar*, no âmbito da pesquisa em Educação, produzidas durante a disciplina, permitiram-me descortinar novos horizontes para a pesquisa e instigaram-me a pensar no cotidiano escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa por meio das festas e comemorações escolares.

Incômodos com a minha trajetória escolar, percepções ligadas à questão cultural, levaram-me a analisar a escola na perspectiva da *Cultura Escolar*, num constante exercício de estranhamento daquilo que me é familiar, pois como sabemos a história pessoal é perpassada e matizada pela história sócio-cultural em que estamos inseridos. No entanto, mesmo as memórias individuais sendo constituídas por vivências socialmente compartilhadas, serão sempre únicas e

singulares, pois cada indivíduo traz consigo experiência própria de vida, portanto, irrepetível.

Na qualidade de ex-aluna da escola estadual conveniada e pesquisadora, percebi que analisar a organização pedagógica, administrativa e práticas escolares permite-me desvelar uma realidade complexa e ao mesmo tempo dinâmica da escola. Esse estudo, ao mostrar interesse pelas festividades que ocorreram no universo escolar, compreende que no processo de organização e produção das festas há uma seleção interessada e não neutra que ocasiona inclusão, exclusão e legitimação de grupos sociais e ideias. Assim, concebi as festas como um fato social, econômico e político que me possibilitou um olhar histórico, revisitar o passado e construir interpretações e explicações.

As festas e comemorações escolares do Colégio Salesiano eram elementos que estavam inseridos no currículo escolar e eram voltados para a população que frequentou o ambiente dessa escola, e corresponde à formação de determinadas imagens tanto sobre os objetos de culto, quanto sobre os sujeitos do culto cívico ou religioso. Silva (2004), em “*Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*”, prioriza uma análise genealógica para identificar como o currículo vem sendo definido, pois o “*currículo é sempre o resultado de uma seleção*” (SILVA, 2004, p.15) e essa seleção, é o resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e grupos dominantes.

Assim, busquei investigar quais conhecimentos, valores e habilidades foram considerados como verdadeiros e legítimos no período eleito para estudo. O estudo da realidade regional torna-se enfraquecido se for construído fora da interpretação de caráter geral mais abrangente. A singularidade da história local ou regional não substitui a perspectiva da totalidade, da qual é parte, mas expressa aspectos significativos dessa totalidade.

Dessa forma, nessa pesquisa, que tem como perspectiva de estudo a *cultura escolar*, busco entender como as relações de poder se manifestaram no interior do Colégio Salesiano de Santa Teresa. Parto do pressuposto de que no

espaço escolar se estabelecem as relações sociais e, simultaneamente, se transmitem saberes e conhecimentos. E que é preciso entender, como se deram no interior da instituição, as conexões entre saber, identidade e poder.

Entendemos a categoria *cultura escolar* de acordo com a concepção de Dominique Julia (2001), que contempla três pontos para o estudo: o primeiro, as normas e finalidades que regem a instituição; o segundo, a profissionalização do trabalho docente; e o terceiro, os conteúdos ensinados e as práticas escolares.

Para Chervel (1990), a *cultura escolar* não forma somente os indivíduos frequentadores da escola, mas penetra, molda e modifica a cultura da sociedade global. O mesmo autor diz, de forma incisiva, que a instituição educativa não é mera reprodutora de conhecimentos eleitos como relevantes para determinada sociedade, e por ser criativa, produz uma cultura específica, singular, e original que se alarga por toda a sociedade.

Viñao Frago (1995, 2000) também contribuiu para o nosso entendimento e análise sobre a *cultura escolar* a medida que assegura que a *cultura escolar* diz respeito as formas de organização, valores, saberes, estratégias e diferentes práticas estabelecidas e compartilhadas, no interior das escolas por todos os sujeitos envolvidos nas atividades específicas de natureza escolar realizadas por alunos, professores, outros profissionais da escola e a comunidade. Considera que as acepções para o termo são diversas, assim como são as instituições de ensino.

É interessante perceber que a *cultura escolar* envolve o conjunto do fazer escolar, aquele que determina o que ensinar, o que inculcar, os fins a atingir, mais especificamente, o que transmitir considerando o contexto sociocultural que a escola se insere.

Sabemos que a escola faz e transmite cultura, por meio de seus conteúdos culturais. Ao que tudo indica, o grande desafio do pesquisador consiste em fugir

daquilo que é tido como norma para buscar entender como os agentes se apropriam da cultura e como a representam.

As contradições presentes na sociedade perpassam a escola. Saberes dessa sociedade estão expressos também nos saberes escolares. As festas que compõem o calendário da escola são festas de caráter cívico e religioso, mas encontram na escola formas particulares de expressão.

Vale lembrar que o calendário escolar é bastante festivo. E a festa é um fato social, histórico e político. Constitui o momento e o espaço da celebração, da brincadeira, dos jogos, da música e da dança. O olhar histórico no universo escolar por meio das festas, possibilita revisitar o passado, construir interpretações, explicações e entender a escola por dentro.

Nestes termos, investigamos a construção da memória histórica produzida no Colégio Salesiano de Santa Teresa, pelas práticas pedagógicas das festas comemorativas de eventos ou de homenagens “*aos heróis nacionais e regionais*”, realizadas no período de 1972 a 1987.

Foi importante investigar quais atividades foram incluídas/excluídas para compor o programa de ensino, no período compreendido entre os anos de 1972 e 1987; como os sujeitos da escola reagiram à normatização dos eventos cívicos; o que mudou no ordenamento escolar e o que se manteve; como se configuram os programas de ensino; que saberes foram transmitidos; quem os determinou; como a escola contribuiu para a construção da memória cívica.

Na tentativa de encontrar respostas às nossas indagações e entender como se davam as práticas pedagógicas e quais as finalidades das festas e comemorações escolares que aconteceram no Colégio Salesiano de Santa Teresa (1972-1987), utilizamos as seguintes fontes de pesquisa: os documentos do acervo da escola - Regimento Interno (1971), Regimento Interno (1987), Calendário Escolar, Livro de Ocorrência, Caderneta Escolar, Boletim Escolar, Ofícios Expedidos, Ofícios Recebidos, Ofícios Circulares (expedidos e

recebidos), Comunicações Internas, Decretos - registros iconográficos, jornais que nesse trabalho têm uma função ilustrativa, por meio deles buscamos mostrar como os eventos e comemorações do Colégio foram abordados pela imprensa local. Utilizamos também fontes de referências bibliográficas, uma vez que os salesianos já foram estudados por outros autores, além disso, foram concedidas algumas entrevistas à pesquisadora que foram usadas parcialmente com a intenção de, algumas vezes, esclarecer informações, outras vezes encontrar elementos para o diálogo e a análise da história dessa escola.

As entrevistas se deram sob a forma de narrativa de vida e história social. Foram entrevistados: Alfio Pozzi, Berenice Quevedo, Dinorá Cestari de Lima e Maria José Costa Mônico. A escolha desses sujeitos está ligada ao fato de trazerem experiências profissionais e memórias vinculadas ao Colégio Salesiano de Santa Teresa no período histórico eleito para a pesquisa⁸. A metodologia utilizada permite aos entrevistados localizarem-se na narrativa e no período histórico, bem como a aprendizagem conjunta do objeto de análise entre entrevistador e entrevistados.

Sabemos que no trabalho de investigação científica precisamos estar alerta às obscuridades, seguindo os rastros empoeirados dos velhos e esquecidos papéis, sem deixar, contudo, de observar as possíveis armadilhas que as intempéries e o uso incorreto dos registros oficiais possam armar para a recuperação da história.

⁸ Alfio Pozzi- Há 40 anos junto aos salesianos, vivenciou as várias fases do Colégio, exercendo diferentes funções foi: professor, secretário, coordenador e diretor adjunto. Continua no Colégio Salesiano de Santa Teresa e atua também na Faculdade Salesiana de Santa Teresa.

Berenice Quevedo- Há 35 anos no Colégio. Ex-aluna do Colégio Salesiano de Santa Teresa e ao mesmo tempo professora contratada e cedida pelo Estado para o Colégio Estadual Santa Teresa, depois se tornou professora efetiva do Estado e coordenadora pedagógica. Terminado o Convênio, continua no Colégio e está na coordenação geral da Educação Infantil.

Dinorá Cestari de Lima- Ex- aluna do Ginásio e Escola Normal Imaculada Conceição (GENIC), ex-professora da Escola Estadual Santa Teresa (1972-1976), a partir de 1977 até 1988 atuou como coordenadora pedagógica na mesma escola.

Maria José Costa Mônico- funcionária do Estado lotada no Colégio Estadual Santa Teresa durante o período do Convênio nos períodos matutino e noturno. As entrevistas foram realizadas entre os meses de abril de 2007 e maio de 2008.

Um dos problemas mais graves observados durante o período em que fizemos o levantamento das fontes, foi a comprovação de que muitos documentos se perderam, foram levados ou eliminados de forma indiscriminada durante as várias reformas ocorridas na escola e nas mudanças de direção, dificultando, assim, a escrita da história da escola.

Nas visitas realizadas ao Colégio para pesquisar e consultar a documentação eleita para estudo, foi possível constatar a situação precária de conservação e guarda dos documentos. A documentação que ainda resta está fadada também a desaparecer, devido ao fato de se encontrarem depositadas em locais que não garantem as condições necessárias para sua preservação, amontoados sem organização e misturados a documentos de origem e natureza diversas, em condições físicas pouco adequadas. Em alguns casos, documentos considerados de importância especial (para a direção do Colégio) – como planta da escola, livros de ata da diretoria e ou da Congregação, regimentos e álbuns fotográficos estavam sob a guarda da diretoria.

Chervel (1990) sustenta a ideia de que a análise de documentos específicos da escola pode ajudar a escrever uma história ainda não escrita. Desta forma, a utilização de procedimentos que partem do particular pode colaborar para a compreensão de uma realidade mais complexa e para análises mais amplas.

A tarefa que nos propusemos realizar é a de problematizar esse processo de construção das festas escolares, e a organização das manifestações cívicas no Colégio Salesiano de Santa Teresa, buscando entender, como os sujeitos escolares produzem a *cultura escolar*, ao mesmo tempo, como as *culturas escolares* produzem os sujeitos que dela fazem parte.

Seguindo as pistas da investigação, organizamos a tese em quatro capítulos. No primeiro capítulo, denominado Os Salesianos no Brasil: seu modelo de educação caracterizo a sociedade brasileira à época da chegada dos salesianos, buscando explicitar os motivos que possibilitaram a implantação das obras educacionais no Brasil.

No segundo capítulo, Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá-MS e as festividades religiosas discorro sobre a chegada dos salesianos em Corumbá e a criação do Colégio, enfatizando as fases da história do educandário na cidade: a primeira fase quando era um colégio destinado à elite e a segunda, com obras educacionais e assistenciais que ocuparam o mesmo terreno do Colégio. Já nesse capítulo, percebemos a importância das festas religiosas na organização do Colégio Salesiano de Santa Teresa.

No terceiro capítulo, intitulado Colégio Salesiano e Escola Estadual: O Convênio celebrado entre os salesianos e o estado de Mato Grosso. Analisamos o Convênio celebrado em 1971, em vigor de 1972 a 1987 e as especificidades do período. Apresento as festividades e comemorações cívicas no Colégio e na Escola Estadual, como momentos privilegiados para a propagação de conhecimentos, normas e valores. Portanto, mecanismos importantíssimos para a educabilidade dos sujeitos, possuindo desse modo, caráter político e pedagógico.

Por fim, no último capítulo, intitulado Organização Pedagógica, Administrativa e Práticas Escolares, analiso a *cultura escolar*, situando-a no âmbito da história do currículo. Busco mostrar a dinâmica da organização pedagógica e administrativa das práticas escolares de formação no Colégio Salesiano de Santa Teresa no período de 1972 a 1987 e as relações entre as festas que reforçam a identidade do Colégio, o calendário festivo e a concepção de conhecimento na escola salesiana.

CAPÍTULO I - OS SALESIANOS NO BRASIL: SEU MODELO DE EDUCAÇÃO

A Congregação Salesiana ou Sociedade de São Francisco de Sales, uma instituição da Igreja Católica fundada por Dom Bosco, em 1859, em Turim, Norte da Itália, tinha por objetivo dar assistência educacional aos jovens, em especial, aos mais necessitados, protegendo-os da marginalização.

Fundada a Congregação Salesiana, Dom Bosco preocupou-se com a formação de seus discípulos e entre os anos de 1860 e 1869 dedicou-se a expansão das atividades no oratório de Valdocco com a participação de estudantes e aprendizes internos. Em Mirabello foi criada a primeira casa salesiana fora da cidade de Turim, e a partir daí, iniciou o processo de difusão de suas casas.

Junto com a Madre Mazzarello criou o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), formado por Irmãs salesianas. Dom Bosco acreditava que a Congregação cresceria e espalharia pelo mundo todo e isso não tardou a acontecer. Em 1875 enviou a primeira expedição missionária para a América do Sul (Argentina e Uruguai).

Segundo os registros da Congregação Salesiana, a preocupação do fundador era a de fazer o bem à juventude carente de sua época. De início, organizou nos oratórios pequenas oficinas, que depois se transformaram em escolas de artes e ofícios e escolas profissionais. Deixou como legado à educação salesiana, o Sistema Preventivo fundamentado em três princípios: Razão, Religião e *Amorevolezza*.

É preciso dizer que não se encontra na língua portuguesa, palavra que traduza fielmente *amorevolezza*, mas de acordo com Bianco (1987, p.13), esta expressão significa afeto, bondade, carinho, cordialidade, fineza, ternura.

O propósito salesiano de educação buscava a formação integral da juventude que para Dom Bosco tinha como ponto central a prevenção versus repressão, fundamentado na Razão, na Religião, e na *Amorevolezza*. Princípios que podem ser observados tanto nas atividades oferecidas nos oratórios, como também nas escolas profissionais. Uma vez que tinham por finalidade ocupar e controlar o tempo livre dos meninos, buscando distanciá-los daquilo que pudesse corrompê-los e inculcando neles um modelo de civilidade urbana, ao mesmo tempo que buscava suprimir os hábitos rústicos e ensinar-lhes uma profissão. Isto tudo, constituído como a finalidade moral e religiosa, que visava também evitar que esses jovens marginalizados pela sociedade cometessem crimes e vivessem na imoralidade.

Do ponto de vista histórico, a obra salesiana teve início na Itália com a fundação do oratório festivo, visto na época, como elemento fundamental no projeto educativo salesiano.

Nos oratórios, a parte religiosa ocupava lugar de destaque: nos domingos e dias santos, os meninos e jovens pobres da Itália participavam da missa, do catecismo, dos cânticos, recebiam também explicações de exemplos de vida, cuja intenção era moral e disciplinar, ao mesmo tempo, que buscava aproximá-los dos sacramentos da confissão e da comunhão.

Havia também nos oratórios festivos a parte recreativa, com passeios, brincadeiras, distribuições e sorteios de prêmios. Entre os salesianos, as festas são expressivas manifestações de conagração. Os oratórios festivos eram vistos pelas autoridades públicas como importante instrumento para regeneração social da juventude desvalida e para moralizar uma sociedade ou um país.

Azzi (2000, p.299) utilizando-se de informações do Boletim Salesiano, de outubro de 1902, nos explica que:

Os oratórios festivos, berço e origem da Pia Salesiana, não são outra coisa senão centros recreativos, aos quais os meninos e jovens afluem para passar santa e alegremente, os dias santificados, afastando-se, por este meio dos perigos que

encontram pelas ruas, e instruindo-se na prática da religião. Nestas reuniões deve dar-se aos meninos plena liberdade de correr, saltar e divertir-se em toda a classe de brinquedos, basta que não haja perigos físicos ou morais.

Diante do exposto, podemos dizer que Dom Bosco em seu Sistema Preventivo tinha dois objetivos básicos: a ‘*salvação das almas*’, ou seja, preocupação com a dimensão religiosa dos jovens com o qual se relacionava e a formação do bom cidadão. Para ele, a promoção do bem num ambiente educativo devia basear-se na afetividade e na familiaridade entre educadores e educandos. O Sistema Preventivo continha prescrições e regras e preceituava, antes de mais nada, “*fazer-se amar e não temer*”. O diálogo, a imposição de limites, a correção, conforme as ideias do fundador, deveriam ocorrer sem humilhações ou constrangimentos.

A ação dos salesianos por meio dos oratórios festivos no século XIX, era sempre bem vista pelas autoridades públicas, que até subsidiavam seu funcionamento, pois viam-no como uma solução imediata para o problema da marginalidade. Por outro lado, a aprendizagem de uma “*arte ou ofício*”, oferecida aos jovens das camadas populares, possibilitava a instrução profissional, a inserção no mundo do trabalho e o desenvolvimento integral dos jovens.

O oratório pode ser considerado como o embrião da obra salesiana. Ao lado dos colégios ou escolas profissionais, quase sempre havia um oratório, uma paróquia. O ambiente físico, a organização espacial e os locais da ação salesiana manifestam a identidade da presença salesiana. Castro (2007a, p. 12) aponta que,

A identidade salesiana concretiza-se pela vivência: da espiritualidade salesiana, do Sistema Preventivo, da tradição salesiana, da missão própria da congregação e da reflexão sobre a vida e a ação de Dom Bosco.

Desta forma, as relações entre as pessoas, o ambiente físico, as ações pedagógicas ou não, devem estar estruturadas de acordo com as características do espírito salesiano.

As modalidades de atuação dos salesianos variaram de acordo com a realidade do local onde se estabeleceram e o período, ou seja, as necessidades históricas definiram as atividades desenvolvidas sendo que os principais objetivos são: educação, promoção humana e evangelização.

1.1 Os Salesianos no Brasil e o Catolicismo Popular

A história da instituição salesiana no Brasil é quase sempre escrita por membros da Congregação, o que implica em uma super exposição da sua própria ótica, visto que são destinadas a uma circulação interna, predomina uma mentalidade ufanística e muito marcada pela aproximação afetiva com os assuntos. Apesar disso, foram importantes para documentar a presença da obra salesiana no País, e nesse trabalho serão usadas criticamente.

Os salesianos chegaram ao Brasil por volta de 1882, no período final do Império. Fase marcada por significativas mudanças na sociedade brasileira. Restringir o período apenas a implantação de um novo regime político, decorrente do fim da monarquia em 1889 significaria empobrecê-lo. É preciso destacar o caráter conflituoso, de disputa de espaços de atuação entre a Igreja e o Estado. Nessa fase, o catolicismo era a religião oficial do Estado Brasileiro, o imperador controlava a Igreja, indicando candidatos ao Bispado e autorizando ou não, o cumprimento das disposições papais no Brasil.

Em termos econômicos, segundo a visão da historiografia representada por Caio Prado Júnior, a progressiva vinda de imigrantes europeus facilitou a transição do trabalho escravo para a utilização da mão-de-obra livre. O auge da produção cafeeira no início da década de 1870, conforme analisa Prado Júnior (2004, p.168) foi responsável pelo “*aparelhamento técnico do país*”, ou seja, com o capital cafeeiro investiu-se em estradas de ferro e outros meios de

comunicação e transportes, que por sua vez propiciou a urbanização e deu subsídio para o início da industrialização.

A prosperidade proveniente do café favoreceu ao crescimento urbano. As cidades ofereciam oportunidades aos profissionais liberais, negociantes, artesãos, além de promover a mudança dos senhores para casarões, ficando o campo como espaço de produção agrícola, de retiro e de recreação. Com o crescente aumento da população nas cidades, nota-se o comércio se fortalecendo e as atividades industriais dando seus primeiros passos (PRADO JÚNIOR, 2004).

Café, ferrovias, urbanização, imigrantes: processos emaranhados, que, na sua interação complexa, determinaram a ocupação e a transformação da paisagem do estado de São Paulo e do Brasil. E a chegada dos salesianos com a intenção de expandir a obra de Dom Bosco faz parte desse processo.

Foi na região Sudeste, compreendendo os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais o espaço territorial que serviu como base para a implantação e desenvolvimento inicial da obra salesiana.

Nesse período (1882), a situação religiosa no País era preocupante, no dizer do clérigo salesiano⁹:

o povo tem muita fé, mas é uma fé tonta por causa da ignorância e do acúmulo de superstição [...] Eis toda a devoção dos brasileiros: ter um altarzinho em casa, ir freqüentemente à missa, inscrever nas muitas confrarias [...] nas cidades, existem muitíssimas e riquíssimas igrejas, mas não existem padres que cuidem da maior parte delas. E os sacramentos? A confissão, os pecados etc...são coisas supérfluas, assim dizem (AZZI, 2000, p.26-27).

É importante destacar que até o início do século XX o catolicismo predominante pode ser denominado de catolicismo popular.

Em uma abordagem mais cultural, preocupada com a configuração do caráter popular do conflito Igreja e Estado, Benedetti (1984), considera o

⁹ Clérigo salesiano Teodoro Massano em carta ao padre Rafael Riccardi, em julho de 1882, citada por Azzi (2000).

catolicismo popular uma “*religião menor*” porque nem sempre tem a presença do padre ou de algum membro oficial da Igreja Católica para se desenvolver. É um modelo de crença enraizado na tradição portuguesa, conhecido também como catolicismo luso-brasileiro. Uma característica básica do catolicismo luso-brasileiro é o seu caráter familiar. Esse estava mais concentrado ao redor da própria instituição familiar do que da organização eclesiástica. Como exemplo, temos a catequese que era oferecida dentro das próprias famílias. É preciso observar que nos oratórios particulares, nas capelas dos engenhos, nas fazendas de criação, próximos às cruzes erguidas nos morros ou à beira das estradas as famílias se reuniam para expressar sua fé.

Outra característica do catolicismo luso-brasileiro é sua dimensão social. A crença religiosa era um dos principais instrumentos de socialização na vida colonial (AZZI, 2000). Nas solenidades religiosas, como romarias, procissões e festas de santos, a comunidade vencida o isolamento em decorrência do incipiente desenvolvimento urbano e expressava sua vida social.

Neste tipo de catolicismo denominado popular ou luso-brasileiro, os leigos não se consideravam meros assistentes do culto religioso, mas responsáveis por introduzir devoções e promover a fé católica. Este aspecto era fortemente condenado por parte das congregações da Igreja Católica, dentre elas, a Congregação Salesiana.

Os primeiros salesianos ao se estabelecerem no Brasil ficaram impressionados com a forma de expressar a fé católica e criticavam a tradição religiosa leiga do povo. Assim, o projeto missionário dos salesianos tinha como objetivo fortalecer a fé dos brasileiros, libertando-os daquilo que era considerado ignorância e superstição. Desta forma, dispuseram-se a cooperar com os bispos reformadores na tentativa de melhorar a instrução catequética, eliminando os elementos considerados profanos nos cultos religiosos e fazendo com que o clero assumisse as manifestações de culto e as associações religiosas.

A mola propulsora para a fundação da obra salesiana foi a necessidade de oferecer uma instrução religiosa à juventude carente e marginalizada. Por meio da educação e da formação profissional, pretendiam oferecer à juventude pobre e abandonada, os instrumentos necessários para o ingresso no mercado de trabalho.

Apesar de a Congregação Salesiana ter como característica específica a educação dos setores populares, no Brasil, eles se dedicaram especialmente à formação das elites. Muitos estrangeiros – alemães, japoneses, italianos, dentre outros - migraram para o Brasil, e por recomendação da Santa Sé, os salesianos deveriam também dar assistência aos filhos dos imigrantes e ocupar-se da evangelização dos indígenas.

O surgimento das ciências modernas, o progresso da astronomia, matemática e física, a partir do século XVII, do Iluminismo no século XVIII exaltando a razão científica, como instrumento de libertação do homem e do Positivismo do século XIX, incentivando o culto à ciência, abalaram a crença na Igreja Católica, que se viu ameaçada e se posicionou contra a penetração dessas ideias.

O Concílio Vaticano I se opôs à difusão dessa nova mentalidade no âmbito da instituição eclesiástica e fechou-se ao diálogo com a chamada cultura moderna, iniciando um movimento de recuperação da fé, em moldes tridentinos, no território brasileiro¹⁰.

Em 1864, o Papa Pio IX, através da Encíclica ou Bula “*Quanta Cura*” se opõe à modernidade, grande inimiga da Igreja, definindo na lista chamada *Syllabus*, oitenta proposições consideradas erros modernos, dentre eles, estão as ideias iluministas, a maçonaria e o liberalismo.

A hierarquia eclesiástica contra a exaltação da ciência e da razão divulgadas no Brasil, pelo discurso liberal-positivista, de inspiração anticlerical,

¹⁰ Tridentinos: referente ao Concílio de Trento - um dos mais importantes conclave religiosos do Ocidente. A Igreja Católica através do Concílio Vaticano I declara a ‘*infallibilidade papal*’.

buscou apoio na tradicional sociedade patriarcal, a fim de organizar suas forças e partir para a disputa do espaço social, pela atividade educativa.

Podemos afirmar que a chegada dos salesianos no Brasil está ligada ao processo de romanização ou ultramontanismo. Movimento de caráter mundial da Igreja Católica, iniciado no século XIX, chegando ao auge no final do século XIX e início do XX.

O movimento tinha como objetivo expandir o Catolicismo de Roma e, reafirmar a autoridade papal enfraquecida com a Reforma Protestante e afetada também pela Revolução Francesa, não só nos aspectos religiosos, mas também políticos e econômicos.

Por meio desse movimento, a Igreja buscou mecanismos para controlar ideologicamente a sociedade com mais rigidez moral e doutrinária. No caso brasileiro, a preocupação era a de formar um clero obediente e responsável por reafirmar a autoridade do Papa e a dos Bispos, por meio da fé e da moral do povo.

Dentro do projeto de romanização, a Congregação Salesiana utilizou-se do campo da educação com o intuito de educar a sociedade brasileira nos princípios e moldes da Igreja Romana. A educação passou a ser vista como instrumento de controle da população e garantia de que as futuras gerações professassem e defendessem a fé cristã.

Cabe situar que no período que antecede a vinda dos padres salesianos ao Brasil, principalmente nas décadas de 1840 e 1850, as instituições políticas, com o retorno do Poder Moderador, tornaram-se centralizadoras, objetivando conter os movimentos sociais que eclodiram durante a Regência¹¹.

A abolição do tráfico de escravos (1850), a campanha pela instrução pública e o incentivo à educação em geral, capitaneada pelos liberais com a

¹¹ Cf. FAUSTO, Boris, 1999.

concessão de benefícios às escolas particulares que se instalassem no país, coincidiam com os interesses do Estado Imperial, da Igreja e dos salesianos.

A industrialização era ainda incipiente, mas havia interesse por parte dos liberais na instalação de escolas de “*artes e ofícios*”. O discurso vigente era o de educar o povo, instruí-lo e formá-lo na religião e moral.

Podemos situar a vinda dos padres salesianos ao Brasil, bem como a organização de suas obras, dentro do contexto de interesses do Estado Imperial e do grupo liberal que se firmou na República.

As famílias tinham interesse na formação cristã e acreditavam que a Igreja, representada pelos Colégios, proporcionaria uma educação sólida a seus filhos, tendo como princípios a civilidade, o respeito à Pátria e o desenvolvimento integral do cidadão.

Meschiatti (2000, p.30) diz que,

Os Colégios católicos eram a garantia de que novas gerações crescessem em ambiente de fé cristã-católica, que fossem educados por professores que tivessem princípios cristãos, formando pessoas que fossem, mais tardes, escudeiros da religião cristã.

Um dos aspectos que possibilitou a entrada dos salesianos no Brasil foi o conflito nas relações entre Igreja e Estado na fase final do Império, gerando o fim do Padroado, bem como a legislação que concedia a liberdade de culto, tornando a escola oficial laica¹². Essa medida abriu espaço para que no campo educacional escolas laicas fossem fundadas, escolas sob a direção da maçonaria, bem como escolas confessionais dirigidas por protestantes. No campo

¹² Padroado: Instituição que data do século XIII, criadas pelas monarquias ibéricas para estabelecer alianças com a Santa Fé. O Padroado português consistia na concessão de privilégios e na reivindicação de direitos, invocando a coroa na qualidade de protetora das missões eclesiásticas na África, na Ásia e no Brasil. Através deles, a Monarquia promovia, transferia ou afastava clérigos; decidia e arbitrava conflitos nas respectivas jurisdições dos quais ela própria fixava os limites.

educacional eram bem-vindos não só católicos, mas todos que tivessem como objetivo oferecer uma boa educação¹³.

E a proposta educativa dos salesianos vai ao encontro dos desejos de D. Pedro II, que era favorável a ordens religiosas ativas, voltadas para a questão do trabalho, da educação da juventude que trouxessem soluções ou amenizassem os problemas sociais emergentes (AZZI, 2000).

Seguindo os exemplos e os conselhos de Dom Bosco, os salesianos ao se estabelecerem no Brasil, aproximaram-se do poder público e evitavam criticar o governo.

Nos colégios fundados e dirigidos por eles, estimulavam nos alunos o respeito às autoridades; convidavam os homens públicos a conhecer suas obras, bem como a participar das solenidades realizadas. Além disso, difundiam através da imprensa as atividades sociais e educativas, a fim de obter subsídios do Estado para execução e expansão da obra salesiana.

Os primeiros estabelecimentos educativos instituídos pelos salesianos tiveram como característica o ensino profissional – conhecidos como colégios de “*artes e ofícios*” – e a população atingida, nessa etapa inicial foi a juventude das camadas populares. Cabe dizer que as escolas profissionais criadas pelos salesianos, posteriormente foram denominadas Liceus de Artes e Ofícios, seguindo a terminologia adotada antes da chegada dos mesmos ao Brasil.

Dessa maneira, as primeiras obras salesianas instaladas no país eram escolas de educação profissional e tinham por finalidade ensinar uma profissão ou ocupação. Segundo Azzi (2000, p.239) “*tratava-se de oferecer aos rapazes de famílias pobres condições para prepararem-se, de forma adequada, para a*

¹³ A respeito disso, Sérgio Miceli (1988) traz dados que mostram a expansão das dioceses por todo o Brasil e consequente estruturação do catolicismo na fase subsequente a Proclamação da República. O autor aponta que as congregações religiosas que se instalaram no Brasil a partir da separação Estado e Igreja tinham objetivos claramente patrimonialistas. De acordo com Miceli, essa teoria pode ser aplicada aos salesianos cujo crescimento patrimonial garantiria os projetos futuros da Congregação bem como a permanência no país.

inserção no mercado de trabalho na sociedade burguesa em formação”, tornando-os qualificados e capazes de suprir suas necessidades básicas.

O Colégio Santa Rosa, em Niterói (Rio de Janeiro), fundado em 14 de julho de 1883, foi a primeira obra salesiana instituída no Brasil. É preciso ressaltar que o projeto de criação de um Liceu de Artes e Ofícios em Niterói originou-se em meados de 1888.

O ensino profissional introduzido pelos salesianos não era novidade no país, uma vez que o governo ou instituições particulares em período anterior à chegada dos salesianos já haviam instalado Liceus de Artes e Ofícios em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

Como observa Riolando Azzi, *“na tradição luso-brasileira, o trabalho manual era considerado menos digno, sendo orientados para ele apenas os meninos das camadas pobres da população”* (AZZI, 2000, p. 219).

Havia também no projeto educacional de Dom Bosco os objetivos moral, social e religioso que era o de *“evitar que esses jovens, marginalizados pela sociedade, passassem a atuar no submundo do crime e da imoralidade”* (idem, p.222).

Tal preocupação com os menores infratores permitiu a implantação de obras salesianas, uma vez que considerava que os educadores salesianos, por meio das escolas profissionais, e dos oratórios festivos, pudessem contribuir para amenizar o problema da criminalidade.

O projeto salesiano determinava que, ao lado dos colégios ou escolas profissionais, fosse criado um oratório festivo, que era considerado como ponta de lança da obra salesiana. Embora os oratórios festivos fossem considerados como a base da obra salesiana e os princípios dos oratórios festivos não tivessem sido abandonados, nos primórdios da presença salesiana no Brasil, a prioridade deles, em suas obras, foram as escolas de *“artes e ofícios”* ou escolas profissionais. A história nos conta que esse tipo de atividade constava desde o

início no projeto da maioria das fundações salesianas, e muitas das escolas profissionais dos salesianos não tiveram grande desenvolvimento. Entretanto, os salesianos acreditavam que essa categoria de ensino os tornariam populares e aceitos por todos.

É interessante observar que Dom Bosco, após ser ordenado sacerdote em 1841, foi incentivado pelo seu diretor espiritual Pe. Cafasso a entrar para o Colégio Eclesiástico de Turim, a fim de aprofundar estudos de Teologia Dogmática e Teologia Moral¹⁴.

Nos trabalhos de pastoral acompanhava o Pe. Cafasso nas visitas às prisões. Desse modo, sensibilizou-se pela vida que os presos, na maioria jovens entre 12 e 18 anos viviam “*a mingua de pão espiritual e temporal*” (MESCHIATTI, 2000, p.55). Acreditava que através da religião pudesse colaborar para a mudança de comportamento dos jovens, sendo assim, visitava-os nos finais de semana nas prisões, levando fumo e alimentos. A intenção era de cativá-los para que quando estivessem em liberdade visitassem os oratórios, participando dos sacramentos e das atividades realizadas. O principal objetivo era mantê-los afastados do crime, desenvolvendo a disciplina e a moralidade.

É preciso observar como especificidade do processo de formação da Congregação Salesiana frente à maioria das congregações religiosas, que os “discípulos” de Dom Bosco, antes de ingressar na vida religiosa foram alunos no oratório e foram formados pelo próprio Dom Bosco.

Rocchietti, Artiglia, Cagliero e Miguel Rua receberam de Dom Bosco a responsabilidade de levar à frente o projeto de criação da Congregação Salesiana, ao mesmo tempo, a tarefa de expansão do trabalho e das casas da Congregação¹⁵. A Congregação Salesiana cresceu e está presente em todos os continentes.

¹⁴ Teologia Dogmática atualmente recebe a denominação de Teologia Sistemática.

¹⁵ O projeto de criação da obra salesiana foi concretizado em 1859. O padre Miguel Rua diante da incapacidade física de Dom Bosco assumiu as casas da congregação.

1.2 A Educação Salesiana

Nos estabelecimentos dirigidos pelos salesianos, a formação literária, o civismo, o estudo do latim e do grego, eram indispensáveis no currículo escolar por serem matérias básicas para a formação seminarística.

Ao assumirem a direção dos Colégios destinados aos filhos das oligarquias rurais, introduziram uma educação humanista, elegendo como eixos principais: literatura e língua luso-brasileira, cultura clássica greco-romana e filosofia aristotélico-tomista¹⁶.

Os salesianos instalaram uma rede de escolas católicas, ingressando no espaço urbano, competindo com o ensino leigo e com as escolas protestantes, tendo como preocupação fundamental a defesa e manutenção da ordem e da tradição.

Estavam em sintonia, tanto com os liberais quanto com os positivistas, líderes do movimento republicano. Liberdade e progresso proclamavam os liberais; ordem e progresso, os positivistas. Os salesianos aceitavam a ideia de progresso, desde que a ordem social fosse mantida.

A imprensa foi um instrumento importantíssimo na implantação da obra salesiana, uma vez que divulgava o nome de Dom Bosco e as obras educativas, missionárias e sociais atribuídas a ele, antes mesmo da chegada dos salesianos no Brasil.

Os elogios a Dom Bosco, constituiu um elemento fundamental na propaganda e aceitação dos salesianos. As autoridades eclesiásticas e civis eram convidadas a participar dos principais eventos da vida escolar nos colégios salesianos. Estes tinham uma preocupação muito grande em divulgar as atividades realizadas dentre elas, a abertura do ano escolar, as festas dos padroeiros São João Bosco, Nossa Senhora Auxiliadora, a homenagem ao diretor

¹⁶ Oferecia uma visão totalizante do mundo a partir de enfoques metafísicos, indo ao encontro da perspectiva religiosa cristã que se posicionava contra o avanço das ciências físicas e naturais, dos ideais da razão e da liberdade.

do Colégio, a solenidade de encerramento do ano escolar com a finalidade de mostrar às autoridades competentes, e às famílias em geral, a eficiência do trabalho educativo, procurando garantir apoio e colaboração do governo e da sociedade.

Os colégios católicos dirigidos pelos salesianos eram considerados importantes instrumentos para que a juventude superasse hábitos rústicos e adquirisse valores da cultura urbana.

Segundo Azzi (2000, p.144):

Os alunos eram preparados para o ingresso na vida da cidade através da transmissão de preceitos de boas maneiras e de urbanidade. Os costumes rústicos deveriam ser substituídos por bons modos e comportamentos civilizados.

Desse modo, nas casas salesianas havia uma grande preocupação com a transformação dos jovens em cidadãos úteis à pátria e distantes da subversão social.

A ideia central de educação para Dom Bosco era a de “*formar bons cristãos e honestos cidadãos*”. Não nos esqueçamos que este sistema de educação foi pensando na Itália do século XIX, que passava por um processo de unificação, portanto, questões políticas, econômicas e sociais influenciaram a proposta educativa de Dom Bosco. Para ele, o Sistema Preventivo não se confunde com método de instrução, mas diz respeito a valores a serem transmitidos.

Podemos inferir que para o fundador da obra salesiana, *amorevolezza* dizia respeito à forma de relacionar do educador salesiano com o educando. Sempre vigilante, porém amigo, afável de modo que a afeição pudesse ser sentida pelos jovens, “*não é com pancadas, mas com mansidão e caridade que você deve conquistar estes amigos*” (BOSCO, 2005, p.29).

Na Carta de Roma esta postura educativa também aparece, “*que os jovens não somente sejam amados, mas eles próprios saibam que são amados*” (BOSCO,

1884, p.183, CASTRO, 2007b,70). As declarações de afabilidade de Dom Bosco para com os jovens aparecem em vários documentos deixados pelo fundador da Congregação.

Para os seus colaboradores, Dom Bosco recomendava que frequentassem o pátio, e estivessem sempre junto dos educandos participando das diversas atividades do universo escolar, pois para Dom Bosco o pátio era um lugar privilegiado para a prática educativa, porque nele os jovens se encontravam, se divertiam e partilhavam suas vidas.

Na dinâmica preventiva do fundador, a presença do educador no pátio era fundamental para o acompanhamento e a convivência, ao mesmo tempo, que criava laços de afeto e confiança. Essa prática, era ao mesmo tempo, uma forma de vigiar, impedir o erro, e estar próximo ao educando.

Razão é a segunda palavra-chave do Sistema Preventivo. Por razão deve-se entender a capacidade de argumentar, de dialogar e explicar os porquês. E para Dom Bosco, o educador deveria incentivar a autonomia intelectual do jovem, dando-lhes a oportunidade de expressar seus pensamentos e ideias (BIANCO, 1987). O diálogo entre educador e jovem tanto em nível pessoal como grupal é um costume no sistema salesiano e se manifesta em vários momentos, em especial, nas preleções diárias seja no “*bom dia*”, no “*boa tarde*” ou no “*boa noite*”. Para Dom Bosco, a interação entre educadores e jovens conduz ao equilíbrio, ao respeito, e à liberdade.

Religião é a terceira característica do Sistema Preventivo. É um dos elementos-chave do princípio educativo salesiano, devendo permear o relacionamento entre educador e educando. Dom Bosco acreditava que a religião ajudaria a construir o caráter da criança e do jovem, levando-os a atingir a maturidade cristã, e tornando-os bons cidadãos. Fazia parte da proposta de religião no Sistema Preventivo, um aspecto coercitivo por meio da frase “*Deus te vê!*”. Frase proferida no dia-a-dia nas casas salesianas e nos oratórios festivos,

como uma forma eficaz de coibir o erro, estimular o amor ao trabalho, a ordem, a disciplina, a vida de oração e o refúgio das más companhias.

O ambiente físico das instituições salesianas demonstram a primazia pelos jovens. A capela, o pátio, os espaços para encontros, as frases espalhadas pelos pátios e corredores, conferem uma identidade à Instituição.

1.3 Aspectos Comuns nas Obras Salesianas

No Brasil, há seis inspetorias salesianas cujas sedes estão em Manaus, Campo Grande, Recife, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre. Embora cada presença salesiana tenha uma identidade e especificidade, tendo como base o Sistema Salesiano de Educação, algumas características são comuns às obras, dentre elas:

1. A interação entre os salesianos, a população e a cultura local - podemos afirmar que não existe presença salesiana sem a contribuição dos profissionais ou voluntários leigos, buscando atingir os objetivos ligados à educação, promoção humana e evangelização. A primeira constatação que fazemos ao observar as obras salesianas é a preocupação de tornar conhecida a história de Dom Bosco e de difundir o carisma que o fundador da Congregação tinha pelos jovens, em especial, os abandonados, e das camadas empobrecidas. Um outro dado importante é a aproximação com a cultura e história local a fim de inculcar os valores da identidade salesiana¹⁷.

2. O Sistema Preventivo - a ação educativa ou processo educativo dos salesianos é denominado Sistema Preventivo ou Sistema Educativo de Dom Bosco. O cerne da questão educativa para os salesianos está na formação integral do jovem, baseado na “*formação de bons cristãos e honestos cidadãos*”.

Para tratar do Sistema Educativo de Dom Bosco, é importante relatar o sonho que Dom Bosco contou aos seus meninos:

¹⁷ Espiritualidade salesiana, Sistema Preventivo, tradição, missão da congregação, reflexão sobre a vida e a ação de Dom Bosco.

Aos nove anos tive um sonho que ficou profundamente gravado em minha mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras:

_ Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude. [...] (BOSCO, 2005, p. 29).

As ações e práticas educativas deixadas por Dom Bosco estão baseadas na prevenção e não na repressão. Isso significa que no agir educativo dos salesianos, tanto os educadores como educandos são informados sobre as prescrições e regras da instituição.

O castigo, a violência e as punições devem ser evitados. O pressuposto é de que o aluno previamente avisado quando comete faltas e estas são levadas ao superior, não fica abatido e não se irrita com a correção, “*reconhece a necessidade do castigo e quase o deseja*” (BOSCO, 1865, pp.142-143).

Nesse mesmo Sistema, anuncia-se que a pedagogia salesiana visa orientar os jovens para a cidadania e plenitude da vida. A crença é de que ao conquistar o “discípulo”, o educador exerce grande influência sobre ele, podendo avisá-lo, aconselhá-lo, corrigi-lo, mesmo quando não se encontra mais no espaço da escola.

Desta forma, o Sistema postula uma presença que não pode ser neutra, busca “*levar a todos os jovens o amor de Deus que os quer salvos [...] querendo sempre o bem do educando e a finalidade transcendente*” (CASTRO, 2007a, p. 26).

3. Intensas atividades no campo religioso, cultural e recreativo – torneios de futebol, missas festivas, cânticos, festival estudantil da canção, alvoradas

festivas, atividades esportivas em diferentes modalidades, jogos estudantis internos, apresentações teatrais faziam parte do calendário escolar.

O calendário letivo das escolas salesianas é fortemente marcado pela interrupção das atividades de ensino em sala de aula. Isso porque os estudantes devem interagir e desenvolver práticas sincronizadas com o espírito da Congregação. Como nos diz Castro (2007a, p. 42): “*Uma casa salesiana sem festa nunca será uma casa salesiana*”.

É característico nas obras salesianas um amplo ambiente físico, campo, imenso pátio desportivo para treinamento de várias modalidades, áreas de recreação que favoreciam a realização das diversas atividades. Assim, a educação passa pela sala de aula, pelos laboratórios, mas, sobretudo, acontece no pátio, e na capela.

4. O espaço escolar – os prédios são planejados e construídos para gerar uma prática educativa nos moldes do espírito salesiano, ou seja, incitando “*a bondade e o carinho (amorevolezza), o espírito de família, o otimismo, uma verdadeira paixão pelo trabalho, a temperança, a criatividade e a flexibilidade no agir*” (CASTRO, 2007a, p. 23).

Os espaços escolares cumprem uma função fundamental como elementos disciplinadores e de inculcação ideológica, pois, organizam, classificam, ordenam e hierarquizam os indivíduos em seu interior, produzindo efeitos que uma vez internalizados ficarão presentes ao longo da vida.

5. Disciplina e sanções – as casas salesianas sempre prezaram muito pelo bom comportamento, respeito, cumprimento dos deveres. O regimento interno determinava as normas de funcionamento e organização das escolas, devendo ser cumprido por todos os envolvidos no processo educacional. Àqueles que porventura descumprissem as determinações sofreriam as penalidades prescritas no documento. Quando um aluno não cumpria com as obrigações estabelecidas estava sujeito a sofrer advertências simples, em aula pelo professor; repreensão

reservada oral ou escrita pelo diretor; suspensão de 1 a 15 dias; expulsão definitiva, com cancelamento de matrícula e expedição de guia de transferência.

A penalidade aplicada aos alunos, em decorrência do não-cumprimento do dever, era registrada na escola pelo diretor, ou em alguns casos raros pelo coordenador, em livro próprio, e deveria ser assinada pela pessoa que apresentou a queixa, pelo responsável pelo aluno quando menor, ou pelo próprio aluno.

No cotidiano escolar, o repicar do sino marcava o ordenamento temporal: a entrada, o recreio, a saída, a chamada para todos os atos, constituindo um elemento de controle do trabalho dos alunos e dos professores.

6. Premiação – constitui um meio disciplinar nas obras salesianas e se davam por meio de elogios na presença dos colegas de classe, elogio à frente das classes reunidas no momento da acolhida ou após o recreio, distribuição de certificados de honra ao mérito, medalhas, exposição do nome do aluno no quadro de honra e até mesmo brindes ou “santinhos” para que o momento ficasse marcado na memória de quem os recebeu, servisse de modelo e estímulos para aquele que assistiu a homenagem.

Em situações como essas, a distribuição de prêmios, além de corroborar às práticas celebrativas, corresponde também a uma prática simbólica que estimula a competição, classifica, exclui, determina ritmos e gestos, visando garantir a identidade da instituição como transmissora e produtora de cultura. Nos colégios salesianos eram oferecidos prêmios aos educandos que apresentassem melhor aproveitamento no processo ensino-aprendizagem.

7. Preleções diárias – são uma prática presente ainda hoje nas casas salesianas no início das aulas, seja no período matutino, vespertino ou noturno. Todos os dias, o diretor ou alguém indicado por ele, dirige algumas palavras afetuosas aos alunos, avisos necessários e admoestações sobre coisas que devem ser feitas ou evitadas.

8. Práticas religiosas – constam no regimento interno a obrigatoriedade de os alunos comparecerem ao colégio, na hora prevista para participar de toda e qualquer atividade religiosa. Uma das finalidades dos colégios era a de “*instruir e educar a juventude católica*”, podendo o educandário aceitar matrículas de alunos de outros credos, mas sem prejuízo do Regimento Escolar (REGIMENTO ESCOLAR, 1971; 1987). A partir dos sete, oito anos, começava a catequese, para o sacramento da comunhão. As manhãs e tardes de formação eram atividades previstas no calendário escolar e ocorriam durante o período das aulas, os alunos eram agrupados de acordo com a faixa etária, o responsável por essas atividades era o coordenador da pastoral. Havia também o ensino de religião, em todos os cursos. A religião era a Católica Romana, com o passar dos anos recebeu a denominação de Ensino Religioso.

9. Ritos e celebrações – fizeram e fazem parte da programação das casas salesianas e integram o processo educativo. Muitas são as celebrações festivas nos ambientes salesianos: exposições escolares, desfiles, exames, formaturas, celebrações religiosas, certames, fanfarras, comemorações cívicas, festivais, festas de encerramento. E esses momentos de celebração são aproveitados para instruir, educar e cultivar os valores morais. Conforme Castro nos alerta (2007a), as celebrações salesianas constituem-se em quatro grupos: cívicas, sociais, religiosas e estudantis.

CAPÍTULO II - COLÉGIO SALESIANO DE SANTA TERESA EM CORUMBÁ E AS FESTIVIDADES RELIGIOSAS

Os salesianos chegaram ao estado de Mato Grosso em 1894 vindos do Uruguai. Corumbá foi a primeira cidade do estado de Mato Grosso visitada pela expedição missionária dirigida por Dom Luiz Lasagna, cujo objetivo era o de implantar um projeto missionário¹⁸.

Na ocasião, a comitiva salesiana foi recebida com festa pelas autoridades locais e, nessa primeira visita, - os salesianos - já apresentavam planos de fundar uma escola e um oratório festivo - considerado um dos elementos fundamentais do projeto educativo salesiano.

Escolas, obras sociais, missões indígenas e paróquias foram as principais modalidades de atuação dos salesianos em todo território nacional. No que diz respeito às escolas, foram fundadas escolas primárias e profissionais, escolas de educação básica com internatos variando de acordo com as necessidades e oportunidades do local onde se instalavam os salesianos.

Ao lado de uma escola salesiana, quase sempre se desenvolve uma outra atividade, por exemplo uma paróquia. A respeito disso, Castro (2007a, p.10) aponta que,

de modo particular, os salesianos, coadjutores ou sacerdotes, sempre devem estar engajados na atividade de pastoral paroquial, em especial no sábado e no domingo, ou em atividades com o Oratório [...].

Depois da visita a Corumbá, a comitiva salesiana conduzida por Dom Lasagna seguiu em direção a Cuiabá, atendendo a solicitação do governador do

¹⁸ Pe. Lasagna superior das casas salesianas do Uruguai recebeu de Dom Bosco a atribuição de estudar a possibilidade de implantar obras salesianas no Brasil. Foi responsável pela instalação de casas salesianas no Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso. Tornou-se bispo em 1893. A expedição missionária chegara em Corumbá em 10 de junho de 1894. (Cf. AZZI, 2000)

estado de Mato Grosso, - Manoel José Murtinho ao bispo de Cuiabá, Dom Carlos D'Amour.

A expedição missionária chegou a Cuiabá em 1894, e o padre Antônio Malan, um dos membros da comitiva, foi nomeado pelo bispo de Cuiabá para a função de vigário da paróquia de São Gonçalo. Cabe enfatizar que foi a primeira paróquia confiada aos salesianos no Brasil. Diante do fato, os religiosos fundaram ao lado da paróquia um oratório festivo para meninos e receberam também a incumbência da “civilização” dos índios, ou seja, tinham como tarefa missionária, a catequização e a incorporação das populações indígenas à nação brasileira¹⁹.

Dourure (1977, p.166) relata a primeira visita dos salesianos a Corumbá dizendo que Dom Lasagna ficou encantado com a cidade, e tinha planos de implantar uma obra salesiana.

Enfim à tarde de 10 de junho de 1894, chegam à Corumbá Dom Luiz Lasagna e os primeiros salesianos destinados à Cuiabá [...] e já Dom Lasagna se enamora de Corumbá e de seus habitantes, traçando planos para abrir escolas, oratórios festivos[...].

A versão escrita por Dourure, retrata um encantamento que não pode ser confirmado, levando-se em conta a carta escrita por Dom Lasagna ao Padre Miguel Rua, Superior Geral dos salesianos, quando descreveu a visita feita a Corumbá, dizendo que:

Somente uma escola para meninos e para meninas, criada por religiosos e por religiosas, poderá com o tempo, mudar o aspecto daquela cidadezinha, sustentada sobre rochas de calcário, arremessada ao vale, e toda voltada ao tráfego e da vida material.

¹⁹ No Mato Grosso, os salesianos iniciaram suas atividades missionárias junto aos índios na colônia Teresa Cristina, mas a atuação foi breve, em 1898, os salesianos foram exonerados por Antônio Correia da Costa. (AZZI,2000, p.213).

Poderemos nós, um dia, concorrer a esta obra de redenção? Queira Deus²⁰.

Ao contrário do que diz Dourure, Dom Lasagna ficou muito preocupado, com o que viu na cidade, e deixa transparecer na carta ao Pe. Miguel Rua, a necessidade de intervenção cultural na localidade, por meio da implantação de uma obra salesiana.

Embora Dourure seja uma fonte importante, no relato da primeira visita dos salesianos a Corumbá, acaba sendo tendencioso por querer mostrar uma história de amor, ou encantamento, que não existiu. Parece que a intenção do autor, é que não vejamos, os salesianos fora da ação missionária. Pois, para Dourure, os salesianos estão sempre movidos por bons princípios e boa fé.

Dom Carlos D'Amour, bispo de Cuiabá, também escreveu ao padre Miguel Rua, demonstrando a importância da cidade para a Congregação, dizendo que:

[...] haverá vantagens para a Congregação, pois esta cidade é sede da alfândega estadual, para tudo que se relaciona com o exterior: além de que meus diocesanos precisam de uma obra salesiana²¹.

O bispo de Cuiabá, na tentativa de convencer o dirigente da Congregação a instalar uma obra salesiana em Corumbá, demonstra num primeiro momento, os benefícios materiais que os salesianos poderiam ter, devido à importância da cidade no contexto estadual e internacional, ficando a questão espiritual, em um segundo plano.

Corumbá é um município localizado na planície do Pantanal, na fronteira com a Bolívia e o Paraguai, fundado em 21 de setembro de 1778, como parte da consolidação do domínio luso na região. E, a partir de meados do século XIX, constituiu-se no principal entreposto comercial do oeste brasileiro.

²⁰ Carta de 27/10/1894 ao superior geral da ordem salesiana. Arquivo Salesiano de Roma apud MANFROI (1997, p.50). Solamente una scuola per fanciuli e per fanciuli diretta da religiosi e da suore potrebbe col tempo mutare l'aspetto di quella cittadina, inalzata sulle rocche calcaree, durdegiata da solleone e tuta intensa al traffico ed della vita materiale. Potremo noi um di concorrere a quest'opera di regenerazione? Dio lo voglia.

²¹ Carta de 14/10/1898 ao superior geral da ordem salesiana. Arquivo Salesiano de Roma apud MANFROI (1997).

Com o crescimento da navegação do rio Paraguai, Corumbá projetou-se como a principal cidade dentro da hierarquia urbana de Mato Grosso. A partir de 1857, os grandes comerciantes dos portos de Cuiabá e de Corumbá controlavam todo comércio de importação e exportação do Estado. Esse controle foi possível devido ao acordo entre os governos paraguaio e brasileiro ao qual permitiu a abertura do porto ao mercado internacional. A partir daí, Corumbá passou por um extraordinário desenvolvimento, e tornou-se, um dos mais importantes portos fluviais do país, através da hidrovia do rio Paraguai e bacia do prata²².

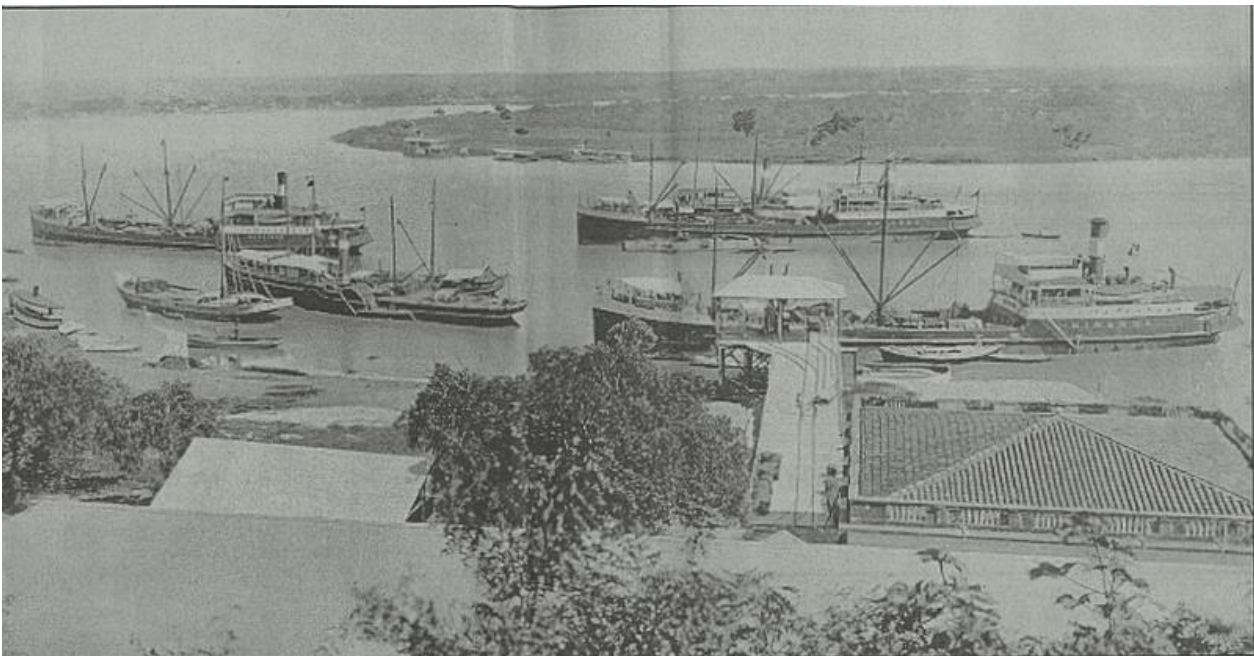


FIGURA 2. O movimentado porto de Corumbá no século XIX por onde desembarcaram os primeiros salesianos. (Fonte: Folha de Corumbá, nº 492, 10/04 a 16/04/1999, Edição especial).

Por servir de grande entreposto comercial transitava por Corumbá, o grosso da produção regional que se destinava ao exterior e que abastecia todo o norte e grande parte do sul-mato-grossense. “A cidade colocou até mesmo Cuiabá na sua órbita de influência”. Regiões, cujo acesso demandava o trânsito por Corumbá, a esta se subordinaram (ALVES, 1985, p.71).

²² Corumbá tinha linhas regulares de navegação para Assunção, Montevidéu, Buenos Aires, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Europa e resto do mundo. (ALVES, 1985).

Como escreveu Dom Luiz Carlos D'Amour ao superior da Congregação Salesiana, “*haverá vantagens para a Congregação*”, Corumbá de fato era e foi um lugar propício para a instalação de uma obra salesiana, ocupava lugar de destaque no contexto regional, inclusive foi cogitada para ser a capital do estado de Mato Grosso do Sul.

A implantação da obra salesiana na “*cidade branca*” contou com o apoio de diversos representantes da sociedade dentre eles, religiosos, políticos, militares e civis²³.

Em março de 1899, vindos de Cuiabá, após cinco anos da primeira solicitação da presença dos salesianos em Corumbá, chegaram os primeiros salesianos Pe. Agostinho Colli, Pe. Antonio Bella, acompanhados dos irmãos Fernando Porrela e Silvio Milanese capitaneados pelo Pe. Angelo Cavatorta, designado diretor da nova obra que tinha como objetivo “*preencher sensível lacuna da educação intelectual e religiosa das crianças corumbaenses*”²⁴. Fundaram o Colégio Salesiano de Santa Teresa em 04 de abril de 1899, com o apoio financeiro da aristocracia agrária que estava desejava de oferecer a seus filhos uma instrução e educação ministrada por religiosos europeus, da Câmara Municipal da cidade que doou terrenos para a edificação do Colégio, e do Bispo de Cuiabá que além do apoio formal, contribuiu com verbas à Congregação para a construção do Colégio e da igreja.

Inicialmente o Colégio funcionava em casa alugada, com cursos infantil, primeiro elementar e curso elementar.²⁵ Era um Colégio para meninos, externos, semi-internos e, alguns, por virem das fazendas, viviam sob regime de internato.

²³ Cidade Branca – Corumbá é conhecida como cidade branca pela cor clara de sua terra, pois está assentada sobre uma formação de calcário. Localizada à margem esquerda do rio Paraguai, a maior parte do município é ocupado pelo Complexo do Pantanal. Em razão disso, o apelido Capital do Pantanal denota a importância de Corumbá, que é a principal, e mais importante, zona urbana da região alagada.

²⁴ Trecho retirado do ofício de 28 de março de 1899, endereçado à Câmara Municipal de Corumbá anunciando a abertura do Colégio Salesiano de Santa Teresa.

²⁵ O curso primário compreendia dois cursos: o primeiro elementar (“*primeiras letras*”) e o elementar (corresponde hoje do 1º ao 5º ano do ensino fundamental).

Após um ano de início das atividades educacionais, o Padre Ângelo Cavatorta, diretor da escola e uns dos pioneiros da obra salesiana em Corumbá solicitou a Câmara Municipal a posse “*por aforamento perpétuo*” dos lotes doados para a construção do Colégio²⁶.

Embora os salesianos tivessem recebido apoio para a implantação da obra de Dom Bosco, houve reação à presença salesiana devido à forte influência de liberais e maçons italianos na sociedade. A divergência maior era entre o diretor do Colégio e o pároco da cidade. À época, o pároco da cidade era o italiano Constantino Tarzio, simpatizante da Unificação Italiana que foi suspenso por dois meses de suas ordens pelo bispo Dom Carlos D’Amour por ter feito na ocasião da morte do rei Humberto I da Itália, em 1900, um discurso em memória do monarca e um solene funeral na igreja matriz, atendendo ao pedido da colônia italiana local. Durante o impedimento do sacerdote, o Bispo atribuiu aos sacerdotes salesianos a responsabilidade pela paróquia²⁷.

As relações dos salesianos com pároco foram tensas desde o início da obra educativa em Corumbá e pioraram ainda mais quando das denúncias do diretor salesiano - padre Ângelo Cavatorta – ao prelado, sobre o espírito liberal do padre Tarzio²⁸. Episódio que gerou um clima de tensão na cidade e reação à presença salesiana, pois o Padre Tarzio contava com o apoio da colônia italiana local.

Durore (1977, p.170-171) apresenta a reação à presença salesiana de forma falaciosa, quando diz que

²⁶Aforamento-contrato pelo qual o proprietário de um imóvel transfere o domínio útil e perpétuo deste, mediante o pagamento de um *foro* anual, certo e invariável. Trata-se de um dispositivo sobre benefícios por privilégio ou honraria. Dicionário Jurídico Brasileiro Acquaviva.

²⁷ O conflito entre as autoridades religiosas de Corumbá foi marcado pela fidelidade dos salesianos a Igreja Romana enquanto o pároco da cidade era favorável à formação do Estado Italiano, contrariando os interesses do Estado Pontifício.

²⁸ A respeito do Padre salesiano Ângelo Cavatorta DUROURE (1977, p.170) escreveu “*A este sacerdote, zeloso e mais amarrado à letra da lei, faltava esta fina educação, fruto da caridade [...] bruto nas suas respostas, não media o alcance de suas palavras [...]*”.

O núcleo de anticlericais, que dominava a cidade e para o qual a religião não passava de um aparato cerimonioso, válido para sua vida social [...] iniciou contra eles (os salesianos) violenta campanha de calúnias e de boatos injuriosos, chegando a petulância de alguns macaquearem em cordões carnavalescos, disfarçados de padres, principalmente da figura do diretor.

O autor parece não levar a sério o conflito político, dando a entender que pessoas ilustradas, na concepção dele, os salesianos, foram ridicularizados por pessoas torpes, não analisando o processo político na qual o conflito fazia parte. Deixa de relatar que a reação a presença salesiana em Corumbá, por parte de membros da colônia italiana local, estava ligada ao movimento que ocorria na Itália em favor da unificação dos Estados italianos e de uma política de laicização do Estado e da cultura.

Diante das manifestações de repúdio de parte da população local e da mudança de atitude dos representantes da Câmara Municipal de Corumbá, que votaram pelo cancelamento (em 1901) do auxílio que davam ao Colégio e, conseqüentemente, aos padres salesianos, estes ameaçaram deixar a cidade em direção a São Luís de Cáceres²⁹.

O conflito entre salesianos, o pároco e setores da sociedade, somados à intenção dos salesianos de retirarem-se da cidade, levou a mobilização de pessoas influentes da sociedade, que reagiram aos “*anticlericais*”, encabeçando um abaixo assinado em busca de apoio moral, aceitação popular e subsídios econômicos.

Quando a Câmara Municipal (1901) retirou o apoio financeiro que concedia aos salesianos, um setor social se mobilizou para fazer com que a obra salesiana continuasse, o que explicitou o vínculo dos salesianos com os representantes de um determinado setor da elite corumbaense³⁰.

²⁹ Arquivo do Colégio Salesiano de Santa Teresa. Corumbá.

³⁰ PROENÇA (S/D, p.117) refere-se a elite corumbaense caracterizando-a como “*abastados fazendeiros e grandes comerciantes descendentes de sírio-libaneses*” soma-se a esses, os militares e os profissionais liberais.

[...] se o Colégio Santa Teresa foi um tempo útil nesta cidade, hoje tornou-se necessário, porquanto é o único estabelecimento de instrução no qual os pais de família possam educar os filhos de conformidade às próprias crenças e considerando que o colégio, desde que se estabeleceu, nunca negou a matrícula solicitada, sustentando durante o corrente ano com toda a regularidade, o curso complementar não obstante ao número limitadíssimo de seis alunos[...] tomamos o compromisso de auxiliá-lo e resolvemos cotizar-nos para entregar ao diretor do mesmo estabelecimento a quantia de 1.400\$000 (um mil e quatrocentos réis) em substituição à verba que lhes foi tirada³¹.

O fragmento acima, evidencia que não se trata de uma moção de apoio popular, mas de uma efetiva preocupação de um grupo de pessoas endinheiradas que resolveu defender a presença dos salesianos em Corumbá.

Em abril de 1899, início das atividades educacionais dos salesianos em Corumbá, como não possuíam prédio próprio as aulas aconteciam em uma residência alugada a rua 13 de junho. À época, o Colégio Santa Teresa tinha 35 alunos matriculados e nos meses seguintes o número subiu para 160. (CORAZZA, 1995).

O bispo Dom Carlos ficou muito satisfeito com a chegada dos padres salesianos a Corumbá e logo depois da chegada deles (1899) doou à Congregação dos missionários salesianos o terreno situado na praça de Santa Teresa. A Câmara Municipal em regozijo à chegada dos salesianos fez doação de lotes para a construção do prédio que teve, em 29 de maio de 1902, lançada a pedra fundamental e em 29 de janeiro de 1905, festa do padroeiro da Congregação - São Francisco de Sales - foi inaugurada a primeira ala do Colégio (FIGURA 3), onde se instalaram as salas de aula e a residência dos salesianos.

Quando começou a construção do prédio, o padre Ângelo Cavatorta não era mais o diretor do Colégio. Os desentendimentos e tensões ocasionados por ele junto à população, levaram os superiores da Congregação a mandá-lo de volta a Itália e substituí-lo pelo padre uruguaio Artur Castels. Essa atitude foi

³¹ Arquivo do Colégio Salesiano de Santa Teresa. Corumbá.

necessária para que os salesianos pudessem dar continuidade à instalação do Colégio e conquistar a simpatia do povo.

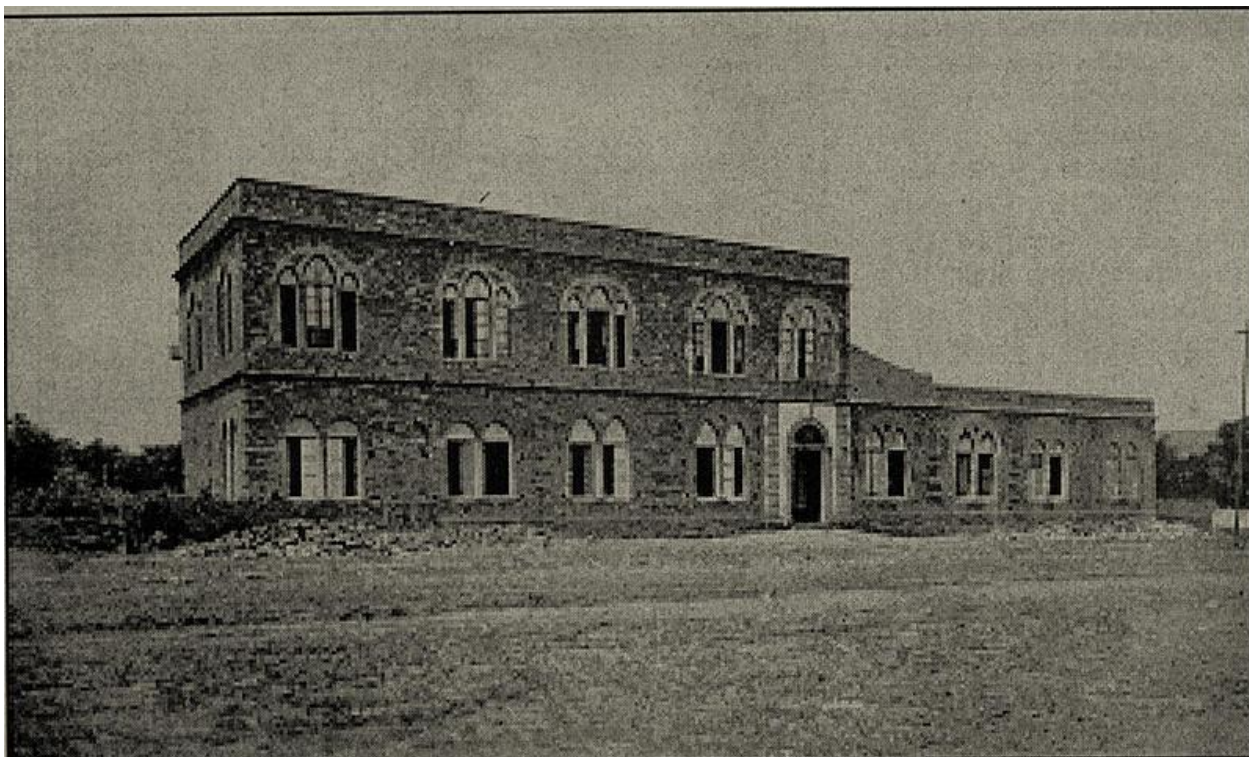


FIGURA 3. Colégio Santa Teresa, 1º prédio (ala) 1903-1930 (Acervo do Colégio).

O Colégio, fundado pelos salesianos em Corumbá recebeu o nome de Santa Teresa pelo fato do terreno onde o prédio foi construído estar localizado na praça fronteira denominada de “*Praça Santa Teresa*” (CORAZZA,1995).

É interessante apontar que a fundação do oratório festivo em Corumbá foi posterior à fundação do Colégio Salesiano de Santa Teresa, sendo inaugurado no dia 24 de junho de 1902, dia de São João. No Brasil, os oratórios festivos foram organizados de duas formas diferentes. A maioria dos oratórios foram constituídos no início da obra educativa salesiana, como exemplo, temos os Oratórios fundados em Araras-SP, Recife-PE, Cuiabá-MT e Ladário-MT; outras vezes, foram organizados quando a obra salesiana já estava em atividade, como foi o caso de Corumbá-MT, Lorena-SP e Niterói-RJ.

A festa de inauguração do oratório festivo criado em Corumbá foi descrita pelo Padre Artur Castel em carta ao diretor do Boletim Salesiano, datada de 02 de julho de 1902, citada por Azzi (2000, p. 306):

Foi um dia grande, um dia cheio. A missa foi cantada pelos alunos do colégio, que com tanto gosto se prestam em tais solenidades. [...] O número de meninos que anuíram pela primeira vez ao convite para a formação do novo Oratório é admirável. À tarde, a nossa modesta capela estava repleta de devotos e de meninos que, depois de uma prática, receberam uma pequena lembrança do Sagrado Coração, para que não se esquecessem de tão belo dia.

A citação acima nos permite afirmar que a solenidade festiva de inauguração do oratório foi planejada e construída para ter uma presença impactante na vida dos meninos frequentadores do oratório, inclusive com entrega de lembranças. As atividades realizadas pelos salesianos nos oratórios, tinham como finalidade instruir os meninos, na moral cristã, afastando-os dos perigos espirituais e corporais.

A clientela que frequentava o oratório era em sua maioria meninos, oriundos de famílias pobres. Alunos que estudavam na condição de externos do Colégio Salesiano de Santa Teresa também iam aos domingos e dias santos participar das atividades do oratório festivo atraídos pelas brincadeiras e divertimentos.

Podemos considerar os oratórios salesianos espaços de lazer e de formação, sendo que uma das finalidades era a de evitar que os jovens se rendessem aos perigos morais nos dias de repouso e ócio. A função preventiva dos oratórios ficava em evidência nas reuniões, pois, nelas as atividades religiosas e recreativas ocupavam lugar de destaque. Os jovens que dele participavam e que tinham bom comportamento, frequência nas celebrações dos domingos e dias santos, recebiam “*pontos de frequência*” obtidos gratuitamente, que serviam para concorrer periodicamente a prêmios.

Sabemos que cada instituição possui particularidades, traços ou características que lhes conferem identidade e “*vida própria*” e é preciso

apreender o que se faz na escola, nos seus diferentes tempos e lugares (CHARTIER, 2000).

O Colégio Salesiano de Santa Teresa, desde a sua fundação, contemplou o interesse de setores da elite. Portanto, os primeiros alunos a se matricularem no Colégio, não eram pobres e nem abandonados, e sim filhos de famílias de influência na cidade de Corumbá, possuidoras de recursos e desejosas que seus filhos fossem preparados para ocupar funções de liderança e cargos públicos de destaque. Apenas um pequeno número de pessoas de baixa renda conseguia bolsas, meia bolsa, ou um benfeitor, que possibilitasse o ingresso naquele ambiente escolar.

O fragmento a seguir, retirado do jornal Diário da Manhã, reitera a ideia que o Colégio Salesiano de Santa Teresa foi importante para o desenvolvimento da cidade e para a formação de homens públicos que se destacaram em diversos setores da sociedade.

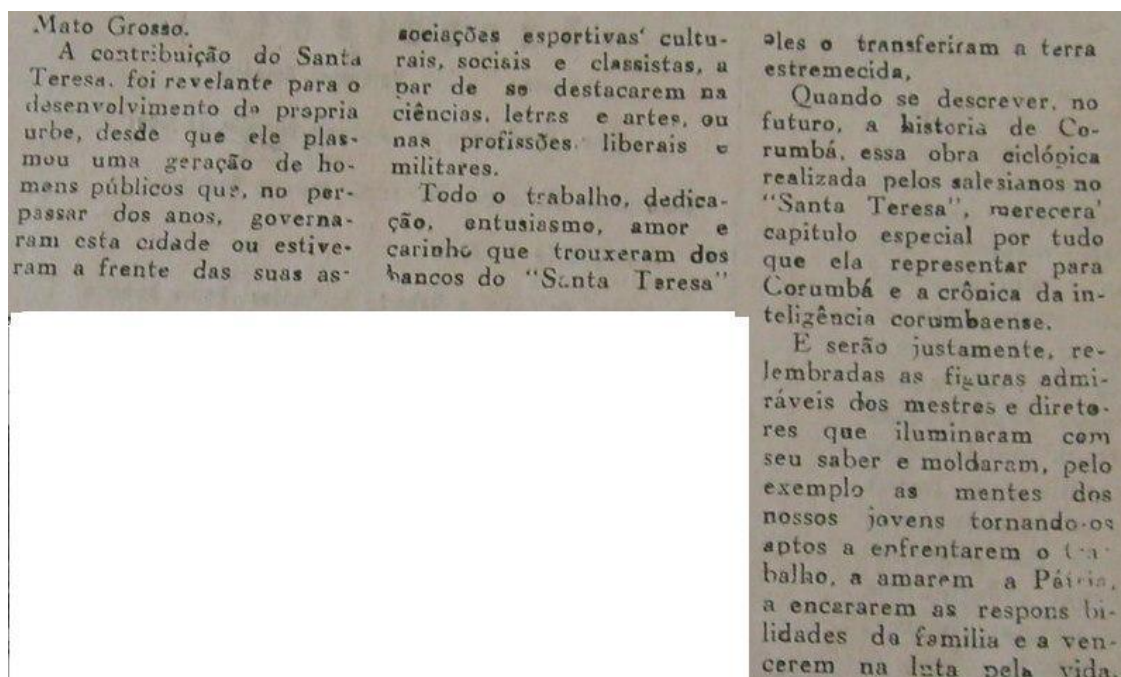


FIGURA 4. Oitenta anos do Santa Teresa. (Fonte: Diário da Manhã, n. 121, Corumbá, 17 ago. 1979. Ano I).

As informações publicadas na imprensa local, nos documentos oficiais e nas entrevistas concedidas por pessoas que dele fizeram parte, ocupando

diferentes posições: administradores, funcionários, professores, alunos, pais, entre outros. O período que elegemos para estudo nos permite afirmar que desde o início de suas atividades, o Colégio obteve grande projeção na sociedade local e regional.

Buscando entender como a imprensa local divulgou as notícias e acontecimentos relacionados ao Colégio Salesiano de Santa Teresa no período de 1972-1987, consultamos os jornais de circulação diária: Correio de Corumbá, Diário da Manhã, Folha da Tarde e o Momento.

A intenção era identificar, na publicação desses periódicos, a trajetória histórico-educacional do Colégio, bem como, as ideias, as representações, os jogos de poder, presentes no imaginário e na ação das elites, mas também daqueles que decidiam o que noticiar.

Utilizamos nesse trabalho diversas fontes e o cruzamento com as informações presentes nos periódicos nos permitem observar as opiniões, as críticas, os discursos diretos ou indiretos sobre as práticas educativas. Como sabemos, a imprensa era um importante instrumento de representação ideológica, apesar de não ser neutra e nem imparcial, é formadora da opinião pública por veicular informação a respeito da vida política, econômica, moral, religiosa, dentre outras.

Várias notícias e reportagens divulgando os trabalhos considerados mais significativos relacionados às atividades desenvolvidas no cotidiano do Colégio foram publicadas ao longo do período estudado.

Por ocasião do 75º aniversário da escola, foram publicados dois poemas que teciam elogios, homenageavam o educandário e os mestres salesianos. Ambos punham em evidência as dificuldades encontradas e vencidas pelos salesianos. A intenção dos autores dos poemas era de engrandecer os salesianos mostrando-os como heróis combatentes por terem vindos para uma cidade que era “*inóspita e desconhecida*”, e na visão dos escritores, desbravaram-na.

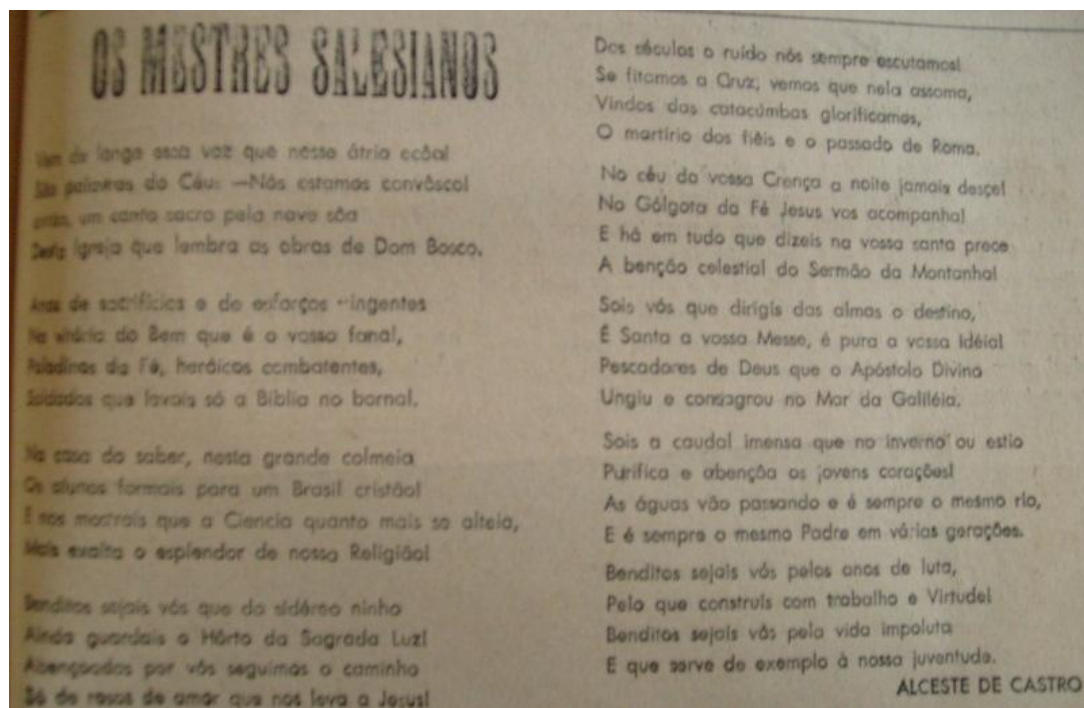


FIGURA 5. Mensagem publicada em homenagem aos 75 anos do Colégio Salesiano de Santa Teresa. (Fonte: Folha da Tarde, Corumbá, 06 set. 1974. Ano XV).

A seguir, está transcrito parte do poema de Alceste de Castro.

Os Mestres Salesianos

Vem de longe essa voz que nesse átrio ecoa
São palavras do céu: - Nós estamos convosco!
Um canto sacro pela nave soa
Dessa Igreja que lembra as obras de Dom Bosco.

Anos de sacrifícios e de esforços ingentes
Na vitória do bem que é vosso fanal,
Paladinos da fé, heróicos combatentes
Soldados que levais só a Bíblia no Bernal.

Na casa do saber, nesta grande colméia
Os alunos formais para um Brasil cristão
E nos mostrais que a ciência quanto mais se alteia,
Mais exalta o esplendor de nossa religião!

Bendito sejais vós que do sidéreo ninho
Ainda guardais o horto da sagrada luz!
Abençoados por vós seguimos o caminho.
Só de rosas de amor que nos leva a Jesus!
[...]

Sois vós que dirigis das almas o destino,
É Santa a vossa Messe, é pura a vossa ideia!
Pescadores de Deus que o Apóstolo Divino
Ungiu e consagrou no Mar da Galiléia.
[...]
Bendito sejais vós pelos anos de luta,
Pelo que construís com trabalho e virtude!
Bendito sejais vós pela vida impoluta
É que serve de exemplo a nossa juventude.

Como podemos perceber, os salesianos utilizaram-se da mídia local para fazer propaganda autoelogiosa de sua obra. Os poemas foram escritos por Alceste de Castro, ex-aluno do Colégio e Marley Araujo, naquela época ainda aluna. A “*Homenagem aos salesianos*” corresponde à poesia vencedora de um concurso realizado por ocasião da celebração do aniversário do Colégio.

Interessante no poema de Castro, a passagem em que o Colégio é comparado a uma “*grande colméia*” que na opinião do escritor tinha a importante tarefa de formar os alunos para a ciência e para um Brasil Cristão. Cabe lembrar que no período em que esse poema foi escrito, recém tinha entrado em vigor (1972) o Convênio firmado (em 1971) entre a Missão Salesiana e o estado de Mato Grosso, dando origem a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Santa Teresa, mas não extinguindo de imediato o Colégio Salesiano de Santa Teresa. Coexistindo assim, duas escolas em um mesmo prédio.

HOMENAGEM AOS SALESIANOS

Quando aqui eles chegaram
Com muita dificuldade,
Muito de si eles deram
Pra aumentar nossa cidade.

E a cidade foi crescendo,
Os seus passos acompanhando,
Uns nascendo outros morrendo,
Uns perdendo, outros ganhando.

Chegando a uma região
Inóspita e desconhecida,
Fundaram este visarão
Que orienta a nossa vida.

Mocidade aqui presente
Orgulhem-nos desta data,
Eles formaram uma frente,
Desbravando rios e matas.
MARLEI ARAUJO

Nem toda obra progride
Nem todo esforço é bem pag;
Procuremos sem revide
Retribuir este afago.

Afago que nos dão
Os mestres salesianos,
Nunca medindo esforços
Nestes setenta e cinco anos.

Não são setenta e cinco dias
São setenta e cinco anos,
Unamos as nossas alegrias
À dos bravos salesianos.

Só louvores temos a dar,
Por tamanha dedicação,
Rezar e pedir a Deus,
Que lhes dê a gratidão.
Lo Colegial "A"

FIGURA 6. Mensagem publicada em homenagem aos 75 anos do Colégio Salesiano de Santa Teresa. (Fonte: Folha da Tarde, Corumbá, 25 maio. 1974. Ano XV).

Reproduzo também o poema de Marlei Araujo:

Homenagem aos salesianos

Quando aqui eles chegaram
Com muita dificuldade,
Muito de si eles deram
Para aumentar nossa cidade.
E a cidade foi crescendo,
Os seus passos acompanhando,
Uns nascendo, outros morrendo,
Uns perdendo, outros ganhando.

Chegando a uma região
Inóspita e desconhecida,
Fundarão esse casarão
Que orienta a nossa vida.

Mocidade aqui presente
Orgulhemo-nos dessa data
Eles formaram uma frente
Desbravando rios e matas.

Nem toda obra progride
Nem todo esforço é bem pago
Procuremos sem revide
Retribuir este afago.

Afago que nos dão
Os mestres salesianos,
Nunca medindo esforços
Nestes setenta e cinco anos.
[...]

A opinião expressa nos textos dos jornais fazem parte das representações sociais construídas sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa e nos permite compreender como persistiu no meio social a imagem de uma instituição considerada responsável pelo progresso local e regional. A ideia de que os salesianos eram “*paladinos da fé*”, exemplos de trabalho, virtude, e de “*vida impoluta*”, povoava a mentalidade dos dirigentes da cidade, da elite local, e eram apropriadas pela sociedade como um todo.

Os processos educacionais no Colégio Salesiano de Santa Teresa se configuravam tendo como finalidade precípua ministrar a “*educação religiosa, intelectual, moral e cívica à juventude, dentro dos planos, leis e normas estabelecidas pelas autoridades federais, estaduais e municipais*” e, de acordo com o Sistema Preventivo de Dom Bosco, visto que se tratava de uma escola salesiana confessional católica³².

³² Regimento Interno do Colégio Salesiano de Santa Teresa, 1971.

Sendo uma escola confessional católica, o caráter religioso era bem marcante. Os alunos recebiam formação religiosa completa, desde as orações diárias, retiros, até a catequese.

Os padres salesianos, durante décadas, tiveram em suas mãos a responsabilidade de formar seus educandos buscando torná-los “*bons cristãos e honestos cidadãos*”. Há que se destacar que a escola era um espaço que impunha padrões de bom comportamento e de bons costumes, entre os quais a ordem e a disciplina eram requisitos fundamentais e indispensáveis para realizar o ensino, civilizar e moralizar. Ao mesmo tempo, deveria contribuir para dar credibilidade e valorização à instituição educativa.

De acordo com os ensinamentos de Dom Bosco, era preciso educar para fortalecer a vontade e regar o espírito; privilegiar a formação integral para a vida terrena e eterna; num clima familiar, porém exigente, em que a responsabilidade, a promoção por desempenho, a solidariedade, e o civismo deveriam ser cultivados. As práticas educativas em todas as suas dimensões, segundo os ditames do fundador da Congregação, só seriam concretizadas por meio de uma educação evangelizadora, sólida e profunda.

As famílias abastadas que optaram desde a fundação do Colégio por ali matricularem seus filhos, em geral, adotavam uma prática de disciplina rígida, pois entendiam ser um meio eficaz de educação. É importante observar que a credibilidade na instituição passava pela disciplina que era considerada a alma do ensino.

Podemos afirmar que as representações sociais construídas sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa eram de que seus egressos deveriam ser os responsáveis pela gestão pública e privada na cidade, na região, e até mesmo no país, dada a qualidade do processo educacional que frequentaram.

Schneider (1988, p.58) diz,

[...] seus ex-alunos, hoje pelo mundo afora sobressaem como brilhantes acadêmicos: Direito, Medicina, Engenharia, Agronomia; conceituados profissionais: juristas, advogados, jornalistas e muitos competêntísimos professores e servidores públicos [...] Todos capacitados, honrando sobremaneira o seu Colégio, a sua cidade e o seu belíssimo país.

A citação acima chama atenção para os diferentes sujeitos educados pelo Colégio Santa Teresa e legitima o *status quo* dos egressos e do educandário, permitindo-nos afirmar que o tipo de saber, recebido pelos indivíduos nas instituições têm consequências no seu nível de desenvolvimento pessoal, em suas relações sociais, e no *status* que ocupa na sociedade.

No cenário educacional corumbaense, o Colégio ocupava um papel central em todos os aspectos, era o local privilegiado onde se desenvolviam as práticas educativas, culturais e esportivas. A própria edificação destinada às atividades escolares demonstrava o lugar social destinado àqueles que estivessem dispostos a aceitar as normas, as restrições e as obrigações escolares.

O prédio era amplo, com boas acomodações e benfeitorias adequadas para a época e estava localizado na parte central da cidade, em frente a Praça Santa Teresa. Como fora construído especialmente para a finalidade educativa, a construção sinalizava que o Colégio havia sido idealizado para durar. Ao lado dele, como em toda obra salesiana, havia uma igreja (Figura 7) muito usada nas festas e comemorações religiosas integrantes do calendário escolar, mas também utilizada em outras celebrações da cidade.

É importante considerar que a “*arquitetura escolar é um elemento cultural e pedagógico não só pelos condicionamentos que suas estruturas induzem, [...] mas também pelo papel de simbolização que desempenha na vida social*” (ESCOLANO, 2001, p.33). Dotados de significados os espaços escolares transmitem estímulos, conteúdos, valores, ao mesmo tempo que estabelecem normas disciplinares.

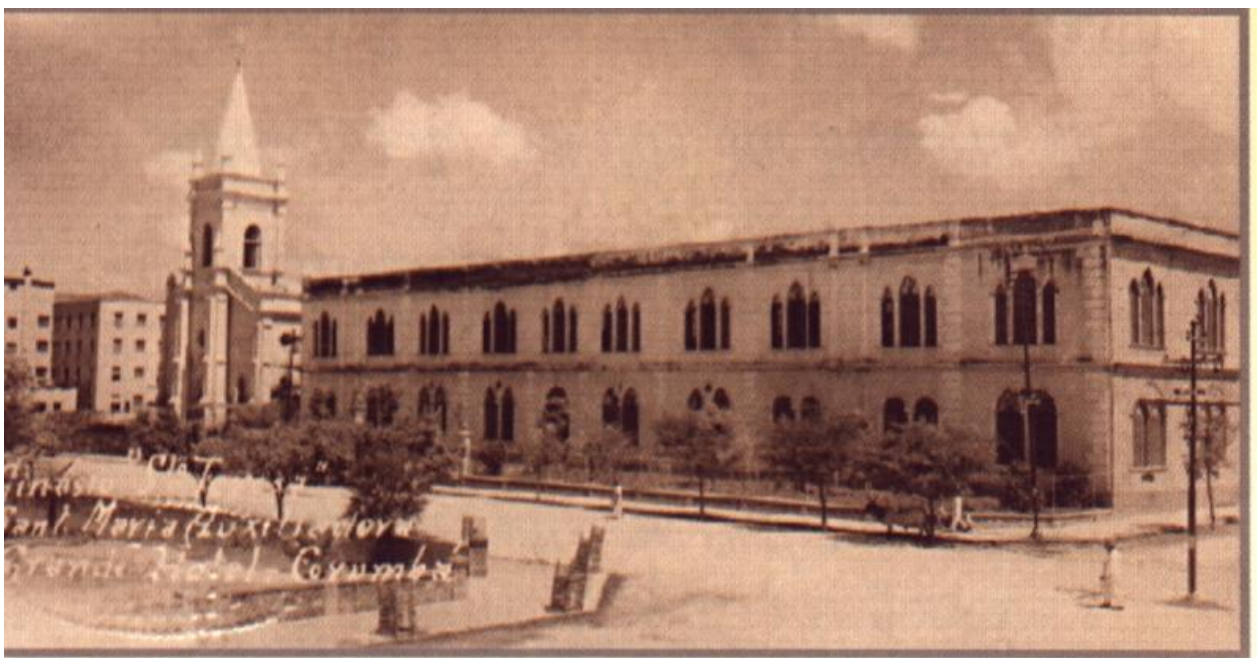


FIGURA 7. Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá-MS. Prédio em funcionamento durante a década de 1930 ao final da década de 1960. Esse edifício foi demolido em 14 de março de 1960. (Acervo do Colégio).

Desde o início das atividades educacionais em 1899, o Colégio Salesiano de Santa Teresa, no imaginário social local, tem sido referência na educação corumbaense pela qualidade da formação acadêmica dos padres salesianos, se comparados “*aos professores leigos das demais escolas*” (MANFROI, 1997, p.82). Predominava a imagem de Colégio de qualidade, sendo esta ideia associada à disciplina imposta pela escola e por seus professores, pela erudição dos docentes, bem como pelo sucesso dos seus ex-alunos na vida acadêmica e social.

O Colégio era considerado um lugar social reservado aos “*eleitos*” ou seja, àqueles que pudessem pagá-lo, no caso, as camadas médias e superiores da sociedade. Dessa maneira, alunos oriundos desses setores sociais tinham como opção o ensino secundário e ao concluí-lo seguiam para outros estados, a fim de ingressar no ensino superior, retornando, posteriormente, a Corumbá para assumir cargos de destaque na sociedade.

A partir de 1953, os salesianos começaram a fundar obras educacionais e assistenciais que ocupavam o mesmo terreno do Colégio Santa Teresa. Tais obras que apresentarei no próximo tópico, foram capitaneadas pelo padre Miguel Alagna, diretor do Colégio, e tinham por finalidade atender aos setores populares da cidade.

O quadro 01 traz dados numéricos do total de alunos matriculados no Colégio Salesiano de Santa Teresa no período de 1899 a 1953, período esse que o Colégio era destinado aos meninos, e era exclusivamente particular.

Quadro 1. : Matrículas no Colégio Salesiano de Santa Teresa (1899-1953).

Ano N°	Ano N°	Ano N°	Ano N°	Ano N°	Ano N°
1899 – 161	1909 – 076	1919 – 221	1929 – 187	1939 – 279	1949 – 272
1900 – 129	1910 – 148	1920 – 201	1930 – 132	1940 – 280	1950 – 281
1901 – 079	1911 – 162	1921 – 126	1931 – 150	1941 - 333	1951 – 264
1902 – 100	1912 – (?)	1922 – 174	1932 – 176	1942 – 273	1952 - 304
1903 – 116	1913 – 156	1923 – 185	1933 – 197	1943 – 246	1953 - 349
1904 – 120	1914 – 179	1924 – 221	1934 - 243	1944 – 228	
1905 – 173	1915 – 129	1925 – 237	1935 – 256	1945 – 288	
1906 – 127	1916 – 178	1926 – 292	1936 – 243	1946 - 246	
1907 – 124	1917 – 189	1927 – 251	1937 – 279	1947 – 305	
1908 – 071	1918 – 200	1928 – 324	1938 – 275	1948 – 291	

Elaborado para o presente trabalho. Fonte: Arquivo do Colégio Salesiano de Santa Teresa.

Podemos ver que apesar do número de alunos haver duplicado entre os anos de 1899 e 1953, o quadro mostra uma variação grande do número de matriculados a cada ano. Por vezes, o ano letivo iniciava com menos de cem alunos.

2.1 O Colégio Salesiano de Santa Teresa e as Obras Educacionais e Assistenciais Adjuntas

O padre Miguel Alagna foi diretor do Colégio Salesiano de Santa Teresa por duas gestões, de 1946-1954 e de 1961-1966. Como diretor, foi responsável por criar as obras educacionais e assistenciais junto ao Colégio Salesiano de Santa Teresa.

Até 1953, o Colégio Salesiano de Santa Teresa não realizava nenhum trabalho pedagógico voltado para os setores populares como preconizava a obra salesiana italiana. O projeto educacional elaborado pelo padre Miguel Alagna, após 54 anos da presença salesiana em Corumbá, visava o atendimento dos setores populares, mantendo, porém, o Colégio para os setores da elite.

O Círculo Operário Dom Bosco, destinado aos meninos e meninas dos setores populares e dirigido pela Missão Salesiana de Mato Grosso, foi criado em 1953. Em 1954, pelo Decreto do MEC nº 1894, de 15/06/1954, recebeu a denominação de Grupo Escolar do Círculo Operário Dom Bosco e passou a receber matrículas somente para meninas dos setores populares. Esse Grupo Escolar tornou-se misto, conveniado e mantido pelo estado de Mato Grosso a partir de 1955³³. Na ocasião foi nomeado como diretor o Pe. Miguel Alagna, também diretor do Colégio Salesiano de Santa Teresa.

A realização do primeiro exame de admissão no Grupo Escolar do Círculo Operário Dom Bosco em 1963, levou ao desmembramento do mesmo, criando outra obra salesiana: o Ginásio Industrial Domingos Sávio, visando receber os alunos do Grupo Escolar aprovados no exame. Então, tanto o Grupo Escolar como o Ginásio Industrial e o Colégio Salesiano de Santa Teresa tinham o mesmo diretor: o padre Miguel Alagna.

Em 1966, ainda no mesmo terreno foi criado pelo Decreto nº 61 de 10.06.1966, um segundo Grupo Escolar voltado para o atendimento dos meninos pobres. Foi o Grupo Escolar da Ação Social Salesiana administrado pelo mestre Luis Assis França³⁴. A criação desse Grupo Escolar fez com que o Grupo Escolar do Círculo Operário voltasse a ser novamente exclusivo para as meninas pobres.

³³ Arquivo do Colégio Salesiano de Santa Teresa.

³⁴ Mestre, irmão salesiano ou coadjutor são os religiosos leigos que desenvolvem atividades educativas e evangelizadoras junto aos salesianos sacerdotes na comunidade, a serviço dos jovens, coordenam ou dirigem escolas, albergues, institutos técnicos, centros de promoção agrícola, centros de desenvolvimento social, centros editoriais, dentre outras atividades da missão salesiana e de acordo com Dom Bosco são fundamentais para a sobrevivência da congregação.

O Grupo Escolar do Círculo Operário Dom Bosco (1954), o Ginásio Industrial Domingos Sávio (1963) e o Grupo Escolar da Ação Social Salesiana (1966) surgiram de um Convênio celebrado entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e o estado de Mato Grosso, portanto, não eram mantidas exclusivamente com financiamentos da Missão Salesiana, mas havia repasse de verbas do governo do estado de Mato Grosso. Essas escolas administradas pelos salesianos formavam um centro educacional independente do Colégio Santa Teresa. Tinham por finalidade preparar, profissionalmente, os jovens dos setores populares para o trabalho e estiveram em funcionamento até 1971.

Tais obras adjuntas possuíam um caráter diferenciador, legitimavam a estratificação social, à medida que oferecia aos jovens dos setores populares, capacitação técnica e artesanal, num período em que o trabalho manual era estigmatizado, considerado inferior e degradante. Sem dúvida, foi um mecanismo encontrado para satisfazer as duas realidades sociais, uma tentativa de evitar o conflito e garantir a ordem.

Os espaços adjuntos mostravam a separação existente nos setores sociais, admitia-se que os sujeitos dos setores populares precisavam ser educados, profissionalizados, mas com clara diferenciação e atendimento segregado.

Em todos os espaços educativos a educação era assentada em bases morais, enfatizada pela ideia de que a vida do espírito e a vida material são complementares. O cuidado moral incluía normas rigorosas na tentativa de modelar o caráter, de nortear a vida terrena por meio de prescrições, dos valores e da proposta de um projeto de vida que formasse o *“bom cristão e o honesto cidadão”*.

No Colégio Santa Teresa a educação era conteudista. Ensinava-se aos alunos que para o exercício do poder e da liderança política era necessário conteúdo e mérito, ao mesmo tempo, desenvolviam relações de sociabilidade e afetividade muito fortes.

Já para os pobres, os salesianos tinham uma visão e um discurso assistencialista. Era preciso profissionalizar, porque era melhor ter um ofício do que não saber fazer nada. Na verdade, os salesianos não faziam a inclusão dos alunos dos setores populares na mesma escola, apenas nos projetos sociais, mantendo a segregação, porém com a comunicabilidade.

Destarte, no período em que as obras educacionais e assistenciais juntas ao Colégio Salesiano de Santa Teresa estavam em funcionamento (1953-1971), a dualidade no ensino era marcante, restando aos segmentos populares, a opção às escolas primárias e às escolas profissionais.

Ao tratar das obras salesianas implantadas em Corumbá-MS, em especial, as adjuntas ao Colégio Santa Teresa, é interessante observar como o currículo foi produzido. Sabemos que é um processo social constituído de conflitos, lutas, interesses, controles, rituais e, diferentes concepções sociais.

Lembramos que o currículo é construído para ter efeito sobre as pessoas, e as instituições educacionais processam diferentes conhecimentos, ao mesmo tempo, produzem diferentes pessoas. Como diz Goodson (2005, p.10):

Diferentes currículos produzem diferentes pessoas, mas naturalmente essas diferenças não são meras diferenças sociais, ligadas à classe, à raça, ao gênero. [...] o currículo deve ser visto não apenas como a *expressão* ou a *representação* ou o *reflexo* de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades e subjetividades sociais determinadas. [...] É preciso reconhecer que a inclusão ou a exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade (grifos do autor).

É inegável que currículo tem o *poder de diferenciar*, e isso fica evidente quando analisamos a quem se destinava o Colégio Salesiano de Santa Teresa e as obras educacionais e assistenciais adjuntas a ele. Nas palavras de Báez (1988, p.71-77), o Colégio

[...] a partir da década de 50, prestou, na Cidade Branca, inestimáveis serviços, não só as crianças, com a ministração de ensino gratuito, como as senhoras e senhorinhas que ali recebiam

conhecimentos de arte culinária, corte e costura, bordado e economia doméstica. Foi um estabelecimento de ensino de que Corumbá se orgulhou, porque concorreu, de maneira eficaz e notável, em prol da educação da infância menos favorecida e para o preparo de jovens e senhoras para as diversas atividades indispensáveis à dona de casa. [...] deu muitos diplomados em corte costura, arte culinária e o Ginásio para os menos privilegiados. [...] No colégio de Santa Teresa de Corumbá, milhares de jovens receberam formação cultural e moral, tornando-se personalidades de escol, paradigmas de virtudes cristãs.

Embora as obras adjuntas tenham se voltado ao atendimento de um outro grupo social, Báez, escritor corumbaense, parece não entender as diferenças entre os sujeitos dessas obras e os do Colégio Salesiano de Santa Teresa. De forma apologética e ufanista, inventa uma tradição ao imaginar que todos os sujeitos sociais pertençam ao mesmo grupo social, e ao Colégio Salesiano de Santa Teresa. Deixa de reportar em seus escritos que era um complexo educacional, de certa forma independente, pois o Colégio continuava privado, estando a serviço da elite, e as obras visavam a profissionalização dos setores populares.

Podemos inferir que as escolas de formação profissional serviam como “remédio” na tentativa de amenizar os problemas sociais. Objetivavam formar indivíduos capazes de exercer uma profissão, disciplinando-os, ajustando-os ao mundo do trabalho, controlando-os e moldando seus hábitos e comportamentos. O que importava era a conformação dos educandos, ignorando os mecanismos utilizados para diferenciá-los³⁵.

Reportando a Faria Filho (2002, p.22), temos que reconhecer que a escola produz a sociedade e que a escolarização tem efeito direto ou indireto na vida social como um todo. Portanto, “*a escola é tanto produtora como produto da sociedade*”.

³⁵ O ensino profissional assume maior ênfase no período de 1942-1946, com as reformas empreendidas pelo ministro Gustavo Capanema, que receberam o nome de Leis Orgânicas do Ensino.

Por escolarização entendemos o processo de organização administrativa e política das instituições escolares com objetivo de produzir referências sociais e transmitir conhecimentos em diferentes níveis. De acordo com Vincent, Lahire e Thin (2001), a escola ou a *forma escolar* de socialização, são as responsáveis por transformações sociais, culturais e políticas, tendo papel relevante na produção de sujeitos sociais tanto no interior da escola como fora dela.

Hamilton (1992, p.33), diz que a “*escolarização é um artefato histórico. Mas seu caráter histórico nem sempre é evidente*”. Desse modo, precisamos observar a organização social da escola, os objetivos pedagógicos e administrativos construídos por ela, bem como as visões de mundo difundidas na produção do conhecimento e dos sujeitos. A função social da escola só é concretizada quando ela é capaz de devolver a sociedade um sujeito capaz de agir nela.

Sabemos que o processo de escolarização é marcado por resistência, apesar de tendermos a naturalizar a escola e tem o poder de diferenciar os sujeitos. E essas obras adjuntas ao Santa Teresa eram socialmente diferenciadoras dos sujeitos e não equalizadoras, pois eram destinadas à formação de sujeitos em condições sociais diferentes com competências sociais diferentes das do Colégio Salesiano de Santa Teresa. O diretor do Colégio Salesiano era o mesmo das obras adjuntas, porém, os uniformes, os professores, os espaços internos eram distintos, ficando clara a separação entre os discentes do público e do privado.

No mesmo ano (1971) que finalizaram o Convênio que garantia as verbas para a manutenção e funcionamento das obras educacionais e assistenciais adjuntas, firmaram outro, que entrou em vigor no ano seguinte (1972) e que deu origem a Escola Estadual de 1º e 2º graus Santa Teresa. Diante disso, os alunos oriundos do Grupo Escolar do Círculo Operário, do Ginásio Industrial Domingos Sávio e do Grupo Escolar da Ação Social Salesiana, ou seja, das obras educacionais antes conveniadas com o estado de Mato Grosso e administradas pelos salesianos, tiveram suas matrículas efetivadas na escola pública que havia surgido.

2.2 As Festas Religiosas no Colégio Salesiano de Santa Teresa

As festas religiosas escolares no Colégio Salesiano de Santa Teresa eram acontecimentos frequentes. Por meio delas, a escola abria-se para a população em geral e permitia-se conhecer e admirar. Além disso, era uma forma de amenizar a rigidez da rotina escolar, de dar vazão a alegria e fazer com que alunos e professores se conhecessem melhor em espaços diferentes ao da sala de aula.

Na opinião de Alfio Pozzi as festas eram importantes mecanismos para que o aluno pudesse conhecer melhor a si mesmo, conhecesse ao outro, porque *“às vezes não conhece na sala de aula mas numa brincadeira, numa celebração conhece melhor”* e para o professor era importante que *“visse como o seu aluno se comportava em diferentes situações para avaliar”*. Segundo o entrevistado, *“a sala de aula era aquela chatice”*, e muitas vezes, na sala de aula, *“o aluno não conseguia se expressar como se expressava num jogo, num fesart, numa missa, que ele [o aluno] vai lá na frente falar”*³⁶.

A opinião do entrevistado nos permite afirmar que no ambiente da sala de aula o aluno era tratado com severidade e isso dificultava a motivação, a interação e a espontaneidade. E nos momentos festivos - de qualquer natureza - quando a rotina do Colégio era quebrada, os participantes sentiam-se mais à vontade e por isso expressavam-se de forma diferente. Na visão dele, essa era uma das funções educativas da festa.

Fé e alegria eram os componentes principais das festividades celebradas no Colégio Salesiano. Desse modo, em qualquer festividade que acontecia no Colégio havia sempre a parte religiosa, recreativa ou esportiva e a lítero-artística-musical. Nesse ponto, os salesianos estavam seguindo a risca os

³⁶ Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

ensinamentos que Dom Bosco deixara ao elaborar as normas para aplicação de seu sistema educativo em que ressaltou na importância que deveria ser dada à alegria. Para Dom Bosco, nos institutos salesianos era fundamental que se tivesse liberdade para saltar, correr e gritar. Considerava a música, a ginástica, a declamação e os passeios como fontes de alegria e instrumentos de educação.

Nos dias de festividades havia toda uma programação a ser seguida que se assemelhava à rotina das aulas. O tempo da festa e da celebração era todo cronometrado com hora para começar, terminar, para as homenagens, apresentações dos alunos, discurso dos professores e das autoridades.

A comunidade corumbaense era comunicada pela imprensa sobre os eventos que ocorreriam no interior do Colégio. A direção do Colégio encaminhava ofício ao diretor da “*TV Cidade Branca*”, ao diretor da “*Rádio Clube de Corumbá*” e aos jornais de circulação local informando a realização da festividade, ao mesmo tempo, que solicitava a divulgação da programação.

A relação da escola com a comunidade era forte. A população sempre atendia ao chamado, prestigiando os eventos da escola, não só no momento da festa, mas também na sua preparação. Os ex-alunos vinham ajudar a colocar bandeirolas, esticar fios e arrumar o pátio. De acordo com a coordenadora Berenice Quevedo faziam isso porque “*já tem aquela sementinha de participação nos eventos da escola, e gostam da escola [...]. Ex-alunos que estudam em escola do estado ligam para saber quando vai ser a arrumação do pátio*”³⁷.

As práticas religiosas faziam parte do cotidiano dos alunos do Colégio Salesiano de Santa Teresa por meio do bom dia, dos retiros, dos dias de formação, dos Tríduos, palestras, procissões, missas no Santuário de Maria Auxiliadora.

³⁷ Berenice Quevedo. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

O ano letivo começava com um tríduo escolar e dele participavam alunos e professores, o padre diretor era o responsável pelas atividades desenvolvidas, e estas terminavam sempre com a celebração de uma missa, “*assim o ano estava solenemente abençoado*” (LIVRO DE OCORRÊNCIA, 1976, p.31). Nesses momentos, a igreja representava ambiente privativo dos alunos sem qualquer contato com as pessoas externas.

Nas atividades religiosas a participação era obrigatória a todos os alunos matriculados no Colégio, independente de ser católico ou não. Diz, Alfio Pozzi: “*Não se cobrava que se convertesse a religião, mas que participasse dos cultos*”³⁸. As missas aconteciam periodicamente, e de acordo com o Sistema Preventivo eram as bases que sustentavam o “*edifício educativo*” para se evitar as faltas e os castigos. No entanto, D. Bosco orientava que nunca se obrigasse os jovens a frequentar os sacramentos, mas os motivassem dando oportunidades a eles de conhecê-los.

O mês de maio era marcado pelas festividades do aniversário da chegada dos salesianos em Corumbá, da fundação da Paróquia do Santuário de Maria Auxiliadora e o ponto forte de religiosidade era a festa solene a Nossa Senhora Auxiliadora, Padroeira da Congregação, no dia 24, mas todo o mês era a ela consagrado. Cada dia uma escola da cidade era convidada a participar da celebração eucarística das 19h, ficando responsável pela coroação à Maria.

A devoção a Nossa Senhora era cultivada diariamente. No interior do Colégio era montado um altar e todos os dias uma turma ficava encarregada de preparar as homenagens e coroar Nossa Senhora. Como relata Berenice Quevedo: “*o mês de maio aqui cheira rosa. O ar a gente respira rosa, que é o mês dela, ela está aqui o tempo todo, nas homenagens, nas lembranças, nas fotografias, nos painéis. É Nossa Senhora o mês inteiro*”³⁹.

³⁸ Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

³⁹ Berenice Quevedo. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 26 de abril de 2007.

Havia a parte recreativa e esportiva da festa com as gincanas e jogos. As atividades festivas do Colégio Santa Teresa reuniam um grande número de pessoas, entre elas, alunos, professores, pais e, sociedade em geral, que vinham assistir e participar das solenidades de homenagens a pessoas públicas ou personagens históricos, bem como das celebrações religiosas. Recreação, hinos, música, missa, apresentação teatral marcavam o dia festivo que era considerado um dia de descanso das atividades escolares por ter uma rotina diferente dos dias de aula normal, mas nem por isso, isento de caráter educativo.

No mês de maio aconteciam também as comemorações do Dia das mães e esta era dividida em três momentos. O primeiro era na sala de aula, os alunos desenvolvendo trabalhos manuais, declamando poesias, confeccionando murais, e dramatizando. O segundo acontecia no salão de atos com recital e sessão lítero-artística e o terceiro com um culto em ação de graças.

O aniversário da chegada dos salesianos à cidade e o aniversário do diretor eram comemorados com alvorada festiva, desfile da fanfarra, missa em ação de graças no pátio do Colégio, jogos e show musical. Desse modo, eram importantes na formação religiosa e moral, mas também tinham caráter recreativo e cultural.

A festa de Nossa Senhora Auxiliadora, a festa a São João Bosco e a festa do aniversário do diretor seguiam os mesmos padrões. Eram consideradas as maiores festividades do ano letivo.

Como forma de ensinar sobre a vida de São João Bosco e de São Domingos Sávio o Colégio realizava os certames. No início dos certames todos os alunos tinham que decorar o questionário da vida dos Santos. A primeira eliminatória acontecia no interior de cada sala de aula. De cada classe saíam até cinco representantes. Depois, as disputas eram entre as turmas. Por exemplo, todas as quintas séries em debate para tirar três representantes. Esses iam para a disputa final com os representantes das outras turmas. Dessa disputa saía a classificação até o quinto lugar. Os classificados recebiam prêmios, homenagens, e seus nomes expostos nos murais. O perfil da festa mudou, não ocorrem mais certames,

hoje as comemorações são revivendo a filosofia e a vida de Dom Bosco e de São Domingos Sávio.

Outro elemento que distinguiu a educação salesiana das demais escolas eram as manhãs e tardes de formação e os retiros espirituais. As formações aconteciam dentro do Colégio, na sala de projeção e faziam parte do planejamento do Colégio, portanto, a participação era obrigatória. Geralmente reuniam uma ou duas turmas, e o padre diretor da pastoral era o encarregado de promover a reflexão sobre assuntos ligados à vida e à religiosidade. Já a participação nos retiros era opcional, aconteciam durante três dias na Band'alta⁴⁰. O tempo era todo cronometrado. Havia: palestras, cântigos, brincadeiras, orações, meditações, confissões, distribuição de lembranças e o encerramento acontecia com a missa no Santuário de Maria Auxiliadora. Sobre essa prática o jornal Correio de Corumbá publicou em 7 de dezembro de 1976:

O Santa Teresa seguindo a filosofia salesiana: 'o Sistema Preventivo de São João Bosco', oferece aos alunos através das aulas e especialmente com oportunidades voluntárias extra classe, orientações e vivências religiosas que venham dar plenitude à formação humana dos alunos Dias de Formação e participação na Eucaristia, são as oportunidades mais ricas neste sentido (CORREIO DE CORUMBÁ, 1976).

Cabe dizer que as manhãs e tardes de formação foram mantidas no calendário escolar. Tudo indica que por meio delas, ainda busca-se realizar a tríade ação pedagógica, ação pastoral e formação espiritual.

⁴⁰ Fazenda de propriedade dos salesianos.

CAPÍTULO III - COLÉGIO SALESIANO E ESCOLA ESTADUAL: O CONVÊNIO CELEBRADO ENTRE OS SALESIANOS E O ESTADO DE MATO GROSSO

Em 1971, a Missão Salesiana de Mato Grosso, a mantenedora da instituição contando com espaço ocioso no prédio, mas também devido ao pequeno número, apenas 356 estudantes pagantes matriculados e precisando de recursos para pagamento de dívidas e manutenção do prédio firmou um Convênio com o estado de Mato Grosso e o prédio passou a abrigar também a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Santa Teresa⁴¹. O diretor do Colégio Salesiano de Santa Teresa responsável pelo Convênio foi o Pe. Firmino Cazzolato. Foi firmado o

Convênio que entre si celebram o Governo do Estado de MT, através de sua Secretaria de Educação e Cultura e a Missão Salesiana de Mato Grosso, para que se use em benefício da educação e cultura, as dependências do Colégio Salesiano Santa Teresa, da cidade de Corumbá. O presente Convênio estará em vigor a partir de 1º de fevereiro de 1972. O Colégio Salesiano Santa Teresa, da cidade de Corumbá, em consequência do ajuste do Convênio será denominado Colégio Estadual Santa Teresa. Ass. Joaquim A. Vianna, Secretário de Educação e Cultura, MT (Arquivo do Colégio Santa Teresa. Corumbá, s/d).

O Convênio pressupunha que o Colégio Salesiano de Santa Teresa continuaria a existir até que fossem formadas as últimas turmas privadas. Por isso, a mudança de denominação só ocorreu de fato, para a totalidade dos alunos, a partir de 1982.

Como particularidade do período, o fato de o Colégio Santa Teresa tornar-se estadual no 2º e 3º andares. O primeiro andar continuou particular até 1981. Ficando assim, 10 (dez) salas de aula para os filhos de famílias de influência da cidade, com direção, coordenação e matrículas especiais, isso para satisfazer a elite local que ficou descontente com o Convênio e os salesianos acataram a solicitação.

⁴¹ A denominação Escola Estadual de 1º e 2º Graus Santa Teresa se deu através do Decreto nº 2318 de 28.11.1974.

Desse modo, no primeiro andar funcionavam as turmas de 5^a a 8^a séries (1^o grau), e também do 1^o ao 3^o ano do curso Colegial (2^o grau). Havia professores contratados pela Missão Salesiana de Mato Grosso para atender aos alunos do Colégio Salesiano de Santa Teresa. Isso porque a elite corumbaense achava-se no direito de reivindicar ou exigir prioridade na matrícula de seus filhos, e os professores para seus filhos, pois fora a responsável por criar condições junto às autoridades eclesiásticas para a instalação do Colégio Salesiano.

Assim, no período em que o Convênio vigorou, haviam duas categorias de professores e funcionários, os contratados e pagos pela Missão Salesiana de Mato Grosso e outros remunerados pelo Estado e lotados na Escola Estadual Santa Teresa. Em depoimento a professora Dinorá Cestari de Lima quando questionada se havia professores específicos para o Colégio Salesiano de Santa Teresa e para a Escola Estadual Santa Teresa, nos diz que:

Havia professores só do particular: professor Djalma, professor Rachid que no início eram só do particular. Daí, depois com a história de fazer a lotação porque o Estado não tinha ainda todo mundo efetivo para atender os três turnos e a escola estadual tinha bastante alunos em 1972, então, alguns professores trabalhavam só no particular, alguns salesianos inclusive que davam aula como Padre Teodoro dava aula de matemática mas era só no particular⁴².

Durante a vigência do Convênio, ou seja, a partir de 1972, o estado de Mato Grosso pagava todas as despesas da escola, cabendo aos salesianos a cessão do prédio com todo material que dispunha e a Missão Salesiana receberia matrícula dos alunos da escola pública. O Estado remunerava grande parte dos funcionários administrativos, dos auxiliares de serviços diversos e dos professores - indicados ou concursados.

⁴² Dinorá Cestari de Lima. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

A maioria dos que compunham o quadro de professores do Colégio Santa Teresa (público ou privado) eram ex-alunos do Colégio Salesiano de Santa Teresa ou ex-alunos do Ginásio Escola Normal Imaculada Conceição (GENIC)⁴³.

Uma das exigências para tornar-se professor ou professora da Escola Estadual Santa Teresa era a afinidade com os princípios educativos de Dom Bosco, a competência profissional e a vivência do Sistema Preventivo, o que causava uma identidade pedagógica e religiosa nas duas escolas.

Então, a Missão Salesiana era que fazia a seleção do corpo docente e encaminhava a relação com o nome e a disciplina a ministrar pelo docente à Secretaria Estadual de Educação. E esta, responsabilizava-se por fazer a lotação ou contratar os profissionais indicados para trabalhar no Colégio Estadual Santa Teresa.

O Estado influenciava na parte legal, havia coordenadores, ou supervisores escolares, lotados no Colégio Estadual Santa Teresa, e estes eram responsáveis por organizar a grade curricular, a lotação de professores, a documentação escolar, as atas com notas dos alunos. A direção do Colégio e a coordenação geral eram de responsabilidade da Missão Salesiana.

Na verdade, com o Convênio, mesmo o Colégio mantendo a direção e coordenação geral, perdeu a autonomia porque tinha que acatar as determinações do governo do estado de Mato Grosso. Isso fez com que até mesmo a filosofia salesiana fosse aos poucos se diluindo. Sobre a atuação dos salesianos à época da escola conveniada, o perfil dos alunos e professores, as opiniões dos entrevistados foram divergentes.

Um dos colaboradores que há mais tempo está junto aos salesianos e vivenciou as várias fases do Colégio, inclusive esteve junto ao Padre Firmino em Cuiabá-MT na assinatura do Convênio em 1971 é Alfio Pozzi. No que diz

⁴³ Colégio das Irmãs Salesianas.

respeito à interferência do Estado na organização e funcionamento escolar, comenta que

[...] Tinha que obedecer, pedagogicamente não podia sair muito porque senão não recebia autorização. Então, tinha que dar aquele conteúdo que vinha de cima para baixo [...] Até 81 a secretaria fiscalizava as classes, conteúdo, tudinho. Liberdade entre aspas na organização interna e pedagogicamente não tinha liberdade nenhuma⁴⁴.

Na opinião de Dinorá Cestari de Lima:

[...] a direção e a coordenação geral do Colégio era da Missão Salesiana, então o Estado não interferia de forma nenhuma na indicação de diretores e coordenadores geral, na verdade a única interferência do Estado era em relação ao quantitativo de professores para ocupar os cargos. [...] Apesar de ser a escola estadual, ela seguia realmente a filosofia salesiana. [...] Em todo o período que houve o Convênio tinha coordenador, na época nós falávamos *supervisor escolar, esse pessoal atuava na parte da grade escolar, acompanhamento de professor, de nota e de desenvolvimento*⁴⁵ (Grifos nossos).

Fica claro que na indicação dos administradores não havia interferência do Estado, mas no plano pedagógico é evidente a sua presença. Podemos observar essa interferência especialmente nas festividades e celebrações cívicas que abordarei na última parte desse capítulo.

Apesar da intenção dos padres em indicar docentes e funcionários afinados com o Sistema Preventivo, na condição de escola conveniada nem sempre era possível. O desafio para a Missão Salesiana era de imprimir uma linha de trabalho que respeitasse às decisões do governo, mas também possibilitasse manter a qualidade, o cunho religioso e o Sistema Preventivo.

Por mais que houvesse indicação para lotação e contratação de professores nem todos os profissionais postos à disposição dos salesianos se identificavam com a filosofia salesiana e os salesianos tinham que aceitar o capital humano

⁴⁴ Parte da entrevista concedida sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa à pesquisadora no dia 27 de abril de 2007.

⁴⁵ Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa à pesquisadora no dia 27 de abril de 2007.

disponível. O fato de o Colégio ter se tornado conveniado com o Estado não significava perda na qualidade do ensino, mas gerava fator de diferenciação entre os sujeitos que passaram a ter acesso à escolarização naquele ambiente escolar, que até 1981 tinham duas escolas em um mesmo prédio. O depoimento da coordenadora Berenice Quevedo mostra como era a clientela que passou a fazer parte do Colégio Santa Teresa público, em funcionamento simultaneamente com o privado.

Naquela época a gente via a necessidade de atender crianças da maior diversidade de classe social,[...] *nós tínhamos desde filhos de doutores até filhos de serventes da própria escola, então, era um mix de crianças pobres com crianças de classe média*, crianças até que chegavam descalças e a gente arrumava chinelo, isso era muito bom porque uma via a realidade diferente e aprendia umas com as outras, algumas viam assim uma situação social, monetária diferente da outra, achavam estranho uma criança chegar aqui sem chinelo, sem nada, a gente arrumava camiseta, arrumava calça, enfim era uma realidade diferente, mas era prazeroso trabalhar⁴⁶ (Grifos nossos).

O conflito de identidade do Colégio marca o depoimento transcrito. Uma escola privada com alunos *filhos de doutores* e uma escola pública com *crianças pobres*. O Colégio separava e unia os grupos, provocando estranhamento, mas também conformação.

No imaginário coletivo permaneceu a ideia de que os padres salesianos mesmo sendo conveniados com o Estado conseguiram comandar, manter a ordem, o cunho religioso. De acordo com o depoimento de Alfio Pozzi, os que ali trabalhavam eram considerados “*educadores, não são só professores ou uma escola qualquer. Educam para a vida. Isso é o mais importante!*” É uníssona nas falas dos entrevistados a importância atribuída à educação salesiana na cidade, por seguirem o lema de Dom Bosco que era de formar o bom cristão e o honesto cidadão. Na sequência o mesmo entrevistado diz: “*Claro que você não atinge o ideal, mas [...] pelo que você vê de ex-aluno, eu acho que quem soube*

⁴⁶ Berenice Quevedo. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 26 de abril de 2007.

*aproveitar, achou o seu lugar na sociedade de maneira descente, basta olhar a sociedade corumbaense*⁴⁷.

Assim, com o Convênio (1971), no prédio em que funcionava o Colégio particular passou a funcionar também a escola pública estadual, oferecendo vagas na Educação Pré-Escolar, na 1ª a 4ª série, na 5ª a 8ª série e também no segundo grau⁴⁸.

Nos primeiros anos de funcionamento do Colégio privado/público conveniado ocorreram problemas por parte dos responsáveis pelos alunos do privado que não aceitavam o Convênio e desejavam exclusividade. A solução para os problemas financeiros do Colégio - devido ao número reduzido de alunos que faziam parte do particular - estava justamente no Convênio. Este representava um negócio interessante tanto para o Estado, que precisava de salas de aula, como para os salesianos, que tinham as salas ociosas e precisavam de verbas para cobrir as despesas.

Certamente o montante de recursos financeiros recebido pelos salesianos no período do Convênio e por causa dele, era grande. Além disso, havia também os recursos arrecadados com as festividades e com a caixa escolar por aluno matriculado. Era uma taxa considerada irrisória por parte dos dirigentes da escola, e o valor pago era espontâneo, sem valor mínimo pré-fixado e estipulado pelo pai ou responsável do aluno no ato da matrícula⁴⁹.

⁴⁷ Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

⁴⁸ Com a Lei nº 9394/96 em vigor, ao referir a essas fases da Educação Básica a nomenclatura é Educação Infantil, Ensino Fundamental de nove anos e Ensino Médio.

⁴⁹ Lei 3681 de 28 de novembro de 1975 do Governador do Estado de Mato Grosso estabelece a nova estrutura da administração estadual e dá outras providências. “Artigo 22- Fica o Poder Executivo autorizado a reorganizar o Fundo Estadual de Educação, de que trata a Lei 3138 A, de 31 de dezembro de 1971, e a Lei n. 3473, de 11 de dezembro de 1973, a cujo crédito se levarão todos os recursos orçamentários e extraorçamentários, inclusive os de receita provenientes da arrecadação da Caixa Escolar e Anuidade, Exames Supletivos e Salário Educação – Ensino Supletivo”. LEI nº 3681 de 28 de novembro de 1975. Disponível em: <http://www.sad-legislacao.mt.gov.br/Aplicativos/>. Acesso em 07set.2009.

O Decreto-Lei nº 57, de 19 de março de 1979, do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul estabelecia que cada unidade escolar tivesse uma comissão da caixa escolar constituída pelo diretor, por um professor indicado pelo conselho de professores e por um representante indicado pela Associação de Pais e Mestres (APM). De acordo com o Decreto-Lei, a utilização dos recursos da caixa escolar só poderia ser feito mediante um plano de aplicação elaborado pela comissão da instituição escolar, aprovado pela diretoria da APM em ata, cuja cópia deveria ser encaminhada à Agência Regional de Educação.

A gerência administrativa e financeira da Fundação de Educação de Mato Grosso do Sul (FE-MS) era a responsável por orientar as unidades escolares na elaboração do plano de aplicação de recursos. O Decreto-Lei nº 57 estabelecia o prazo máximo de vinte dias após o início do ano letivo para a comissão da caixa escolar entregar o plano de aplicação de recursos à APM e essa tinha dez dias após o recebimento para a aprovação. Determinava também que a movimentação dos recursos financeiros oriundos da caixa escolar ficava a cargo do representante da APM e do diretor da escola que semestralmente deveria prestar contas da aplicação dos recursos em reunião à Associação de Pais e Mestres. Ainda, de acordo, com o Decreto-lei, a cópia da ata de reunião com as contas aprovadas pela APM, o demonstrativo da receita e das despesas deveria ser enviado à Delegacia Regional de Educação.

No ato da matrícula era feito um cadastro com o perfil sócioeconômico da família. Por meio desse cadastro, dependendo do número de filhos matriculados no Colégio Estadual Santa Teresa e da condição socioeconômica da família ocorria de alguns dos filhos ficarem isentos do pagamento da caixa escolar e da anuidade. A figura a seguir é um comprovante padronizado pela Delegacia Regional de Educação e Cultura (DREC) para aluno isento.

DREC de Corumbá N.º 03
Escola Ed. Esp. Sta. Teresita
Aluno Berenice Souza
Série 3º ano D Grau I
CAIXA ESCOLAR E ANUIDADE
Comprovante do Aluno
Ano 1974
Woodoro Neubauer
Assinatura

FIGURA 8. Comprovante caixa escolar e anuidade. (Acervo de B.L.S. cedido para utilização neste trabalho).

O Estado determinava que os recursos da caixa escolar fossem aplicados integralmente na própria escola em benefício dos alunos, na melhoria do ensino, nas atividades educacionais, culturais e desportivas.

O depoimento de Berenice Quevedo informa como era utilizado o dinheiro arrecadado com a caixa escolar no Colégio Estadual Santa Teresa:

Nós professores e coordenadores, éramos meramente cedidos, recebíamos do Estado para fazer um trabalho, as crianças não pagavam, pagavam uma taxa mínima bem simbólica, talvez equiparando com os dias de hoje seria uma taxa de 5 reais, dez reais, para ajudar a direção manter o prédio porque era muito custo, era demorado demais quando quebrava um vidro ou precisava de um reparo, o dinheiro do Estado demorava demais para chegar, então com essa taxa escolar ajudava-se na manutenção do prédio, uma luz que queimava, uma lâmpada que quebrava e assim por diante⁵⁰.

Ainda sobre a caixa escolar, Dinorá Cestari de Lima nos diz:

Na época a gente fazia um trabalho junto com as famílias, a gente fazia uma caixa escolar. Essa caixa escolar era uma doação que a família pudesse oferecer, mas não tinha nada estipulado, a gente

⁵⁰ Berenice Quevedo. Parte da entrevista concedida sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa à pesquisadora no dia 26 de abril de 2007.

usava esse dinheiro para comprar material escolar para fazer provas e todo material de classe que a gente precisasse⁵¹.

Complementando as informações sobre a contribuição escolar, Alfio Pozzi afirma:

No primeiro Convênio era o seguinte: ele [o Estado] pagava aluguel, dava manutenção e pagava professores. O aluno pagava uma taxa simbólica só de ajuda⁵².

Os entrevistados contaram que nem sempre o montante conseguido com as contribuições era para prover as demandas que surgiam no decorrer do processo pedagógico. Isso porque a instituição escolar solicitava dos pais ou responsáveis pelos alunos durante a matrícula a lista de material escolar - folhas de sulfite, estêncil, cartolina, papel ofício, dentre outros – e também a colaboração e participação nos eventos, doando dinheiro ou produtos durante as festas.

É significativo dizer que, no início do ano letivo em 1972, havia 82 (oitenta e duas) turmas, totalizando 2835 alunos matriculados nos períodos matutino, vespertino e noturno. Nos anos seguintes, segundo dados do arquivo do Colégio, a clientela aumentou gradativamente e o ensino passou a ser mais tecnicista e menos humanista, respondendo às tendências do momento histórico brasileiro.

Antes da realização do Convênio uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) tinha entrado em vigor no sistema educacional brasileiro, a Lei 5692/71. Essa Lei demandava uma reestruturação na rede de escolas públicas e privadas, pois determinava a ampliação da escolaridade obrigatória. O ensino de 1º grau passou a ter duração de oito anos letivos, sendo obrigatório dos 7 aos 14 anos de idade.

⁵¹ Dinorá Cestari de Lima. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27de abril de 2007.

⁵² Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27de abril de 2007.

A obrigatoriedade no ensino de 1º grau exigia dos poderes públicos a ampliação de vagas tanto para reduzir o déficit histórico de atendimento como também, assegurar o acesso e a continuidade dos estudos a população em idade escolar.

Foi no contexto da reforma educacional que instituiu a escola fundamental de oito anos e que atribuiu o sentido profissional a educação do ensino de segundo grau que foi selada a parceria entre o estado de Mato Grosso e a Missão Salesiana.

Desse modo, a Lei beneficiou a assinatura do Convênio graças à experiência acumulada pelos salesianos, responsabilizou-os pela implantação do projeto de racionalização de trabalho escolar e do ensino profissionalizante no ensino médio.

Iniciado o Convênio, gradativamente as classes do Colégio Salesiano de Santa Teresa foram se extinguindo, sendo que o último ano das duas escolas no mesmo prédio foi em 1981. Isso significa dizer que o Convênio só foi cumprido plenamente, a partir do ano de 1982 e ficou em vigor nos moldes como fora assinado inicialmente até 1987. Vale apontar que a partir de 1988, um outro Convênio vigorou, e foi mantido até 1996, sendo que este novo período não foi eleito como objeto nesse estudo.

As vagas para a Escola Estadual eram disputadíssimas e a separação dentro do ambiente escolar eram visíveis no período em que funcionavam duas escolas no mesmo prédio, a pública estadual e gratuita e a particular, paga.

As matrículas eram feitas em três etapas. Primeiro para os alunos que eram aprovados direto, depois para os alunos que ficavam em recuperação, e finalmente para os alunos novos. Terminada a matrícula dos alunos da casa, era feito um levantamento numérico por parte dos responsáveis pelas matrículas de quantas vagas seriam oferecidas para o ingresso de novos alunos.

O número de vagas disponíveis, as datas e os documentos exigidos para a realização da matrícula eram afixados nos portões de acesso à escola. Eram poucas vagas, sendo as mais disputadas para a 1ª e 8ª séries do Ensino Fundamental.

Efetivar a matrícula na primeira série garantiria ao aluno permanência durante todo o processo de escolarização e na 8ª série, o acesso ao Ensino Médio na mesma escola. Nos dias que antecediam as matrículas eram formadas imensas filas na porta do educandário, mas as vagas não eram suficientes para atender toda clientela desejosa de ali estudar ou matricular seus filhos.

O artigo publicado no jornal diário Folha da Tarde (FIGURA 9), datado de 5 de abril de 1975 faz uma denúncia de um procedimento adotado no Colégio Estadual, que mesmo não tendo mais vagas, oferecia e disponibilizava vagas para alunos considerados bons atletas.

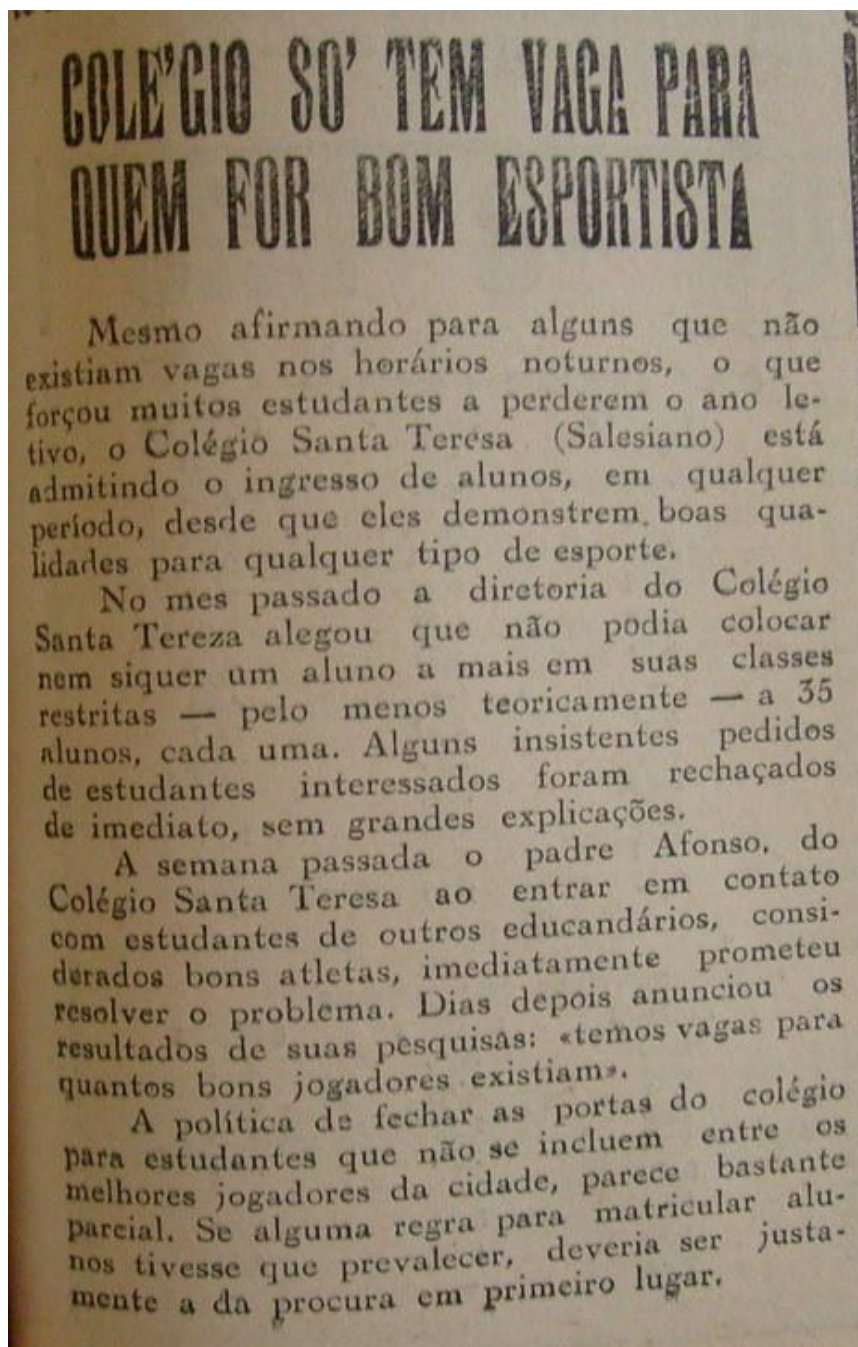


FIGURA 9. Colégio só tem vaga para quem for bom esportista. (Fonte: Folha da Tarde, nº 5677. Corumbá, 05 abr. 1975. Ano XVI).

A prática de afixar cartazes informando que as vagas remanescentes tinham sido preenchidas era muito utilizada pelos responsáveis pelas matrículas a fim de avisar aos que enfrentavam às filas a hora de se retirar. No entanto, as informações presentes nos cartazes sobre a não existência de vagas em algumas

séries não eram válidas para todos, pois alguns alunos se beneficiaram de pedidos feitos por políticos, por parentes e conhecidos dos servidores do Colégio e também da condição de ser esportista para ingressar no Colégio.

As turmas do Colégio Salesiano de Santa Teresa foram extintas gradativamente. Isso levou a migração de alguns alunos do Colégio privado para o público, enquanto outros transferiram-se para outras escolas particulares da cidade. Para os salesianos era interessante assegurar a matrícula dos discentes tanto no privado como no público. A seguir, o quadro com número de alunos matriculados no Colégio e na Escola Estadual Santa Teresa no período de 1972-1987.

Quadro 2. : Colégio Salesiano de Santa Teresa e Escola Estadual: número de alunos matriculados (1972-1987).

Ensino Fundamental																
Série	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987
EI	216	266	108	194	154	144	147	150	132	110	120	110	122	118	110	118
1ª	296	295	366	361	273	223	239	219	225	211	264	273	264	289	234	259
2ª	225	226	280	317	347	279	220	225	243	208	234	245	245	251	222	205
3ª	292	304	302	289	328	288	272	243	241	243	232	224	260	253	275	273
4ª	242	305	306	337	245	251	272	263	264	242	241	254	229	236	249	269
5ª	613	810	841	998	517	394	346	426	523	476	400	470	459	482	441	427
6ª	320	511	499	628	596	480	258	332	392	416	369	318	350	352	353	401
7ª	188	296	409	462	451	533	390	327	325	302	340	333	285	373	290	308
8ª	123	181	291	352	377	384	389	339	379	341	226	300	344	334	329	256
Total	2.515	3.194	3.402	3.938	3.288	2.976	2.633	2.527	2.724	2.549	2.426	2.527	2.558	2.688	2.503	2.516
Ensino Médio																
Série	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987
1ª	263	276	377	476	614	566	563	530	607	562	592	625	550	572	527	548
2ª	35	150	178	232	302	380	329	387	343	301	268	331	307	267	344	326
3ª	22	35	115	128	109	190	236	161	256	260	200	198	231	216	194	170
Total	320	461	670	836	1.025	1.136	1.128	1.078	1.206	1.123	1.060	1.154	1.088	1.055	1.065	1.044
Total Geral	2.835	3.655	4.072	4.774	4.313	4.112	3.761	3.602	3.930	3.672	3.486	3.681	3.646	3.743	3.568	3.560

EI – Educação Infantil.

Fonte: Colégio Salesiano de Santa Teresa.

Os dados apresentados no quadro 2 foram organizados pela coordenadora do Colégio Salesiano de Santa Teresa em julho de 2009. Apesar de nos anos de 1972 a 1981 coexistirem duas escolas (uma pública e outra particular) em funcionamento no mesmo prédio, o número de alunos matriculados nas duas escolas administradas pelos salesianos foram computados conjuntamente.

Observando o número de alunos que ingressaram na Educação Infantil em 1972 e acompanhando ano a ano a trajetória do grupo, posso inferir que houve regularidade no número de matrículas, havendo aumento na 5ª série do Ensino Fundamental e na 1ª série do Ensino Médio. Desse modo, provavelmente, em Corumbá não havia vagas suficientes nas escolas públicas que atendessem as demandas desses níveis escolares.

As opiniões dos entrevistados apresentam algumas divergências desse período em que o Colégio separava e misturava os alunos. Vejamos três opiniões de pessoas que trabalharam à época no Colégio. Alfio Pozzi nos diz que:

Foi um período que por parte dos alunos nós conseguíamos controlar bem a situação. Padre Afonso era muito rígido e consegui assegurar bem as duas partes. [...] A secretaria era separada a do estadual e a do particular. Quem era o secretário da escola particular era o padre e da estadual era Berenice. [...] Era difícil lidar com essa situação duas realidades dentro de um espaço só⁵³.

Na condição de Colégio conveniado tornou-se aberto a todos. A realização do Convênio com o Estado permitiu o ingresso de alunos de outros setores da sociedade nas instalações do Colégio e colaborou muito para que o Colégio particular se mantivesse até o ano de 1981, mesmo com número de alunos reduzindo ano a ano. Berenice Quevedo nos diz:

Hoje eu tenho condição de fazer um paralelo entre o que a gente fala de criança de periferia que vinha para o Santa Teresa. Para elas era uma conquista muito grande conseguir uma vaga no Santa Teresa, em um prédio bonito, limpo, porque a filosofia da casa era a filosofia salesiana, a regra da casa era a salesiana. Essa era a

⁵³ Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

diferença de uma escola estadual comum para uma escola conveniada com salesianos. [...] E essa história do particular, realmente a elite corumbaense queria usufruir mais do prédio. Eu ouvia umas histórias que esse prédio não tinha sido feito para ser escola para pobre. Eu já tinha escutado essas histórias. Mas entrava em contradição porque a filosofia de D. Bosco é a de atender principalmente as camadas menos favorecidas. Então, o que aconteceu na época, o inspetor da época falou ‘podemos até fazer um andar para aqueles que queiram ter aula com grade diferenciada’ e aí, a turma do particular até a grade deles era maior⁵⁴.

A opinião a seguir, difere das duas primeiras, pois Dinorá Cestari de Lima assegura que não havia diferença entre os alunos do Colégio Particular e do Colégio Público.

A escola não era conveniada antes. Ela tinha um número reduzido de sala de aulas e de professores. É lógico que tem professor e professor. A maioria era comprometida. [...] Junto no começo funcionava o Colégio Salesiano de Santa Teresa que era particular com o estadual porque ainda quando houve o Convênio havia alunos matriculados, então precisava gradativamente ir se extinguindo. Não havia diferença de currículo. Tanto é que quando começou havia uma seriedade, um compromisso de todos em fazer que valesse a pena, que concorresse com qualquer outra escola particular. [...] A entrega de nota às vezes se fazia no mesmo período. Não tinha essa diferença, eles - alunos do particular - não conseguiam ser destaque naquela multidão por serem alunos do particular, destacavam sim por uniforme diferente⁵⁵.

Podemos afirmar que a realização do Convênio entre o Estado e a Missão Salesiana gerava um conflito de identidade entre os docentes, os funcionários e os discentes, pois desenvolviam suas atividades num mesmo espaço escolar com sistemas diferentes – público/privado – nem sempre visíveis pelos envolvidos no processo educativo. O padre diretor por meio do controle e da rigidez, controlava, vigiava e garantia a ordem, com pulso firme, o que significava árdua missão.

⁵⁴ Berenice Quevedo. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 26 de abril de 2007.

⁵⁵ Dinorá Cestari de Lima. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

A respeito do período em análise, Manfroi (1997) apresenta-nos um estudo intitulado “*A Missão Salesiana e a Educação em Corumbá (1899-1996)*” trazendo alguns depoimentos de ex-professores, ex-funcionários do Colégio Salesiano de Santa Teresa e representantes da sociedade local sobre o que pensam do Convênio, mas não problematiza, limitando-se a transcrever as falas dos sujeitos sem dialogar com elas, apresentando a instituição sempre de forma positiva.

Podemos perceber na obra de Manfroi, que os sujeitos por ele selecionados para serem entrevistados foram ex-alunos do Colégio Salesiano de Santa Teresa ou do GENIC durante todo o processo de escolarização. Nenhum deles estudou nas obras adjuntas do Colégio e nem na escola estadual. Isso significa dizer que o autor contemplou para as entrevistas representantes dos setores da elite, na condição de ex-alunos, mas que atuaram como professores no período do Convênio. Estes expressaram suas opiniões e memórias sobre o período. Causa estranheza o fato de não ter sido entrevistado nenhum sujeito dos outros grupos sociais que puderam ingressar no espaço plural do Colégio devido ao Convênio.

O jornal Diário da Manhã em matéria intitulada “*Colégio Santa Tereza será desativado em 81*” trouxe informações a comunidade local sobre o fim das atividades educativas da parte privada. Utilizando das explicações dadas pelo diretor Pe. Jorge Parovel à imprensa registrou que:

Os motivos que levaram a direção do educandário a tomar tal decisão, são as dificuldades, diminuição de número de alunos e também a interferência do Colégio Estadual que funciona no mesmo prédio, dificultando assim, os salesianos a darem um melhor atendimento a esses alunos, por isso, optou-se para a desativação da escola particular, simplificando também a administração do Colégio Salesiano Santa Teresa. (DIÁRIO DA MANHÃ, 2.12.1980).

Sabemos que a seção particular gerava ônus para os salesianos pelo fato de serem poucas matrículas e exigirem tratamento diferenciado. Na verdade, o Colégio como um todo estava sendo mantido com os recursos do repasse feito pelo governo estadual. Assim, a decisão de encerrar as atividades na parte

privada traria benefícios à Missão à medida que disponibilizaria mais vagas para a escola estadual, os funcionários e os professores contratados pela Missão passariam a condição de convocados pelo Estado e ainda havia a possibilidade de os alunos vinculados ao Colégio privado, se transferirem para a escola estadual Santa Teresa.

Quando o assunto é o Convênio, as opiniões ainda hoje, são bastante divergentes, principalmente quanto ao nível e perfil dos alunos e professores. A escola precisa ser entendida na sua historicidade, para isso precisamos conhecer o significado da educação escolar no período, os anseios depositados na escola como possibilidade de melhoria de vida, como oportunidade de participação política, social, econômica e cultural.

No final do ano letivo, feita a avaliação dos professores pela coordenação e direção, alguns eram convidados a continuar na Escola Estadual Santa Teresa, enquanto outros eram postos à disposição da Agência de Educação para retornar a escola de origem ou procurar outra. Era uma escola conveniada com o Estado que selecionava o corpo docente. Daí a crença que os professores estaduais que trabalhavam no Santa Teresa eram os melhores.

A existência do Convênio foi benéfica para Corumbá por ter expandido o número de vagas para o ensino público, possibilitando o acesso à educação para muitos. Já que no período, a cidade não dispunha de vagas suficientes para absorver toda a clientela escolar. E para a Missão Salesiana foi vantajoso à medida que ocupou os espaços ociosos, recebeu subsídios do Estado por alunos matriculados que aumentou substancialmente, passando de 356 alunos (1971) para mais de 4000 alunos, nos anos em que foi mantido o acordo (observe o quadro 2).

O Convênio firmado inicialmente com o estado de Mato Grosso e posteriormente, - devido à divisão do estado - com o Mato Grosso do Sul foi mantido até 1987, quando a instituição educacional voltou a ser particular, apenas com cessão de professores por parte do estado de Mato Grosso do Sul.

Daí em diante, era feita uma pesquisa socioeconômica junto a família do aluno a fim de saber a renda familiar para estipular a mensalidade a ser paga. Até 1996, o governo continuou responsabilizando-se somente por professores. Depois de 1996, o Colégio passou a ser novamente particular.

Após a existência do Convênio todos os anos ao se aproximar o final do ano letivo começavam as especulações que o mesmo não seria renovado. Isso gerava a mobilização da população, dos pais, dos políticos, da imprensa, e como o governo não tinha construído escolas suficientes para abrigar um grande número de alunos, o Convênio acabava sendo mantido.

A imprensa local publicou em setembro de 1985 um artigo com o título “*Colégio Estadual*” de autoria do vereador Benedito Gattass Orro, manifestando a preocupação com a particularização do Colégio Santa Teresa transcrito abaixo na íntegra:

Parece que está aparecendo ou estão aparecendo outras crises em Corumbá. Temos acompanhado pelos órgãos de imprensa, comentários de amigos e através da câmara de vereadores, inclusive debatido com diversos senhores vereadores o problema do Colégio Santa Teresa. A particularização dos Colégios Estaduais e em destaque atual o Colégio Salesiano de Santa Teresa nos causa três grandes preocupações. Temos ouvido comentários, boatos, críticas e apresentações mais variadas do problema e necessitamos de maiores esclarecimentos através do legislativo corumbaense, assim como vimos e ouvimos entrevista em TV da direção do Colégio Santa Teresa. O problema do Colégio Santa Teresa ao nosso ver, olhando sob diversos ângulos do prisma: 1) indiscutivelmente o Colégio Santa Teresa está bem administrado e todos sabemos e reconhecemos o importante papel da Congregação Salesiana em Corumbá na educação dos nossos filhos e na administração do Colégio. O imprescindível papel dos salesianos em Corumbá em diversos setores já foi e continua sendo alvo de respeito, reconhecimento gratidão e congratulações. 2) O Colégio Santa Teresa acredito, o maior Colégio estadual conveniado, possui aproximadamente 4000 alunos ou mais e todos sabemos a dedicação dos professores e dos padres salesianos na condução, administração e orientação do mesmo. O reconhecimento e apoio desta gigantesca obra sempre foi lógica de prestígio pelas autoridades municipais e estaduais, e pelo povo de uma maneira geral, considerando que todos ajudaram, inclusive materialmente em sua construção, e sempre prestigiaram as suas promoções. Isso sem contar o prestígio das famílias que

entregam seus filhos a orientação do Colégio, ocupando todas as vagas e inclusive com filas para novas vagas.3)O Estado como órgão mantenedor do Colégio Santa Teresa ou pelo menos da maior parte do mesmo, a nosso ver tem procurado ajudar, e inclusive com modesta participação nossa no governo anterior foi feita a doação de 359 carteiras para o Colégio, além de coisas menores do Estado e do Município. Não acreditamos que por mais cega que seja um administração não reconheça a importância de um Colégio deste gabarito, onde estudam mais de 4000 crianças em uma cidade onde a população não atinge 100.000 habitantes. Isto posto, temos algumas dúvidas a tirar e ponderações a fazer: a)quando ouvimos as palavras da direção pela TV deixando claro a possibilidade de particularização do educandário, não ouvimos qualquer motivo plausível ou qualquer reivindicação mais concreta e detalhada que iria renovar o Convênio que existia entre as duas partes. b) Por sua vez pessoas ligadas ao Estado também sem dar maiores explicações e da motivação do ocorrido ou que a direção do Colégio Santa Teresa não quer renovar o Convênio referido. Achamos que a Direção do Colégio Santa Teresa deveria fazer de público um esclarecimento da totalidade dos fatos com todos os detalhes para que o povo, os pais, os estudantes, os professores, e os políticos pudessem entender melhor o que está acontecendo e lutar em melhores condições. Achamos que o Estado também deveria fazer declaração idêntica demonstrando a sua culpabilidade ou não e que o povo julgasse a razão das partes. (O MOMENTO,18.09.1985).

O relacionamento entre o Estado e a Missão não era fácil e às vezes, as regras da administração pública estabelecidas por meio de um Decreto, de uma Resolução ou de uma Portaria inviabilizavam um trabalho e criavam desgastes e polêmicas. Em 1985, o Governo do Estado ameaçou não renovar o Convênio, e a Missão diante da indecisão do Governo falava em retomar as atividades do setor privado, o que representaria naquele momento, muitos alunos fora da escola, isso porque as escolas municipais e estaduais da cidade não tinham infraestrutura suficiente para absorver todo o contingente que deixaria o Santa Teresa por não ter condições de pagar as mensalidades.

No artigo transcrito, o vereador manifesta a sua opinião sobre a importância dos salesianos na educação corumbaense, ao mesmo tempo, mostra a preocupação com o cancelamento da parceria. Apesar da crise, a parceria se manteve até 31 de dezembro de 1987. A partir de 1988, entrou em vigor um novo

tipo de Convênio que perdurou até 1996, quando o Colégio voltou a ser particular, resultando em um déficit na educação escolar em Corumbá.

Ano a ano a indefinição por parte do Governo do Estado e a constante ameaça de não renovação do Convênio, mobilizava e movimentava a população, a imprensa falada e escrita, e a parceria acabava sendo renovada. Então, a população passou a acreditar que o Convênio nunca chegaria ao fim.



FIGURA 10. Colégio Santa Teresa será desativado em 81. (Fonte: Diário da Manhã, nº 459. Corumbá, 02 dez. 1980. Ano II).

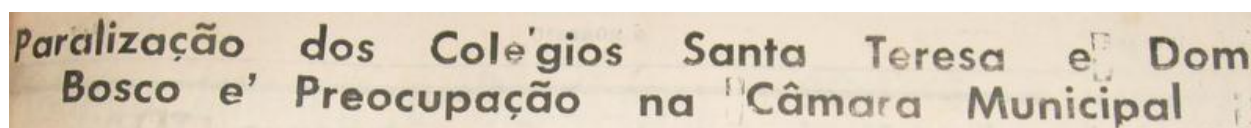


FIGURA 11. Paralisação dos Colégios Santa Teresa e Dom Bosco é Preocupação na Câmara Municipal. (Fonte: O Momento, nº 9485. Corumbá, 11 set.1985. Ano XL).

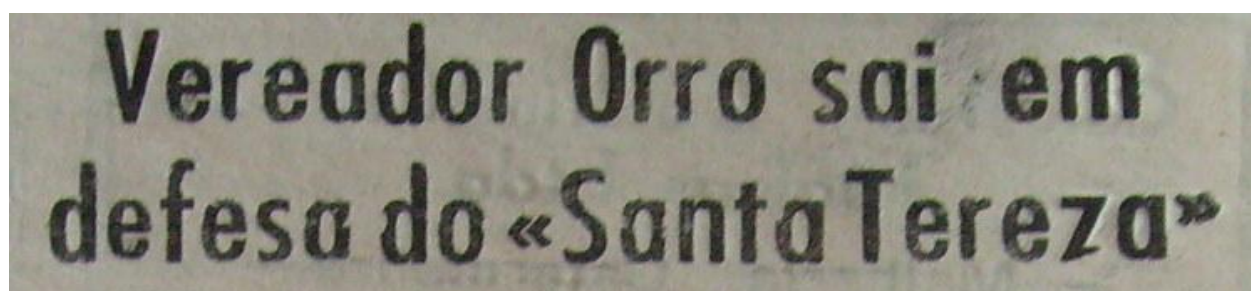


FIGURA 12. Vereador Orro sai em defesa da Santa Teresa. (Fonte: Diário da Manhã, nº 2071, 30 out.1987. Ano IX).



FIGURA 13. Santa Teresa ameaçado de fechar as portas em 88. (Fonte: Diário da Manhã, nº 2057, 09 out.1987. Ano IX).

A imprensa local divulgava a reivindicação de diferentes segmentos sociais à medida que publicava matérias tornando público o problema e ao mesmo tempo, solicitava tanto dos representantes da Missão como do Governo explicações sobre o andamento das negociações.

A intensa, conflituosa e interessada relação entre os salesianos e o estado mato-grossense acabavam sendo diluídas como observamos nos roteiros e nas práticas cívicas nas escolas, especialmente se olharmos as comemorações, gincanas e celebrações referentes ao âmbito local.

3.1 As Festas Cívicas no Colégio e na Escola Estadual Santa Teresa

Mostrar a história do Colégio Santa Teresa por meio das festas e comemorações escolares, articulando aspectos internos e externos à escola, nos permite desvelar às mudanças e permanências no calendário escolar, nas práticas escolares, bem como as funções educativas das festas, principalmente, depois de

instituído o Convênio (1971), que possibilitou o ingresso de alunos de vários setores sociais, em especial das camadas populares, no Colégio. Os eventos selecionados para essa pesquisa referem-se, nesse período, às festividades, celebrações e comemorações, que ocorriam simultaneamente com os alunos das duas escolas, no mesmo espaço e tempo escolar.

Um aspecto relevante é que no período em estudo (1972-1987), uma das grandes preocupações dos reformadores, políticos, intelectuais e educadores, era com a educação moral e cívica, a divulgação dos valores cívico-patrióticos e a preparação para o trabalho (Lei 5692/71).

Moral e civismo sempre estiveram presentes na educação brasileira, mas com o golpe militar de 1964, acentuou a preocupação com a doutrina da segurança nacional. Desse modo, a educação moral e cívica tornou-se obrigatória como disciplina e prática educativa, sendo responsável pela transmissão de ideais patrióticos que eram divulgados por meio dos conteúdos escolares, pelas palestras proferidas nas escolas e pelas festas escolares com a finalidade de despertar sentimentos de amor e dever à pátria, à família e à sociedade⁵⁶.

Em 1969, foi criada a Comissão Nacional de Moral e Civismo para planejar, controlar, implementar ações cuja finalidade era dar novo sentido à educação cívica. A comissão era responsável por traçar diretrizes para serem seguidas nos estabelecimentos de ensino, nas repartições públicas e pela sociedade civil.

Desse modo, os conteúdos de moral e civismo deveriam perpassar todas as disciplinas e práticas educativas. Por outro lado, os estabelecimentos de ensino foram obrigados a cumprir o programa fixado pelo Conselho Federal de Educação (CFE), e conseqüentemente a carga horária de história e geografia

⁵⁶ O Decreto-Lei 869/69 tornou a Educação Moral e Cívica disciplina obrigatória em todos os sistemas e graus de ensino do país e criou também a Comissão Nacional de Moral e Civismo. As finalidades da EMC foram citadas também no Decreto 68.065/71 e no Parecer 74/71 do CFE.

(estudos sociais) foi “cedendo” espaço para as disciplinas Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSPB).

As atividades cívicas estavam inscritas na Lei. Desse modo, passaram a fazer parte do cotidiano escolar por meio do culto aos símbolos nacionais, aos heróis nacionais, e das comemorações. O chamamento moral e cívico era feito a todos por intermédio da imprensa, nos livros didáticos, nos discursos e propagandas do Governo.

Sabemos que cada instituição escolar possui suas singularidades, portanto, suas formas de celebrar. Independente do local onde a escola se localizava, deveria aproveitar dos momentos festivos para inculcar hábitos de ordem, comportamentos, sentimentos pátrios e deveres para com a pátria e com o próximo.

As festas realizadas no Colégio Salesiano de Santa Teresa, estabelecidas no calendário escolar eram organizadas pelos diretores, pelos professores e pelos alunos. Consideramos que estreitava os laços entre escola e sociedade, tornando-a o lugar privilegiado para a divulgação da cultura, da memória histórica, e contribuía para a construção da identidade da escola.

Poucas alterações ocorreram ao longo do período eleito para estudo. No que diz respeito às festas cívicas, o recorte temporal do período de estudo perpassa três momentos significativos da história política brasileira e regional. O primeiro é o do Regime Militar no Brasil, o segundo da divisão administrativa do estado de Mato Grosso em 1977, que dá origem ao estado de Mato Grosso do Sul e, o terceiro, o início da Abertura Política.

Com o regime militar, houve a normatização de como deveriam ser as comemorações e festividades no ambiente escolar. O surgimento do estado de Mato Grosso do Sul incluiu no calendário mais uma data a ser comemorada: o dia da divisão do Estado, e no período da abertura política, as exigências da época do Regime foram abolidas.

É interessante destacar que cada um desses momentos históricos, colocava em cena rituais distintos, procurando educar os alunos e a comunidade para uma série de valores e virtudes cívicas, políticas e sociais. Assim, não podemos perder de vista ao analisar os relatos das festas que eles comportam silêncios e esquecimentos, voluntários, ou não, de segmentos da sociedade. Precisamos fazer considerações sobre o lugar de origem do participante, lembrando das práticas de controle e supervisão de pessoas e coisas nos festejos. É preciso reconhecer que não são dados inocentes, mas o que um grupo quis registrar. *“Não são mentiras ou deturpação da realidade, mas um determinado olhar sobre ela, olhar que é parte integrante e inseparável da realidade”* (CHAMON, 2002, p.23).

As festas e comemorações escolares deveriam seguir as regulamentações legais em vigor na época⁵⁷. A Delegacia de Ensino definia junto aos diretores das escolas a programação dos festejos escolares, e determinava os procedimentos de como celebrar as festas e comemorações nacionais no âmbito da escola.

Os diretores do Santa Teresa reuniam com os coordenadores e professores para repassar as orientações e recomendações oficiais recebidas. As festas e comemorações ocupavam uma grande quantidade de tempo durante o ano letivo, e os professores eram os responsáveis por ornamentar a escola, a sala de aula, participar ativamente das comemorações, difundindo valores cívicos e cumprindo as atividades previamente determinadas pelas autoridades educacionais.

Desse modo, os professores que antes desempenhavam atividades diretamente relacionadas à sala de aula, como planejamento, execução das aulas,

⁵⁷ Legislação Federal: Decreto-Lei nº 869, de 12/09/1969 Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências; Lei nº 5700/71, de 01/09/1971 Dispõe sobre a forma e apresentação dos Símbolos Nacionais e dá outras providências; Decreto nº 68065, de 14 /01/1971 Regulamenta o Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, que dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5692, de 11 de agosto de 1971; Constituição Federal.

correção de trabalhos, de cadernos e de provas, passaram a ter a responsabilidade de preparar as festas escolares e os alunos.

Os alunos participavam ativamente dos festejos como atores e colaboradores, sabendo que de sua disciplina e responsabilidade dependiam o sucesso ou fracasso do evento.

Importa destacar que o desempenho tanto de alunos como de professores era avaliado pelos diretores, coordenadores e sociedade em geral, conforme a qualidade das apresentações veiculadas nos dias festivos.

A preocupação era de que a festa cumprisse a sua finalidade educativa, colaborando para que as datas cívicas fossem respeitadas e celebradas; o amor à pátria fosse cultivado; a educação valorizada, por meio das festas de acolhida a alunos e professores, de formatura, de encerramento do ano escolar.

O programa das festas começava sempre com uma explicação sobre a data, feita por um professor, ou mesmo pelo diretor da escola, seguido de apresentações de alunos.

Todos os anos o Colégio comemorava o aniversário da “*Revolução de 1964*”, com palestras elaboradas pelos alunos e com uma reflexão do padre diretor, enfatizando a importância do acontecimento para “democracia” brasileira. No ano de 1976 o ato cívico ocorreu em conjunto com a Escola Estadual. Na ocasião foi feito o hasteamento da bandeira ao canto do Hino Nacional e um aluno foi escolhido para fazer um discurso sobre a data.

A data cívica era trabalhada em sala de aula pelos professores que junto aos alunos faziam pesquisas, cartazes e quadros murais, com a finalidade de reverenciar a “*revolução*”.

Com o discurso de que todos eram testemunhas dos benefícios da “*Revolução de 31 de março de 1964 quando nossa Pátria foi desviada de rumos errados para encetar essa miraculosa marcha de progresso e desenvolvimento*”,

a população era conclamada a participar dos eventos comemorativos do aniversário da “*Revolução*”.

A Prefeitura Municipal de Corumbá elaborava uma longa programação que começava no dia 27 de março e prosseguia até o dia 31 de março. Constava na programação palestras transmitidas pelas emissoras de rádio e televisão, retreta na Praça da Independência, entrega de prêmios aos vencedores do concurso “*A Revolução e suas realizações*”, lançamentos e inaugurações de obras, jogo de futebol no estádio Arthur Marinho, hasteamento à Bandeira e Missa em Ação de Graças⁵⁸.

O ponto alto das comemorações ficava reservado para o dia 31 de março, que começava com a alvorada festiva na Praça da Independência, seguido por alocução à data e hasteamento à Bandeira. Nesse dia, as escolas públicas e particulares da cidade mandavam representações de alunos e professores para participar do evento. A figura a seguir, ilustra a intensa programação do aniversário da “*Revolução de 1964*”.

⁵⁸ Retreta: concerto popular de uma banda em praça pública.

PROGRAMA COMEMORATIVO DA PASSAGEM DO DECIMO ANIVERSARIO DA REVOLUÇÃO DE 1964

<p>DIA 27: Palestras: às 12,00 horas pelas emissoras de Rádio. às 20,00 horas pela TV — Cidade Branca. Vereador Pro. Walmir Coelho.</p> <p>DIA 28: Palestras: às 12,00 horas pelas emissoras de Rádio. às 20,00 horas pela TV — Cidade Branca. Prof. Cléo Proença.</p> <p>DIA 29: Palestras: às 12,00 horas pelas emissoras de Rádio. às 20,00 horas pela TV — Cidade Branca. Dr. Moysés dos Reis Amaral Secretário de Educação</p> <p>às 20,00 horas — Retreta c/Banda do 17.º B.C. Praça da Independência.</p> <p>às 20,30 horas — Entrega no Salão Nobre da Prefeitura Municipal, dos Prêmios aos vencedores do Concurso sobre o tema: "1.º Decênio — A Revolução e suas realizações", realizado no Centro Pedagógico de Corumbá, sob patrocínio da Prefeitura Municipal.</p> <p>DIA 30: Inaugurações. Calçamento com Bloket. Rua 7 de Setembro — 2.800mts². Rua D. Aquino, — 2.400mts². às 14,30 horas — Futebol no Estádio Artur Marinho Portões Abertos. às 20,00 horas — Sessão solene na Câmara Municipal. às 20,00 horas — Retreta c/Banda do Comando Naval de Ladário — Praça Inde-</p>	<p>pendência.</p> <p>DIA 31: às 8,00 horas — Hasteamento à Bandeira p/Sr. Presidente da Câmara Municipal na Praça da Independência. Banda do 17.º B.C. às 9,00 horas — Lançamento da pedra fundamental do Centro Comunitário no "Bairro Generoso" e Ordem de Serviço. — Lançamento de concorrência pública para construção da Praça do Aeroporto — Praça Modesto Gomes da Silva. às 14,30 — horas — Futebol no Estádio Artur Marinho Portões Abertos Banda do Comando Naval de Ladário. Entrega de Troféu pelos Exmos. Srs. Gal. Osvaldo Ignácio Domingos e Al. Paulo Guilherme Brandão Padilha. às 18,00 horas — Missa em Ação de Graças no Santuário d. Maria Auxiliadora, celebrada pelo Bispo Diocesano D. Ladislau Paz. Banda do 17.º B.C. às 20,00 horas — Palavras de encerramento na TV — pelo Exmo. Sr. Ga. Osvaldo Ignácio Domingues. Retreta c/Banda de Música Municipal Praça Independência. Visto! ACYR PEREIRA LIMA PREFEITO MUNICIPAL</p>
---	---

FIGURA 14. Programação oficial do 10º aniversário da "Revolução de 1964".
(Fonte: Folha da Tarde, nº 3573, 27mar. 1974. Ano XII).

As comemorações alusivas à “*Revolução de 1964*” visavam propagar a ideia de que o regime foi em defesa do povo. As palestras transmitidas pelo rádio e pela televisão eram estratégias arquitetadas pelo regime com a finalidade de interferir nas formas de pensar e de agir da população, tornando-os favoráveis ao Governo.

Na área educacional, através da disciplina EMC e OSPB incutiam os valores: obediência, passividade, ordem, fé, “*liberdade com responsabilidade*”, e patriotismo como mecanismos para legitimar o Governo e suas ações.



FIGURA 15. Reunião dos alunos no pátio do Colégio antes do início das aulas - 1980 (Acervo do Colégio).

No Colégio Santa Teresa, todos os dias antes do início das aulas, os alunos ficavam reunidos no pátio da escola para o momento cívico. Isso significava cantar o Hino Nacional enquanto as bandeiras (do Brasil, do Estado e do

Município) eram hasteadas. Após a execução do hino, ocorriam as orações, os avisos e depois os alunos eram liberados para dirigirem-se a sala, enfileirados acompanhados pelo professor. Essa prática fez com que os padres salesianos ficassem conhecidos por imprimir nos discentes a devoção à Pátria, o culto à Bandeira, além do amor a Deus e à Maria Auxiliadora.

O dia 21 de abril - dia de Tiradentes e da Fundação de Brasília – era comemorado anualmente no Colégio e por ser feriado nacional, a seção cívica era antecipada para o dia 20 de abril, sendo dividida em duas partes. Na primeira parte, todos os professores trabalhavam o tema “*Tiradentes*”, cada uma em sua sala, desenvolvendo atividades diversas com caráter festivo, motivando os alunos a confeccionarem quadros murais, cartazes, fazerem pesquisas e trabalhos no interior da sala de aula (cópias, ditados, composições livres). Na segunda parte, todos os alunos participavam do hasteamento da bandeira, do canto ao Hino à Independência, depois ouviam palestra ligada ao tema, assistiam as apresentações dos grupos de alunos escolhidos para representar cada turma e retornavam às salas.

Recitar poesias, declamar, apresentações de ginásticas, desfiles, homenagens, cantos, competições esportivas, passeatas eram atividades incorporadas à cultura festiva. O momento de integração e socialização durante o ritual festivo contribuía para a construção da memória coletiva. Podemos dizer que as datas instituídas pelo Estado para serem comemoradas e os conteúdos a serem veiculados por meio delas, buscavam “formar” o bom cidadão.

O dia 13 de junho é um feriado municipal em que se comemora o dia da Retomada de Corumbá. O ato cívico organizado pela Prefeitura Municipal de Corumbá acontece na Praça da Independência e reúne autoridades civis, militares, representantes de instituições escolares públicas e privadas, dentre outros. A importância desse evento deve-se ao fato de que Antonio Maria Coelho comandando a Frota Expedicionária de Mato Grosso expulsou da “*Vila de Corumbá*” (em 1867), hoje, Corumbá, os paraguaios, que liderados por Solano Lopez, ocupavam as terras da Província de Mato Grosso por ocasião da Guerra

do Paraguai. Nesse evento, o Hino Nacional e a Marcha da Retomada eram executados pelas Bandas de música da Marinha e do Exército. Durante a cerimônia eram colocadas flores no pedestal onde se encontra a ossada do “*herói da Retomada*” e havia apresentações alusivas a data.

Constam nos documentos consultados que até o ano de 1973, esse dia também era celebrado com um desfile escolar esportivo e o Colégio Santa Teresa colocava um grupo de alunos para representá-lo. O desfile foi abolido, embora o feriado fosse mantido.

Fazia parte do calendário cívico a semana do Exército. Esta tinha início no dia 19 e terminava no dia 25 agosto. Durante a semana, os materiais usados pelo Exército: armas, munições, jipes, tendas camufladas e roupas especiais, ficavam em exposição na Praça da Independência. Os estudantes do ensino público e privado de Corumbá e Ladário e a população corumbaense prestigiavam a exposição. Outras atividades marcavam a semana, como exemplo, corrida rústica, retreta com a Banda de música do 17º Batalhão de Caçadores (BC), e solenidade militar com entrega de medalhas⁵⁹.

A data no Colégio Santa Teresa era lembrada em sala de aula com pesquisas, confecção de cartazes e também com visita ao Exército. Nas visitas ao quartel, as instalações eram apresentadas aos alunos e depois eram proferidas palestras sobre a importância do Exército para a segurança nacional. Tema bem sugestivo, se levarmos em conta o período político que estávamos vivendo em que era importante moldar comportamentos e convencer os alunos acerca dos “benefícios” do regime.

As festas não se restringem ao espaço da escola, mas tem a capacidade de estender-se por toda a sociedade, penetrando, moldando e influenciando nas formas de agir e de se comportar dos indivíduos.

⁵⁹ O dia do Soldado é comemorado no dia 25 de agosto. Foi instituído em homenagem a Luís Alves de Lima e Silva – Duque de Caxias – Patrono do Exército Brasileiro.

Anualmente eram realizadas no interior do Colégio Salesiano de Santa Teresa palestras sobre formação cívica e moral, direitos e deveres, moral-religiosa, o bom cidadão, grandes nomes da história do nosso país, proferidas pelo padre diretor. Posso inferir que essas palestras tinham a intenção de propagar, divulgar e afirmar o regime militar que havia se instaurado pelo golpe de 1964. De acordo com Carvalho,

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também – e é o que aqui me interessa – por símbolos, alegorias, rituais e mitos (CARVALHO, 1990, p.10).

Desse modo, era importante selecionar, planejar e programar as festividades escolares, para que pudessem construir e reforçar a memória oficial nacional com atividades diversas dentro e fora da escola. A festa cívica era um importante instrumento para evitar o esquecimento, promover a recordação de fatos, e de pessoas escolhidas para serem lembradas.

Levando-se em conta, a etimologia, cívico do latim *civicu* relativo aos cidadãos como membros do Estado, a festa cívica, é uma festa produzida por questões políticas, mas não podemos reduzi-la a essa característica. Um dos objetivos da festa cívica é produzir sensibilidades, contagiando e comovendo a todos (CHAMON, 2002). Outra característica é a publicidade. Não existe festa cívica feita às escondidas, porque acontece no espaço público, aberta a todos e nos lugares em que muitas pessoas circulam.

A programação da Semana da Pátria era elaborada pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Corumbá (SMEC) e pelo Comando da 2ª Brigada Mista. Estes elaboravam as orientações e encaminhavam às escolas públicas e privadas, às organizações civis e militares, clubes de serviço e entidades classistas.

Prefeitura Municipal de Corumbá

Secretaria de Educação e Cultura

Programa: «Semana da Pátria 1977»

Local: Praça da Independência

FINALIDADE
Regular as atividades que serão desenvolvidas durante a «Semana da Pátria» na cidade de CORUMBÁ.

DIA 01 DE SETEMBRO — ABERTURA
07:30 hs — Abertura Solene da «Semana da Pátria», com a chegada do Fogo Simbólico e a locução alativa pelo Diretor do Colégio «D. Hosius»
08:00 hs — Presença da Banda da 2ª Bda Ms.
08:00 hs — Hasteamento do Pavilhão Nacional pelo Diretor do Colégio D. Basso.
08:00 às 09:00 hs — Demonstrações Cívicas — esportivas e culturais, do referido Colégio.

08:00 às 09:00 hs — Demonstrações pelos alunos do Colégio.
17:00 às 18:00 hs — Demonstrações Escolares.
18:00 hs — Arriamento da Bandeira pelo Diretor do Colégio — Substituição da guarda pelo 17º BC.

GUARDA DO FOGO SIMBÓLICO
08:00 às 18:00 hs — Guarda do Fogo Simbólico pelos alunos do Colégio — após as 18:00 hs, a cargo do 17º BC.

PALESTRA
20:00 hs — Palestra na TV Cidade Branca por Oficial da 2ª Bda Miata.

DIA 02 DE SETEMBRO
08:00 hs — Hasteamento do Pavilhão Nacional pelo Diretor da Escola do SENAI — Presença da Banda da 2ª Bda — Substituição da guarda do Fogo Simbólico pelos alunos do Colégio.

08:00 às 09:00 hs — Demonstrações pelos alunos do Colégio.
17:00 às 18:00 hs — Demonstrações Escolares.
18:00 hs — Arriamento da Bandeira pelo Diretor do Colégio Estadual Maria Leite — Substituição da guarda pelo 17º BC.

GUARDA DO FOGO SIMBÓLICO
08:00 às 18:00 hs — Guarda do Fogo Simbólico pelos alunos do Colégio Maria Leite — após as 18:00 hs a cargo do 17º BC.

PALESTRA
20:00 hs — Palestra na Rádio Clube de Corumbá por Oficial da 2ª Brigada Miata.

DIA 03 DE SETEMBRO
08:00 hs — Hasteamento do Pavilhão Nacional pelo Diretor do Colégio Estadual Maria Leite — Presença da Banda da 2ª Brigada Miata — Substituição da guarda do Fogo Simbólico.
08:00 às 09:00 hs — Demonstrações pelos alunos do Colégio.
17:00 às 18:00 hs — Demonstrações Escolares.
18:00 hs — Arriamento da Bandeira pelo Diretor do Colégio Estadual Maria Leite — Substituição da guarda pelo 17º BC.

GUARDA DO FOGO SIMBÓLICO
08:00 às 18:00 hs — Guarda do Fogo Simbólico pelos alunos do Colégio Maria Leite — após as 18:00 hs a cargo do 17º BC.

PALESTRA
20:00 hs — Palestra na Rádio Clube de Corumbá por Oficial da 2ª Brigada Miata.

DIA 04 DE SETEMBRO
08:00 hs — Hasteamento do Pavilhão Nacional pelo Diretor do Colégio Industrial Dr. João Leite de Barros — Presença da Banda da 2ª BDA — Substituição da guarda do Fogo Simbólico.
08:00 às 09:00 hs — Demonstrações pelos alunos do Colégio.
17:00 às 18:00 hs — Demonstrações Escolares.
18:00 hs — Arriamento da Bandeira pelo Diretor do Colégio Industrial Dr. João Leite de Barros — Substituição da guarda pelo 6º DN.

GUARDA DO FOGO SIMBÓLICO
08:00 às 18:00 hs — Guarda do Fogo Simbólico por alunos do Colégio Industrial Dr. João Leite de Barros — após as 18:00 hs, a cargo do 6º DN.

do Ginásio e Escola Normal Imaculada Conceição — Substituição da guarda pelo 17º BC.

GUARDA DO FOGO SIMBÓLICO
08:00 às 18:00 hs — Guarda do Fogo Simbólico por Colegiais do Ginásio e Escola Normal Imaculada Conceição — após as 18:00 hs pelo 17º BC.

PALESTRA
20:00 hs — Palestra na TV Cidade Branca por Oficial da 2ª Bda Miata.
— Palestra na Rádio Clube de Corumbá por Oficial do 6º DN.

DIA 06 DE SETEMBRO
08:00 hs — Hasteamento do Pavilhão Nacional pelo Diretor do Colégio Estadual Santa Tereza — Presença da Banda da 2ª Bda. Substituição da guarda do Fogo Simbólico.
08:00 às 09:00 hs — Demonstrações pelos alunos do Colégio.
17:00 às 18:00 hs — Demonstrações Escolares.
18:00 hs — Arriamento da Bandeira pelo Diretor do Colégio Estadual Santa Tereza — Substituição da guarda pelo 6º DN.

GUARDA DO FOGO SIMBÓLICO
08:00 às 18:00 hs — Guarda do Fogo Simbólico por Colegiais do Colégio Estadual Santa Tereza — após as 18:00 hs pelo 6º DN.

PALESTRA
20:00 hs — Palestra na TV Cidade Branca por autoridade Civil.

DIA 07 DE SETEMBRO
09:15 hs — Hasteamento do Pavilhão Nacional pela mais alta autoridade presente — Presença da Banda da 2ª Brigada Miata — Substituição da guarda do Fogo Simbólico.
09:30 hs — Revista da Tropa
1:00 hs — Destile Cívico Militar

ANACHE

CINE ANACHE

HOJE

Com ar condicionado perfeito em sessões às 15.00 — e 20.00 horas em colorido

LUCKY LUCIANO

FIGURA 16. Programa: Semana da Pátria 1977. (Fonte: O Momento, nº 7343, 31 ago. 1977. Ano XXXII).

A solenidade de abertura da semana iniciava no dia 1 de setembro na Praça da Independência com a chegada do Fogo Simbólico e se estendia até o dia 7. Todas as escolas eram convidadas a participar da abertura, bem como, previamente eram escaladas para em um dia durante a semana encaminhar uma representação de alunos devidamente uniformizados para participar do hasteamento da Bandeira Nacional ao som do hino nacional; fazer demonstrações cívicas, esportivas e culturais; e o arriamento do Pavilhão Pátrio. A guarda do Fogo Simbólico ficava a cargo dos estudantes, das 8h até as 18h. Das 18h até as

8h do dia seguinte ficava sob a responsabilidade dos militares do 17º Batalhão de Caçadores (BC) e do 6º Distrito Naval de Ladário.

No programa da festa, hinos, retretas com a participação da Banda Municipal, Banda do Comando Naval de Ladário, Banda do 17º BC, recitação de poemas, danças, concurso de fanfarras, exposição de armas e equipamentos das Forças Armadas, apresentação de alunos, concurso literário, palestras proferidas por autoridades civis e militares transmitidas pelo rádio e pela televisão.

O dia da Pátria era a mais importante das datas cívicas e por isso, era solenemente festejado pelas escolas públicas e privadas. O dia 7 de setembro começava com o hasteamento da Bandeira ao som do Hino Nacional na Praça da Independência. Após esse Ato, ocorria salva de tiros de canhão. Com o primeiro tiro começavam o repicar dos sinos das igrejas, das sirenes e apito das embarcações e o lançamento de mil bolas de gás.

Terminada a solenidade na Praça, começava ainda pela manhã, o desfile cívico-militar, passando pelas principais ruas do centro da cidade, desembocando na Avenida General Rondon. A população deixava suas casas e aglomerava-se nas ruas, participando como espectadores do desfile. Às 18h ocorria o encerramento solene das comemorações da semana da Pátria com o arriamento da Bandeira Nacional, retirada do Fogo Simbólico e premiação ao aluno vencedor no concurso literário.

O jornal Folha da Tarde publicou em agosto de 1974 um artigo intitulado “*Colégio Salesiano na Semana da Pátria*”, informando como seriam realizadas as homenagens do educandário na semana da Pátria⁶⁰. Consta na publicação que a “*participação especial do Salesiano*” começaria por volta das 7h45 min e que levaria 1200 alunos acompanhados por sua “*grande fanfarra*”. Para a direção e professores do Colégio não era difícil movimentar esse número significativo de alunos porque bastava atravessar a rua D.Aquino para ter acesso a Praça da Independência. De acordo com os registros do Livro de Ocorrência e as

⁶⁰ Folha da Tarde, nº 4544, 31 ago. 1974. Ano XV.

informações divulgadas pela imprensa, o padre diretor fez o hasteamento da Bandeira, os alunos do período matutino apresentaram um jogral, ficando uma comissão do Colégio encarregada pela Guarda do Fogo simbólico e na parte da tarde os estudantes do turno vespertino cerca de 1300 deram continuidade à celebração. Foi feita uma demonstração de ginástica olímpica com bastões e halteres, o arriamento da Bandeira por um aluno e em seguida ocorreu a passagem da Guarda do Fogo Simbólico.

Internamente, durante a semana da Pátria eram realizadas as olimpíadas salesianas ou jogos salesianos. De Campo Grande vinham duas delegações de atletas, uma do Colégio Dom Bosco e outra, do Colégio Auxiliadora, para competir em várias modalidades, juntamente com os atletas do Colégio Salesiano de Santa Teresa, o Genic e o Dom Bosco de Corumbá.

As práticas esportivas e recreativas eram realizadas com frequência no Colégio Salesiano de Santa Teresa, principalmente durante as festividades. Isso porque o fundador da Congregação considerava que jogos, esporte e brincadeiras eram importantes para exercitar as forças físicas, incentivar a colaboração em grupo, distrair o espírito e aumentar a resistência física.

Eram intensas as atividades do Colégio na semana da Pátria. A direção e os professores podiam contar com a cooperação dos membros do Centro Cívico na organização de alguma atividade festiva. A imensa Bandeira Nacional na parte lateral do prédio (FIGURA 17) ficava exposta durante o mês de setembro e objetivava despertar o Nacionalismo e Patriotismo. Imagens e símbolos como forma de expressão da cultura cívica.



FIGURA 17. Semana da Pátria, 1979. Colégio Salesiano de Santa Teresa (Acervo do Colégio).

Para as apresentações nas comemorações cívicas, religiosas ou pedagógicas os ensaios da fanfarra eram constantes. A fanfarra começava os ensaios em abril, a época tinha um militar como instrutor. Nos desfiles, seus integrantes apresentavam-se diante do palanque impecavelmente fardados e em perfeita sincronia faziam as evoluções com rigorosa precisão.



FIGURA 18. Ensaio da fanfarra do Colégio Salesiano de Santa Teresa (Acervo do Colégio).

Uma das normas do Colégio era que os alunos não fossem tirados da aula para ensaios. Então, participavam dos ensaios em horário oposto ao período de estudo. É claro que essa norma nem sempre era seguida.

Os ensaios da fanfarra, aconteciam praticamente todas as tardes, geralmente depois das 16h e iam até antes de começar as aulas no período noturno. De forma geral, os discentes tinham bastante envolvimento com as festividades, conforme relato de Dinorá Cestari de Lima “*o pessoal do noturno sempre dava um jeitinho de chegar mais cedo para ensaiar sua apresentação antes de começar a aula*”⁶¹.

No calendário oficial da cidade e do Colégio, o 7 de setembro era o desfile mais significativo, prevalecia a comemoração da data da Independência como momento da conquista da liberdade.

⁶¹ Dinorá Cestari de Lima. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

Era o evento em que todos os alunos e professores do Colégio Salesiano (público/privado) eram obrigados a desfilar. O que diferenciava uma clientela da outra, era o uniforme durante o evento. Os alunos do Colégio Salesiano (privado) usavam um uniforme tradicional azul e branco. Calça azul com listras brancas e casaco branco com listras azuis. E os alunos do Colégio estadual usavam uma camiseta branca com o símbolo da escola e calça ou saia azul marinho.

Nos dias que antecediam o desfile, soldados do Exército eram chamados pelos dirigentes do Colégio para ajudar a treinar os alunos. Então, nesses dias, o ensaio acontecia durante as aulas e por turno. Todos os alunos eram colocados no pátio e organizados em alas. Feito isso, acompanhados da fanfarra alunos e professores davam uma volta no entorno da escola, e estava “*pronto o desfile*”.

No ensaio geral, o percurso era maior, e agrupava os alunos dos três turnos (matutino, vespertino e noturno). Há registros da década de 1970 que mostram a participação do Colégio no desfile de 7 de setembro com quase 4 mil alunos. Conforme relato de Alfio Pozzi, mesmo com esse número expressivo de alunos na rua “*foi tranquilo, pedíamos empenho e que comportassem descentemente porque estavam representando uma escola, uma entidade*”⁶².

O numeroso grupo de adolescentes e jovens que desfilavam disciplinados era usado pelos salesianos como propaganda ao Sistema Preventivo de educação. Embora saibamos que com o Convênio (1972-1987) muito foi se perdendo do Sistema Preventivo porque os professores que entraram na instituição receberam poucas orientações sobre o Sistema.

Na ocasião da realização dos desfiles, os alunos recebiam um *ticket*, como forma de controle e este deveria ser entregue pelo aluno no primeiro dia de aula após o desfile. Os alunos que deixavam de comparecer ao desfile cívico-militar não entravam nas aulas e eram chamados para justificar o não comparecimento.

⁶² Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

No aniversário da cidade, as escolas desfilavam somente com uma representação de alunos. Com a mudança de regime e a abertura política, houve inversão na organização dos desfiles. O de 7 de setembro, que antes contava com a participação de maior número de alunos e professores, passou a ter somente uma representação. E o aniversário da cidade, ganhou importância, tornando-se um evento de maior expressão no âmbito local. Inclusive foi inserido na programação comemorativa do aniversário da Fundação de Corumbá um concurso de fanfarras que acirrou as disputas entre os Colégios públicos e privados da cidade.

À época das comemorações cívicas, a imprensa publicava a programação e descrevia como aconteceram os desfiles. A programação dos festejos do aniversário da cidade assemelhava a da Semana da Pátria. As apresentações do Colégio nos eventos da cidade eram sempre prestigiadas pela população, até porque, diante do número de alunos que o educandário tinha no período em que o Convênio estava em vigor, era difícil não conhecer alguém que ali estudasse. O jornal O Momento publicou na íntegra um ofício do prefeito municipal ao diretor do Santa Teresa elogiando pela atuação “*Colégio salesiano e Escola Estadual Santa Teresa no desfile do Bi-Centenário*” (O MOMENTO, 1978, n.7645).

Os organizadores da festa definiam o percurso, os lugares de concentração das escolas e dos espectadores, uma forma de regular e disciplinar o espaço físico a ser utilizado. Entretanto, as pessoas não ocupavam o espaço físico de maneira regular, ajuntavam-se pelas ruas sem se preocupar com a demarcação dos espaços.

Durante os desfiles, os habitantes da cidade repartiam o mesmo espaço físico. Todos os presentes eram espectadores e testemunhas da festa. Como participantes tinham os mesmos objetivos, comemorar os acontecimentos da vida política e social. Portanto, a festa cívica tentava mostrar uma unidade cívica, uma comunhão entre os habitantes independente da posição social.

Diante disso, podemos afirmar que no cenário da organização do desfile buscava-se reduzir e atenuar as diferenças entre a clientela escolar, ao mesmo tempo que mantinham discente e docentes reunidos na “*unanimidade da obediência*” (DUVIGNAUD apud CHAMON, 2002, p. 31).

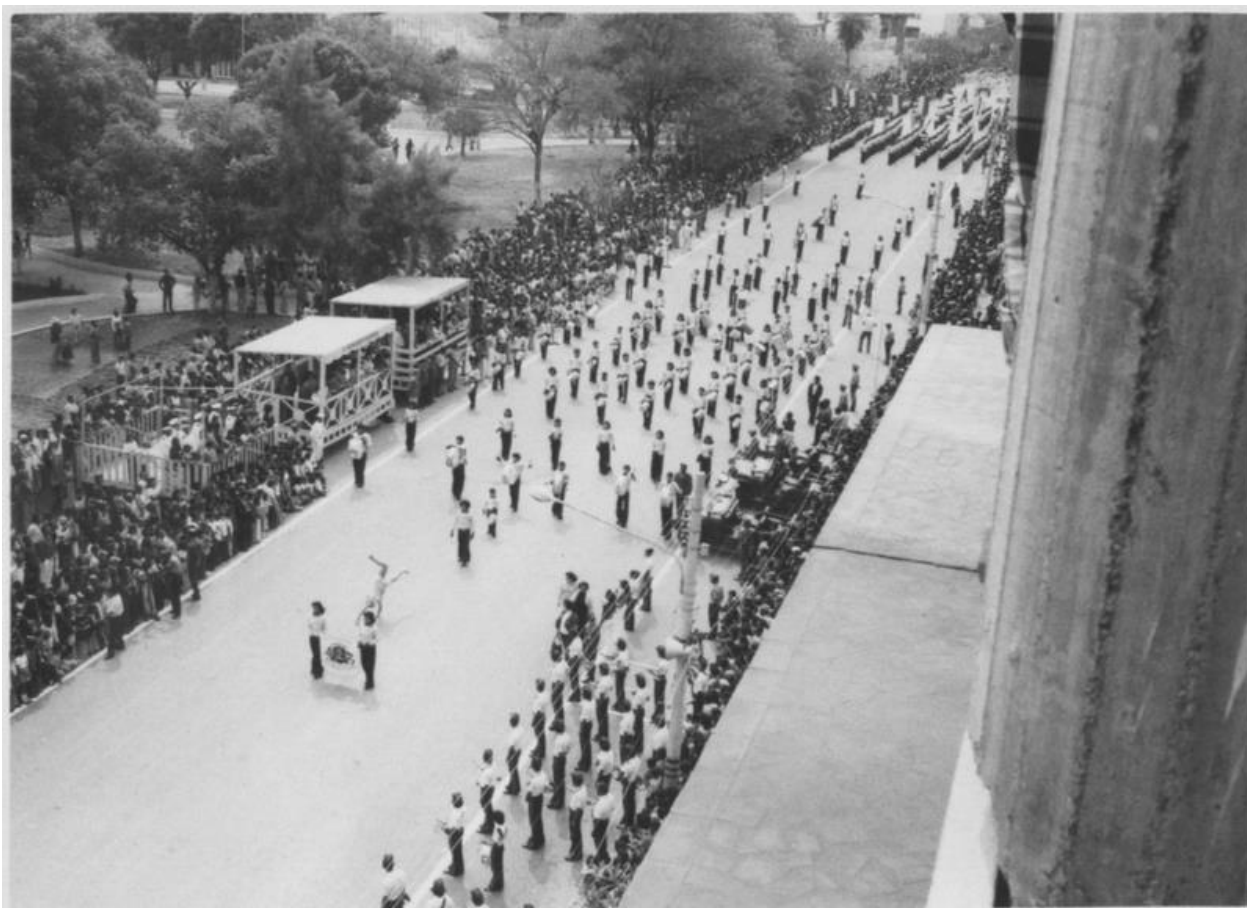


FIGURA 19. Desfile Cívico-Militar: 7 de setembro de 1974 - Colégio Salesiano de Santa Teresa (Acervo do Colégio).

As representações visuais estavam sempre presentes nos desfiles através dos enfeites, flores, carros alegóricos, vestimentas especiais, quadros com alegorias, faixas, adornos, emblemas alusivos à festa. O efeito visual objetivava despertar a atenção, emocionar e seduzir o povo. CHAMON (2002, p. 58) diz:

A festa cívica vinha [...] carregada de símbolos, emblemas e quadros alegóricos, retratando pessoas e situações, fazendo aparecer sob a forma concreta das imagens valores sociais que identificavam a comunidade. Esses quadros evidenciavam seu caráter pedagógico.

A figura (20) é um exemplo disso. Tomando por base a frase “*o Santa Tereza nos acolhe*” e observando o uniforme daqueles que estão atrás (calça jeans e camiseta branca), podemos deduzir que esses sujeitos são alunos do Colégio estadual “acolhidos” no Santa Teresa.

Sabemos que o dia do desfile era um dia diferente, modificava a rotina da cidade e a vida social. As pessoas saíam de suas casas e concentravam-se nas ruas para ver a festa acontecer.



FIGURA 20. Desfile 21 de setembro, aniversário de Corumbá (Acervo do Colégio).

As demonstrações públicas produziam múltiplos significados e representações e objetivavam rememorar os acontecimentos marcantes e gloriosos para a construção da memória e a história do país.

Sendo as festas cívicas rituais políticos contribuem para a construção de um conjunto de crenças e de valores sociais. O destinatário das festas cívicas eram os alunos, os pais, os professores, e a população em geral, que sempre estavam presentes para prestigiar as comemorações. A presença desses sujeitos era indispensável, porque são os espectadores, sem a sua presença e participação, ela perde a sua razão de ser. Já que a eles se pretendia instruir e educar.

A festa cívica não se resumia a sua ligação com o poder, no entanto, a veiculação política ficava mais evidente nos momentos festivos. Os acontecimentos políticos incentivavam as festas, mas não bastava o evento político para que elas ocorressem. É bom lembrar que as festas nascem no imaginário social e se vinculam de forma não sistemática aos acontecimentos políticos.

Os organizadores das festas cívicas estimulavam os sentidos dos espectadores - visão, paladar, olfato, audição, tato – a fim de intensificar as impressões e emoções. Pelo olhar, mostrava-se ou ocultava-se o que fosse relevante na educação do cidadão.

Ao inscrever as festas para que fossem (re)lembradas, os relatos reordenavam a memória social e a organização inconsciente da memória coletiva. Os valores e sentimentos políticos presentes nas festas podem nos informar sobre as estratégias políticas de legitimação do poder, ou de moralização da educação, pois as festas possuem vários significados e uma profusão de sentidos.

O significado da festa não se restringe apenas ao vínculo que ela mantém com as circunstâncias [...] O seu ritual e a sua simbologia, [...] têm muito a dizer aos historiadores, que deixam de apenas narrar essas festas para buscar compreender os

comportamentos a ela ligados, as representações coletivas que elas encerram e sua ressonância social. (CHAMON, 2002, p. 13).

É importante tomar cuidado para não reduzir a festa apenas a instrumento de controle da população e entretenimento em períodos de tensões sociais. É inegável que cumpre essa função, mas não pode ser vista apenas como um instrumento usado por um determinado grupo social ou pelo Estado para atender determinados fins.

Lambert (1994, p.16) diz que é um mecanismo importante na *manutenção de determinados valores e ideias* e possui uma multiplicidade de usos, intenções e sentidos servindo a diferentes finalidades (OZOUF, 1976) que variam de acordo com o tipo de comemoração e a instituição que a realiza.

É bom lembrar que o Estado, enquanto agente orientador das políticas de ensino e concentrador do poder, determina e legitima o que precisa ser preservado na memória histórica, mas isso não se dá sem resistência.

A história se apresenta como uma disciplina fundamental no processo de formação de uma identidade nacional. Isto pode ser visto no espaço escolar, à medida que se institucionaliza uma memória oficial, na qual as memórias dos grupos sociais economicamente não dominantes não se encontram expressas, representadas ou valorizadas. Em outras palavras, exerceu a função legitimadora e justificadora do projeto político de dominação burguesa, onde a escola foi um dos principais espaços de formação da elite cultural e política.

A tarefa da escola tornava-se cada vez mais complexa, uma vez que era obrigada a introduzir para alunos de diferentes níveis sociais, formas de socialização comuns a todos e contraditoriamente inculcar um conteúdo alicerçado nos feitos das “elites”.

Uma data que passa a fazer parte do calendário cívico escolar é o Dia Divisão do Estado de Mato Grosso e Criação do Estado de Mato Grosso do Sul. A Assembleia Legislativa, em 11 de outubro de 1979, instituiu feriado do dia da Divisão. No Colégio a data passou a ser lembrada por meio de palestras alusivas

a data. A missão da escola por meio do ensino das “*tradições inventadas*” era organizar as festas ou atividades cívicas objetivando reforçar a memória. Estas não podiam ser tratadas somente pelos livros didáticos e pelas exposições dos professores em sala de aula. As festas e comemorações tornaram-se partes integrantes do currículo escolar.

Através da festa buscava-se forjar uma unanimidade por meio da celebração dos fatos e personagens da vida político e social. O importante era despertar o Patriotismo, incentivar o interesse pelos destinos do país, pelo desenvolvimento da região, assim, a festa cívica era uma festa pedagógica, já que visava formar um espírito público, lições de disciplina coletiva, criando e difundindo sentimentos cívicos e valores importantes para a vida social.

Por meio do entusiasmo coletivo vivenciado na festa, que o poder público desejava à adesão da sociedade às ideias que queria tornar absolutas, legitimando os valores que a festa cívica proclamava. O fato de o povo comparecer aos festejos cívicos não significava que comungava dos valores e ideais públicos.

A organização das festividades cívicas em Corumbá-MS, em geral, era de responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. As festas regulares, inscritas no calendário nacional, regional ou local, eram celebradas todos os anos, devendo a Prefeitura se encarregar do ordenamento da celebração. Custeando ou não as festas cívicas, o poder público se fazia presente mediante suas autoridades constituídas.

É importante entender que as representações são práticas culturais, que se traduzem no pensar e no fazer o cotidiano escolar. Podemos então afirmar que, à medida que os atores educacionais pensam e fazem a realidade escolar, eles se apropriam dos modelos culturais que os circundam, reinterpretando-os e utilizando-os.

Desse modo, podemos afirmar que a festa está sempre em processo de mudança, sendo transformada, a cada momento, pelos grupos sociais e pela produção de novos significados simbólicos (ITANI, 2003). Festejar também significa práticas coletivas de resistência às imposições dos governantes, das elites dominantes de cada época.

Todos nós, historiadores ou não, sejam quais forem nossos objetivos, estamos envolvidos neste processo de rememoração, uma vez que contribuimos, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública no qual homem atua como ser político.

CAPÍTULO IV - ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA, ADMINISTRATIVA E PRÁTICAS ESCOLARES

Utilizamos a categoria *cultura escolar* como aporte para entender também a organização, o funcionamento interno da escola, bem como, as práticas escolares. No interior de cada escola ou instituição escolar, existe uma cultura, que pode ser considerada peculiar à escola, mas não está restrita a ela, pois, relaciona-se com outras práticas culturais mais amplas da sociedade. Daí afirmar que a sociedade produz a escola e é também por ela produzida, ou seja, os saberes da sociedade perpassam a escola e vice-versa.

Esse olhar sobre a escola tem recebido contribuições de diversas áreas de estudos, como a antropologia, a sociologia, a filosofia, a linguística, dentre outras. Deste modo, vários autores têm dado suporte aos estudos sobre a *cultura escolar*, a saber, Jean-Claude Forquin, Antonio Viñao Frago, Dominique Julia, Antônio Nóvoa, Guy Vincent, Bernard Lahire, Daniel Thin, Jean Hérbrard, André Chervel, entre outros.

No Brasil, tem-se dedicado aos estudos da *cultura escolar*, Diana Gonçalves Vidal, Luciano Mendes de Faria Filho, Irlen Antônio Gonçalves, Rosa Fátima de Souza, Vera Teresa Valdemarin, Eurize Caldas Pessanha, Marcus Vinícius da Cunha entre outros. Destaca-se que é um campo em construção, em que documentos oficiais vem sendo revisitados, mas também outras fontes, como livros de ocorrência, boletins de alunos, agendas escolares, fotografias de eventos, cadernetas escolares e muitos outros, portam pistas que podem permitir que sejam produzidos novos olhares da e sobre a escola acerca do passado e do presente.

Esse “*olhar para as práticas cotidianas da escola fixa-se nos acontecimentos silenciosos do seu funcionamento interno. Silenciosos, seja pela ausência de documentos, ou documentos pouco conservados*” (GONÇALVES e FARIA FILHO, 2005, p. 33).

Observar as práticas escolares, requer trazer para a análise questões ligadas aos aspectos internos da escola, como a distribuição do tempo, dos espaços escolares, da organização dos programas. Destarte, no interior da escola são produzidas maneiras de pensar e de agir que oferecem a todos os sujeitos envolvidos no processo educativo “*estratégias e pautas para desenvolver tanto nas aulas como fora delas*” (VIÑAO FRAGO, 1995).

Viñao Frago considera a *cultura escolar* como um “*conjunto dos aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização*” (VIÑAO FRAGO, 1995, pp. 68-69). Então, para esse autor, a *cultura escolar* abrange toda a vida escolar.

Para Dominique Julia, o conceito de *cultura escolar*, busca dar conta de olhar para o interior da escola - seu funcionamento interno – privilegiando três aspectos: as normas e finalidades que regem a escola; a análise e avaliação da profissionalização dos professores e sua relação com as normas postas; e análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares (Cf. JULIA, 2001, p.13).

As acepções de *cultura escolar* dos dois autores citados manifestam outras formas de conhecer a escola, se considerarmos o predomínio da historiografia macro estrutural que refletia sobre a escola como uma instituição social e política, mas pouco refletiam sobre o cotidiano dela. Portanto, os conceitos elaborados pelos dois autores podem ser considerados complementares e constituem outras formas de analisar e escrever a história da educação. De acordo com Souza, a posição de Viñao Frago, “*põe em relevo o conjunto das características do modo de ser e viver tipicamente escolares envolvendo a dimensão do cotidiano, a materialidade das práticas e os significados simbólicos do universo escolar*”, e a de Julia, “*dá ênfase aos processos de transmissão cultural da escola*” (SOUZA, 2000, p.4).

Chervel em estudo sobre a história das disciplinas escolares, faz a crítica àqueles que consideram a escola como agente de transmissão de saberes, dizendo:

A concepção de escola como puro e simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela está na origem da ideia, muito amplamente partilhada no mundo das ciências humanas e entre o grande público, segundo o qual ela é, por excelência, o lugar de conservadorismo, da inércia e da rotina. [...] Desde que se compreenda em toda a sua amplitude a noção de disciplina, desde que se reconheça que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação de massa que ela determina, então a história das disciplinas escolares pode desempenhar um papel importante não somente na história da educação mas na história cultural. Se se pode atribuir um papel ‘estruturante’ à função educativa da escola na história do ensino, é devido a uma propriedade das disciplinas escolares. O estudo dessas leva a pôr em evidência o caráter eminentemente criativo do sistema escolar, e portanto a classificar no estatuto dos acessórios a imagem de uma escola encerrada na passividade, de uma escola receptáculo dos sub-produtos culturais da sociedade.[...] E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global (CHERVEL, 1990, pp. 182-184, grifos nossos).

Em oposição à ideia de transposição didática defendida por Chevallard (1985), Chervel diz que não se pode reduzir a escola a um simples espaço de transmissão de saberes produzidos fora dela⁶³. Para o autor, as *criações espontâneas e originais do sistema escolar* ainda não foram devidamente valorizadas, logo, critica os esquemas de explicação que posicionam o saber escolar como um saber inferior ou derivado de outros saberes tidos como superiores. Desse modo, defende a ideia de que a escola não apenas reproduz os conhecimentos considerados relevantes para uma determinada sociedade, mas também os produz, gerando um saber próprio - específico da escola -, que se estenderá para toda a sociedade.

Portanto, da análise feita por Chervel sobre as disciplinas escolares, é possível inferir que a *cultura escolar* forma não somente os indivíduos que frequentam as instituições escolares, mas que essa cultura, influencia, de forma

⁶³ É importante registrar que Jean-Claude Forquin e Philippe Perrenoud, em seus estudos sobre a cultura escolar basearam-se no conceito de transposição didática de Chevallard.

ampla, a cultura da sociedade, uma vez que penetra, molda, modifica e (re) constrói os saberes.

Outro autor, Jean Claude Forquin, enfatiza à relação ‘íntima’ existente entre educação e cultura. Para o autor, há um vínculo enorme entre elas, uma não pode ser pensada sem a outra “*a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última e a educação não é nada fora da cultura e sem ela*”. Considera que a educação do tipo escolar, a cada geração faz uma seleção que elege quais saberes deverão permanecer, quais deverão ser esquecidos, quais serão sepultados em definitivo e quais deverão surgir. Pesquisou a constituição das disciplinas escolares, contudo, fazendo a intersecção com os estudos sobre o currículo. De acordo com Forquin, todos os professores e todas as instituições escolares fazem seleção no interior da cultura. Neste sentido, define a *cultura escolar* como:

[...] o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, “normalizados”, “rotinizados”, sob efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas (FORQUIN, 1993, p. 167).

Reconhecendo a especificidade dos vários autores aqui citados, percebe-se que está em questão a construção de uma categoria analítica para pensarmos a escola. Isso quer dizer que, apesar de apresentarem características e interpretações distintas, os vários autores podem colaborar no diálogo, na interface dos diversos campos, possibilitando distintas abordagens sobre a *cultura escolar*.

Consideramos a escola como local onde se produzem e convergem diversas culturas, materializam-se os processos de escolarização, produzem-se as sensibilidades. Marta Carvalho adverte que ao trabalhar com o conceito de *cultura escolar*

são postas em foco as práticas constitutivas de uma sociabilidade escolar e de um modo, também escolar de transmissão cultural [...] são focalizados, a partir desse conceito, os dispositivos que

normatizam tais práticas [...] os dispositivos de organização do tempo e do espaço escolar; dispositivos de normatização dos saberes a ensinar e condutas a inculcar (CARVALHO, 1998, p. 33).

Estudar as práticas escolares do Colégio Salesiano de Santa Teresa, significa problematizar questões ligadas à gênese da *cultura escolar*, lembrando-se que, no interior da escola, as ações dos sujeitos serão inventadas, ou recriadas. No caso dessa escola, procuramos perceber tanto as suas especificidades constituídas historicamente, como contribuir para o debate, que conta com esse instrumental analítico.

Para o estudo da *cultura escolar* é importante entender o funcionamento das instituições de ensino, as práticas de ensino buscando desvendar a *caixa preta* escolar (JULIA, 2001; FARIA FILHO; VIDAL et al., 2004). Trataremos da organização e funcionamento do Colégio Salesiano de Santa Teresa, no período de 1972-1987, buscando explicitar a consolidação do Colégio no ensino público, no período em que a escola esteve conveniada com o estado de Mato Grosso e, posteriormente, Mato Grosso do Sul, enfocando as mudanças e as práticas, os rituais e as tradições que gerou.

Na atual pesquisa, enfatizamos a necessidade de apreender “*o que se faz na escola*” (CHARTIER, 2000), nos seus diferentes tempos e lugares, atribuindo assim novo significado às práticas escolares, enquanto elementos constitutivos da realidade educacional e da vida social.

Assim, os documentos utilizados nesta parte do trabalho contém informações significativas sobre a organização e funcionamento do Colégio. Foram produzidos pelos atores educativos e pela própria instituição, no âmbito de suas atividades.

Reportando a Mogarro (2005), lembramos que “*as escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo*”. Entretanto, “*apresentam uma identidade*

própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário da vida de uma instituição” (MOGARRO, 2005, p.105).

Apresentamos à instituição educativa a partir de dentro, de suas formas de organização e das ações empreendidas por todos os sujeitos envolvidos naquilo que é comumente conhecido como *cultura escolar*.

No caso específico da escola estadual Santa Teresa e do Colégio Salesiano de Santa Teresa, percebe-se que pela forma de funcionamento das duas escolas é que se constrói, no imaginário coletivo, a concepção de que elas foram uma única escola. Elementos presentes no Regimento Escolar do Colégio Salesiano Santa Teresa eram aplicados diretamente na Escola Estadual e por meio da organização do trabalho pedagógico podemos perceber como a marca salesiana vai sendo amalgamada a uma escola pública.

As duas escolas funcionavam num prédio com três andares, o primeiro andar abrigava os alunos do colégio privado, o segundo e o terceiro do público. As acomodações físicas eram excelentes. Salas de aulas amplas e arejadas, quatro portões para entrada ou saída, rampa e escada de acesso aos andares, extensos corredores e pátios. Os intervalos para os alunos do público e do privado logo que iniciou o convênio eram em horários diferentes, a direção, coordenação e parte dos professores também.

4.1 O Regimento Interno e suas Determinações

O Regimento Interno é um documento interno de uma instância, entidade ou órgão, tendo em vista detalhar a sua organização e o seu funcionamento, respeitando as determinações gerais das leis ou definições maiores. Todos os colégios têm que possuir um regimento interno, constando as regras gerais sobre a educação. O Regimento é um documento público e é feito pela direção do educandário. Através dele, obtêm-se informações sobre procedimentos pedagógicos, critérios de avaliação e seleção, atribuições hierárquicas e padrões de autoridade. Em alguns estados, a legislação educacional dispensa de

aprovação pelo Conselho de Educação, mas exige seu registro em cartório de títulos e documentos. Os alunos ou seus responsáveis têm o direito de conhecê-lo e ter acesso a uma cópia durante o período de matrícula. Quando são feitas alterações no Regimento no decorrer do semestre ou ano, só entrarão em vigor a partir do ano seguinte - dependendo do regime adotado.

Caso os pais ou responsáveis discordassem de alguma cláusula do Regimento Interno do colégio, a recomendação era de que a matrícula não fosse efetivada antes que se esclarecesse qualquer dúvida. De acordo com informações conseguidas no Colégio, era raro que alguém contestasse o Regimento porque grande parte dos responsáveis pela matrícula não tinham a preocupação de lê-lo na íntegra.

No caso do Colégio Salesiano de Santa Teresa, com a assinatura do Convênio em 1971, os questionamentos a respeito da organização e funcionamento podiam ser feitos perante à direção ou ao judiciário, que acionava a escola, e o órgão, a que a mesma estava vinculada.

No Regimento Interno do Colégio Salesiano de Santa Teresa de 1971 constam aspectos ligados ao nome, finalidades do estabelecimento de ensino, organização, cursos, horário, ano escolar, matrícula, frequência, notas e médias, vida escolar, prova final, exame de segunda época, organização administrativa: diretoria, secretaria, tesouraria, conselho de ação, conselheiro escolar, corpo docente e corpo discente, presidência do grêmio estudantil, penalidades, calendário escolar e encerramento do regulamento.

Uma prática muito utilizada no Colégio no início do ano letivo era a leitura pública do Regimento. Dela participavam a direção, o corpo docente e o corpo discente. Podemos dizer que essa prática estava na base do Sistema Preventivo de Dom Bosco (razão, religião e *amorevolezza*) e tinha por finalidade normatizar as relações entre dirigentes e dirigidos, professores e alunos. Outro objetivo era o de fazer com que todos os envolvidos no processo educativo conhecessem antecipadamente as normas ou regras a fim de evitar transgredi-las.

A finalidade do Colégio Salesiano de Santa Teresa estava explícita no Regimento Interno de 1971 e era a de “*instruir e educar a juventude católica (art. 7º)*”, podendo aceitar para qualquer um dos cursos oferecidos, matrículas a “*alunos de outros credos, sem prejuízo todavia, do presente Regimento (art. 8º)*”⁶⁴.

E isso era cumprido à risca. Todos os alunos até meados da década de 1980 eram obrigados a participar das missas ou de outro tipo de programação religiosa. Diz Alfio Pozzi:

A missa era participada por mês ou a cada quinze dias, dependia das programações que nós fazíamos, e aí todo mundo era obrigado a participar, independente de religião. Todo mundo ia, não tinha jeito. Se você entrou tinha que aceitar a instituição. Não era obrigado a aceitar a religião, mas participar do culto, fazer o quê?⁶⁵

De acordo com o depoimento acima, não havia como contestar a obrigatoriedade na participação dos eventos religiosos. Já que essa exigência estava prescrita no Regimento Interno. Dito isso, quem matriculava seus filhos no Colégio automaticamente os autorizava a participar das celebrações. Para os seguidores de Dom Bosco, as celebrações religiosas eram momentos de celebrar a vida, a alegria de viver, e “*a certeza da presença de Deus na convivência diária e na vida de todos: educadores e educando*” (CASTRO, 2007a, p.46). Como já foi dito, a presença era obrigatória e um dos instrumentos usados para confirmá-la era o carimbo efetuado nas cadernetas. Após as celebrações religiosas as mesmas eram conferidas e o aluno que não tinha o carimbo, significava que estava ausente e teria que justificar junto aos dirigentes da instituição. Essa obrigatoriedade permaneceu aproximadamente até os anos de 1980, e a partir daí, de acordo com o relato da coordenadora Berenice Quevedo quando

⁶⁴ Regimento Interno do Colégio Salesiano de Santa Teresa, 1971, p.2 (Acervo do Colégio).

⁶⁵ Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

tem uma celebração na Igreja, todos são convidados para ir. Se a criança reluta porque a mãe proibiu, a gente senta ela ali e dá um livrinho para que ela leia ou alguma coisa assim, não vamos obrigar. E os maiores são todos convidados a entrar na Igreja mesmo que não reze, que não faça o sinal da cruz, mas que veja o que está sendo feito ali pra não sair lá fora falando que está sendo feito um trabalho de lavagem cerebral. Não tem nada disso, ensinamos valores. A parte da crença a gente deixa para a catequese não é aquela coisa de inculcar obrigatoriamente, ensinar obrigatoriamente uma Ave Maria se eles não crêem em Maria⁶⁶.

O depoimento evidencia uma transformação ou adaptação nas práticas educativas em que a criança e o jovem passaram a ser convidados a participar dos eventos religiosos. Parece que o fato do número de alunos ter aumentado significativamente ocasionou a diluição do Sistema Preventivo, até porque havia professores que não estavam comprometidos com a filosofia salesiana.

Na década de 1970, o Colégio funcionava sob o regime de externato, tanto para meninos como para meninas com curso primário, ginásial, colegial e o grêmio literário Dom Aquino.

O curso primário e o curso ginásial com duração de quatro anos, no mínimo, estavam organizados conforme a legislação estadual. Consta no Regimento Interno de 1971, que além das disciplinas elencadas no programa estadual, o Colégio ministraria outras que julgasse conveniente para promover a integração do aluno no seu meio social.

No Colégio Salesiano de Santa Teresa, a matrícula na primeira série do primeiro ciclo do curso ginásial estava vinculada à aprovação nos exames de ingresso que eram realizados em dois períodos, na primeira quinzena de dezembro e na primeira quinzena de fevereiro. Os exames de ingresso constavam de quatro provas escritas, a saber: Português, Matemática, História (História do Brasil) e Geografia (Geografia Geral). Sendo que os alunos que apresentassem

⁶⁶ Berenice Quevedo. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 26 de abril de 2007.

em seu histórico escolar a média igual ou superior a sete ficavam dispensados dos exames.

Diante do exposto, por meio dos exames de ingresso ou do histórico escolar eram selecionados os alunos mais “aptos” nas provas para dar prosseguimento aos estudos. Então, a relação dos professores e dos alunos com o saber, parece limitar-se ao bom desempenho nas provas orais e escritas, assegurando, assim, o *ritual de passagem*.

O Curso Ginásial constava de dez disciplinas, e segundo o Regimento Interno de 1971, não podia ser ministrada em uma série do curso, menos de cinco e mais que oito disciplinas. O programa de ensino estava organizado em disciplinas e práticas educativas, distribuído por anos e número de aulas semanais. O número de horas aula destinado às disciplinas, indicava o quanto a aprender de uma matéria, classificando-as como de maior ou menor importância de acordo com o tempo a elas destinado.

Observe na Tabela 1 e 2, tanto no Curso Ginásial como no Curso Colegial, as disciplinas estavam divididas em três blocos: as obrigatórias, as complementares e optativas e as práticas educativas.

As disciplinas obrigatórias eram as que compunham o núcleo/base comum nacional do ensino escolar. Martins (2003, p.161) alerta para não confundir disciplina complementar com disciplina optativa. “*As complementares eram também de caráter obrigatório, mas dependeria de cada sistema de ensino fazer a escolha por um conjunto de disciplinas [...] que melhor representasse os interesses locais*”. As práticas educativas visavam formar nos estudantes hábitos de ordem física, artística, cívica, moral e religiosa.

Na tabela a seguir estão organizadas as disciplinas e práticas educativas, o para o Curso Ginásial e Curso Colegial do Colégio Salesiano de Santa Teresa e da Escola Estadual Santa Teresa. Nas tabelas foram reproduzidas informações conforme constam no Regimento Interno do Colégio (1971). Ao consultarmos a

documentação escolar encontramos dois Regimentos, e esses correspondem aos anos de 1971 e 1987. Desse modo, podemos inferir que quase não há registro específico para a escola estadual, o que nos leva a suspeitar que houve o apagamento dos registros. No entanto, o Regimento Interno de 1986 evidencia a atualização do Regimento de 1971, anuncia o fim do Convênio estabelecido na década de 1970 e que um novo Convênio estava sendo firmado.

Tabela 1. Disciplinas e Práticas Educativas – Curso Ginásial

	1ª série h/a	2ª série h/a	3ª série h/a	4ª série h/a
1º Disciplinas Obrigatórias				
a) Português	05	05	05	05
b) Matemática	05	05	05	05
c) Educação Moral e Cívica (E.M.C.)	02	02	02	02
d) História do Brasil	03	03	--	--
e) História Geral	--	--	03	03
f) Geografia do Brasil	03	03	--	--
g) Geografia Geral	--	--	03	03
h) Iniciação às Ciências	03	03	--	--
i) Ciências Físicas e Biológicas	--	--	--	03
2º Disciplinas Complementares e Optativas				
j) Francês	03	03	--	--
k) Inglês	--	--	02	02
l) Desenho	01	01	02	02
m) Organização Social e Política Brasileira (O.S.P.B.)	--	--	02	02
3º Práticas Educativas				
n) Religião	01	01	01	01
o) Educação Física	02	02	02	02
Total h/a semanais	28	28	28	28

FONTE: Regimento Interno do Colégio Salesiano de Santa Teresa, 1971, p. 4.

Para o Curso Colegial, nas duas instituições, a duração era de três anos e seguia as determinações da Legislação Federal em vigor e do Regimento Interno. Na primeira e segunda séries do Curso Colegial, eram ministradas nove disciplinas, além das práticas educativas. De acordo com o Regimento Interno (1971), o programa por série, disciplinas e práticas educativas eram os mesmos desenvolvidos nas escolas estaduais.

Tabela 2. Disciplinas e Práticas Educativas – Curso Colegial

	1ª série h/a	2ª série h/a	3ª série h/a
1º Disciplinas Obrigatórias			
a) Português	05	05	05
b) Matemática	04	04	04
c) História Geral	03	03	--
d) Educação Moral e Cívica (E.M.C.)	03	03	02
e) Física	02	02	03
f) Química	02	02	02
g) Biologia	02	02	02
2º Disciplinas Complementares			
h) Desenho	02	02	02
i) Inglês	02	02	
3º Práticas Educativas			
j) Religião	01	01	01
k) Educação Física	02	02	02
Total h/a semanais	28	28	28

FONTE: Regimento Interno do Colégio Salesiano de Santa Teresa, 1971, p. 5.

É importante lembrar que as disciplinas e práticas educativas contempladas no Regimento Interno do Colégio Salesiano de Santa Teresa (1971), elencadas na tabela 1 e 2 sofreram alterações na denominação por conta

da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que entrou em vigor a partir de 1971 – a LDBEN 5692/71.

Pela nova Lei, o curso primário e o ciclo ginásial foram agrupados mudando a denominação para ensino de 1º grau, devendo atender a crianças e jovens de 7 a 14 anos, e a obrigatoriedade escolar foi ampliada de quatro para oito anos. O ensino de segundo grau no Brasil, tornou-se profissionalizante, porém, as escolas particulares burlaram a legislação, mantendo o curso colegial propedêutico, a fim de facilitar o ingresso de sua clientela no ensino superior.

A organização do trabalho escolar passa pela distribuição do tempo. O horário escolar era elaborado pelo Diretor de estudos, comumente chamado na época de Conselheiro escolar e aprovado pelo diretor, antes do início do ano letivo. A duração das aulas era de quarenta e cinco minutos, com intervalo de quinze minutos entre a segunda e terceira aula. O ano escolar iniciava no mês de março, independente do ano civil, tinha no mínimo, cento e oitenta dias de trabalho escolar efetivo, excluído o tempo reservado aos exames finais. O período de férias era de 1º a 31 de julho e do término dos exames finais ao reinício das atividades escolares.

O ensino e o aprendizado na escola passam por uma organização de disciplinas numa programação mensal, bimestral, semestral ou anual (VIÑAO FRAGO, 1998, p.6). A temporalidade da escola, seus ciclos, níveis, ritos, exercícios, exames, interrupções festivas, feriados, tempo das férias, estavam previstos no calendário escolar.

Faria Filho e Vidal (2000, p.32) dizem que

A distribuição do tempo escolar em aulas, períodos, anos e cursos indica também uma concepção sucessiva e parcelada do ensino. Segmentados, os conhecimentos se acumulam, sem necessariamente se relacionar. *O tempo escolar se associa às horas em que permanece na escola, contabilizadas em sinetas, recreios, cadernos, da mesma maneira nos ponteiros do relógio.* O que se faz durante esse tempo é o objeto em disputa. Como se gasta ou usa o tempo de estada no espaço escolar é o que cada vez

mais se põe em xeque à medida que se alteram as demandas sociais (grifos nossos).

Dessa forma, as necessidades de controle e a organização do saber (matérias de ensino), e das atividades de professores e alunos, fizeram com que calendários e horários tornassem importantes registros de ordenação de tempo (SOUZA, 1998).

A frequência às aulas era obrigatória, tanto nas disciplinas como nas práticas educativas. Ao final do ano letivo, alunos que tivessem 50% de ausência eram automaticamente reprovados. Para ter direito a prestar os exames finais, os alunos deveriam ter no mínimo 75% de presença nas aulas dadas. Conforme o Regimento Interno, as ausências eram lançadas no diário de classe de cada professor, e estas, deveriam ser justificadas pelos alunos ou por seus responsáveis, verbalmente ou por escrito.

A renovação de matrícula dos alunos quando “*comprovado o seu mau procedimento*” ou quando “*reprovados duas vezes numa só série*” era proibida. Havia casos em que o diretor, após analisar a situação do aluno junto aos responsáveis, autorizava a matrícula como é possível constatar no boletim escolar abaixo, o “*pode matricular*”, em que o aluno ficou “*conservado*” e obteve autorização do diretor para efetivar a matrícula.

Nome _____

Nº. 41

Série 1ª Grau IIº Turma "G"

Turno NOTURNO Ano Let. 1978

Pode matricular
14/02/79
J. [Signature]

HAB. BÁS. EM ELETRICIDADE

Escola Estadual de 1º. e 2º. Graus
"SANTA TERESA"
Decreto 2.318 de 28/11/1974
Rua 15 de Novembro, 489 — Fone, 231-2284
CORUMBÁ — Mato Grosso

FIGURA 21. Boletim escolar (verso). (Acervo de W.C.S. cedido para utilização neste trabalho).

DISCIPLINAS	NOTAS					Total	Média	Rec.	FALTAS					Total
	1º Bim	2º Bim	3º Bim	4º Bim	5º Bim				1º	2º	3º	4º	5º	
L.P.e L.B.	4,0	6,0	4,5	5,0	19,5	4,8			4	6	4	4	18	
Líng. Estrang.	6,5	4,0	5,0	7,0	22,5	5,6			1	3	2	-	6	
História	4,0	5,5	8,0	5,0	22,5	5,6			2	2	2	4	10	
Geografia														
OSP B														
Matemática	6,0	2,0	5,0	4,0	17,0	4,2			4	2	1	3	10	
Cien. F. e Biol.	7,0	7,5	8,0	7,0	29,5	7,3			5	3	2	1	11	
Educ Moral e Cív.	5,0	7,0	3,0	7,5	22,5	5,6			1	-	-	-	1	
Educ. Artística														
Progr. de Saúde														
Ens. Relig.	5,5	6,0	10,0	7,0	28,5	7,1			-	1	-	-	1	
Eletric.	4,0	3,5	3,5	5,0	16,0	4,0			2	2	1	3	13	
Química	4,5	7,0	2,5	2,5	10,5	2,6			3	4	4	1	12	
Resultado Final														

1º Bim 2º Bim 3º Bim 4º Bim 5º Bim

RESULTADO DO PAI OU RESPONSÁVEL

Diretor _____

FIGURA 22. Boletim escolar (frente). (Acervo de W.C.S. cedido para utilização neste trabalho).

neste trabalho)⁶⁷.

As avaliações se davam por meio de trabalhos escritos, arguições, provas, e exames com notas graduadas de meio em meio ponto, a contar de zero a dez. As provas escritas em todas as disciplinas e práticas educativas eram realizadas obrigatoriamente, nos meses de abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro. As provas mensais eram marcadas pelos professores, com no mínimo 48 horas de antecedência, todavia, os alunos não podiam prestar mais de duas provas por dia.

Cada aluno possuía uma caderneta escolar, cuja apresentação diária era obrigatória. Nela se fazia o registro diário das presenças, dos atrasos, das ausências, de qualquer punição ou comunicado, tanto por parte da escola como por parte dos pais ou responsáveis. Havia páginas na caderneta destinadas às “*comunicações do estabelecimento*”, às “*comunicações do pai ou responsável*”, bem como, ao registro do pagamento de mensalidades (taxas). Além disso, estavam impressos na caderneta as normas da escola, os direitos e deveres do aluno, as orações, o Hino Nacional Brasileiro, e o Hino à Bandeira Nacional. A diretoria da escola recomendava o “visto” dos pais à caderneta todas as vezes que houvesse um comunicado, e ao final de cada mês. Podemos dizer que era o meio de correspondência entre o Colégio e os pais ou responsáveis.

⁶⁷ O boletim escolar datado de 1978 exemplifica também as determinações do artigo 7º da Lei 5692/71 que estabelecia além das matérias do núcleo comum, como obrigatórias do currículo pleno: EMC, Educação Física, Educação Física, Programa de Saúde e Ensino Religioso – obrigatório para os educandários – facultativo aos alunos. O CFE definiu por meio do Parecer n. 853/71 que o núcleo comum era formado por matérias obrigatórias com suas especificações, cuja finalidade era a de garantir a unidade do ensino escolar. Desse modo era constituído por Comunicação e Expressão: Língua Portuguesa; Estudos Sociais: História, Geografia e Organização Social e Política do Brasil; e Ciências: Matemática e Ciências Físicas Biológicas.

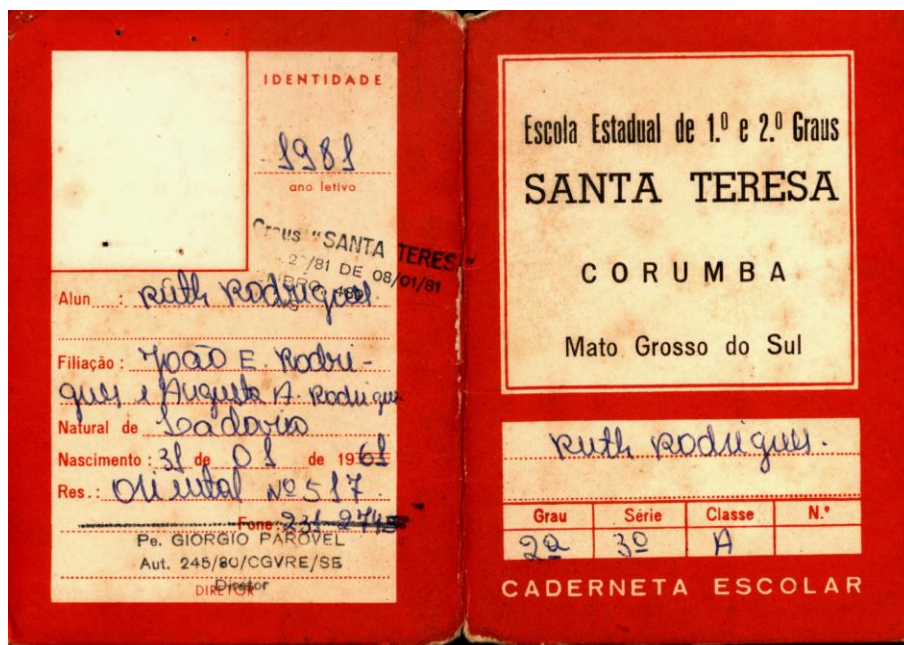


FIGURA 23. Caderneta escolar. (Cedida por Ruth Rodrigues para utilização neste trabalho).

Os objetos escolares constituem vestígios da organização pedagógica do ensino, permitindo entender como ocorriam as práticas educacionais em determinado período. Souza (1998, p. 223), parafraseando Escolano, diz que os objetos escolares “*manifestam um certo modo de entender e praticar o ensino, além de instituírem um discurso e um poder, eles informam valores e concepções subjacentes à educação*”.

4.1.1 A Organização Administrativa Prescrita no Regimento Interno de 1971 e de 1987.

O Colégio Salesiano de Santa Teresa tinha a seguinte organização administrativa: diretoria, secretaria, tesouraria, conselho de ação, conselho escolar ou diretoria de estudo, grêmio estudantil Dom Aquino, corpo docente e corpo discente.

A administração geral do Colégio cabia ao diretor, nomeado nos moldes do Regulamento da Congregação Salesiana, *Ad Nutum*, pelo inspetor da Missão Salesiana de Mato Grosso, sediada em Campo Grande, cujo mandato era de três

anos, podendo ser reconduzido uma única vez⁶⁸. O diretor possuía um vice, também indicado pela mantenedora e, tanto um como o outro, antes de assumir o cargo necessitavam de registro na Diretoria de Ensino.

O diretor era a maior autoridade do Colégio, considerado o elemento fundamental no organograma administrativo-burocrático. Cabia ao diretor fazer cumprir as leis do ensino e as determinações legais das autoridades competentes nas esferas de suas atribuições, representar o estabelecimento oficialmente perante as autoridades federais, estaduais e municipais, convocar reunião do corpo docente e presidi-la, assinar e rubricar todos os livros da escrituração do Colégio, aplicar penalidades aos professores, funcionários e alunos de acordo com a legislação em vigor e as disposições do Regimento escolar, organizar o horário escolar, fiscalizar as classes durante as aulas, dispensar e contratar professores e funcionários.

Ao vice-diretor cabia auxiliar o diretor nos trabalhos escolares e nos atos a que fosse nomeado, tomar conta dos bens materiais, da conservação dos móveis e imóveis do educandário, bem como fiscalizar a contabilidade.

O diretor tinha a centralidade na organização administrativa, burocrática e pedagógica e competia a ele nomear o secretário e demais funcionários do Colégio.

O secretário era responsável por todo o serviço de escrituração, arquivo, fichário, correspondência do estabelecimento. Competia a ele organizar o arquivo de modo a preservar as leis, os regulamentos, as instruções, as portarias, os pareceres, supervisionar e fiscalizar os serviços de secretaria, distribuindo trabalho a seus auxiliares, redigir e expedir a correspondência oficial, submetendo ao diretor, elaborar os relatórios oficiais, escriturar os livros, fichas e demais documentos que dizem respeito à vida escolar dos alunos, organizar os documentos do corpo docente, verificar os diários de classe, expedir e autenticar

⁶⁸ *Ad nutum* diz-se do ato que pode ser revogado pela vontade de uma só das partes. Dicionário Aurélio Século XXI.

com sua assinatura as declarações, as transferências, os livros de ata e de ocorrência.

A escrituração contábil, bem como todo o movimento econômico e financeiro da instituição estavam a cargo do tesoureiro, que tinha como responsabilidade coordenar e fiscalizar os serviços de tesouraria, elaborar o balanço ativo e passivo, fiscalizar o pagamento de impostos e taxas, escriturar o livro do Ministério do Trabalho referente a professores e funcionários, elaborar a folha de pagamento de pessoal e o recolhimento para o Instituto de Previdência Social, receber toda e qualquer espécie de receita.

O diretor como “*guardião da ordem e da disciplina*” (Cf. SOUZA, 1998), presidia o Conselho de Ação, outro elemento da organização administrativa escolar composto pelo vice-diretor, pelo conselheiro escolar e por todo corpo docente do Colégio.

O Regimento Interno previa como atribuições do Conselho de Ação: aprovar o calendário escolar, indicar nomes para composição do corpo docente, (re) elaborar o programa de atividades escolares para as diversas classes, escolher ou aprovar os livros didáticos, marcar as datas para as festas e comemorações ao longo do ano letivo, verificar o índice de aproveitamento dos alunos e estabelecer normas para melhoria no processo ensino-aprendizagem, afastar professores e alunos no caso de desrespeito às normas da instituição e alterar o Regimento Interno quando necessário.

Ao Conselheiro Escolar ou Diretor de Estudo competia cumprir as determinações do diretor e da legislação em vigor, zelar pela disciplina dos alunos dentro do Colégio e em seu entorno, autorizar ou impedir aos alunos em atraso com pagamento de mensalidades de prestar provas mensais ou exames finais, prestar auxílio aos professores e alunos nas questões disciplinares, de material escolar ou de emergência, controlar as faltas dos professores e funcionários, assim como a entrada e saída dos alunos, elaborar o horário anual de aulas, organizar as festas e solenidades escolares. Apesar de serem

diversificadas as atribuições do Conselheiro Escolar, todas estavam diretamente relacionadas ao trabalho do professor e do aluno. Isso nos permite inferir que o ocupante do cargo no exercício de suas funções diárias tornava-se próximo dos alunos e dos professores.

No que diz respeito ao Corpo Docente, o Regimento Interno (1971) assegura uma “*remuneração justa, na forma da Lei*”, ressaltando que enquanto o docente mostrar capacidade moral e normal de trabalho teria seu lugar garantido no Colégio, indicando como deveres do corpo docente: seguir a orientação didática e pedagógica do estabelecimento de ensino, desenvolver o programa da disciplina, não deixando de anotar o conteúdo no diário de classe, atender e respeitar as determinações do Conselho de Ação, “*zelar pela disciplina geral do estabelecimento, em cooperação com o Diretor e o Conselheiro escolar, em especial da sua classe, executar na íntegra os programas das disciplinas, de conformidade com as diretrizes metodológicas próprias*”, verificar a presença dos alunos na classe, anotar no diário a matéria lecionada, as notas dos alunos e entregar na secretaria o diário com as respectivas anotações, impedir a entrada e saída de alunos depois de iniciada a chamada e antes do término da aula, comunicar à direção ou ao conselheiro escolar, o aluno com problemas de aprendizagem, comparecer às reuniões e solenidades programadas pela e na escola.

Na parte do Regimento Interno que se refere ao Corpo Discente são listados os direitos, as obrigações e as proibições. Sendo direito dos alunos frequentar as aulas nos dias e horários determinados, receber assistência instrutiva e educativa, participar das atividades curriculares e extracurriculares. Entrar e sair da classe sem o consentimento do professor, trazer impressos, gravuras ou escritos imorais, armas, ou qualquer objeto perigoso, praticar atos ofensivos à moral e aos bons costumes, bem como atos de violência física ou moral eram expressamente proibidos aos alunos. Os alunos tinham por obrigação, apresentar assiduamente para a entrada no Colégio, trazer sempre em

dia a caderneta escolar, comparecer à escola na hora prevista nas comemorações cívicas ou religiosas.

A preocupação com a disciplina permeia todo o Regimento Interno. E, de acordo, com o Sistema Educativo Salesiano é por meio da disciplina que os objetivos traçados são atingidos. Sendo responsabilidade de todos que compunham o quadro de pessoal da instituição zelar pelo bom andamento da comunidade educativa. Conforme relato da ex-coordenadora Dinorá Cestari de Lima:

[...] o ano escolar começava com uma reunião de professores, a gente fazia reuniões pedagógicas para planejamento aos sábados. Praticamente todos os sábados nós tínhamos reuniões com atividades para os professores [...] e o trabalho inicial feito com o aluno, ele não cabia só a coordenação mas também aos professores e até a alguns pais. Com isso, dificilmente tínhamos problemas com disciplina, *os alunos eram sempre muito comportados até mesmo porque a filosofia salesiana já a primeira vista intimidava a todos né. A fama da rigidez já fazia com que todos ficassem sempre disciplinados.* Também a gente se reunia direto com os pais e as participações deles era sempre muito grande, a APM funcionou por um bom tempo, sempre atuante.⁶⁹ (Grifos nossos).

O trecho transcrito nos permite afirmar que as reuniões pedagógicas aconteciam constantemente e em alguns momentos, a coordenação buscava junto dos professores e dos pais a participação no planejamento de atividades, compartilhando, assim, a responsabilidade. Chama a atenção o trecho que diz que a filosofia salesiana intimidava a todos e a fama de rigidez tornava os alunos disciplinados.

Nas orientações do fundador da Congregação, o aluno quando cometia faltas deveria ser orientado, incentivado a não mais cometê-las, devendo assumir suas próprias responsabilidades. Dom Bosco, em seu sistema de educação, orientava que era importante impor limites, correção, mas sem humilhações e constrangimentos. O que acontecia no Colégio Salesiano de Santa Teresa, muitas vezes, fugia a essa determinação. Dinorá Cestari de Lima relata que

⁶⁹ Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

[...] quando acontecia de alguém ser colocado fora da sala de aula, ou coisa parecida, imediatamente mandava ao padre Afonso. E ele colocava a criança que tinha aprontado para andar junto com ele. Passava pelo corredor, automaticamente todo mundo sabia que ele [o aluno] tinha aprontado e ficava todo mundo olhando para ele, outros fazendo gozação. Depois mandava esperar no gabinete dele e aí conversava com o aluno⁷⁰.

Nos ensinamentos do fundador ninguém deveria ser repreendido em público. O fato de andar junto ao diretor pelos longos corredores dos três andares durante as aulas não significava repreensão? Não era comum durante o horário de aulas, aluno andar em companhia do padre diretor ou do padre coordenador. Seria esse um “privilégio”? Essa prática significava que algo de errado havia acontecido e o infrator estava à mostra a todos.

Nesse sentido, a *cultura escolar* foi sendo constituída por meio das normas e práticas que fixavam os valores e comportamentos a serem seguidos e os conhecimentos a serem ensinados em determinado espaço e tempo (FORQUIN,1993; FARIA FILHO, 1996; JULIA, 2001; VIÑAO FRAGO e ESCOLANO, 1998; VIÑAO FRAGO, 2000; SILVA, 2003). E o estudo dessas práticas escolares permite-nos compreender o conjunto de normas imposto por determinadas sociedades pela escola.

Quem deixasse de cumprir as determinações regulamentadas no Regimento Interno estava sujeito a sofrer penalidades. No caso do Corpo Discente, dependendo da infração, poderia receber uma admoestação simples, na própria sala pelo professor, repreensão reservada, oral, ou escrita pelo diretor, suspensão de 1 (um) a 15(quinze) dias, ou expulsão definitiva com cancelamento de matrícula.

Por meio das normas institucionais buscava-se que os alunos nos diversos ambientes escolares desempenhassem bem seus deveres, apresentando postura e rendimento satisfatórios. O horário de entrada era seguido rigorosamente. Em caso de descumprimento, os infratores eram penalizados com o retorno para

⁷⁰ idem.

casa, independente do motivo que tivesse ocasionado o atraso. Vejamos o que a imprensa publicou:

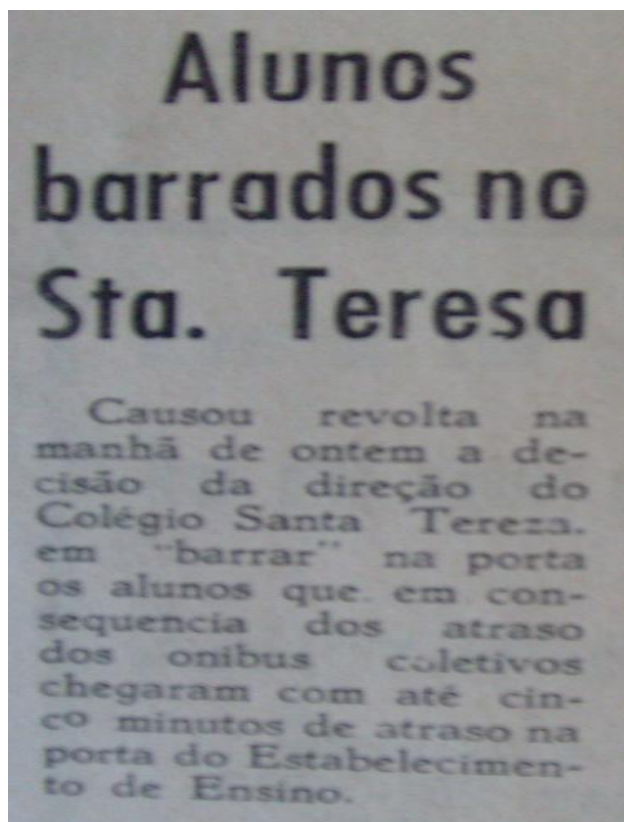


FIGURA 24. Alunos barrados no Sta Teresa. (Fonte: Diário da Manhã, nº 348, 06 jul.1980. Ano II).

Para melhor compreensão da organização e funcionamento do Colégio Salesiano de Santa Teresa, foi utilizado como documento para a análise, o Regimento Interno elaborado no ano de 1986, porém aprovado em 12 de janeiro de 1987.

No preâmbulo do Regimento Interno (1987) a instituição é denominada Escola de Pré-Escolar de 1º e 2º Graus Santa Teresa, e têm como mantenedora “a *Missão Salesiana de Mato Grosso, sociedade civil, sem fins lucrativos, apolítica e confessionalmente católica*”. A finalidade da escola, de acordo com o Regimento de 1987 era “o *aperfeiçoamento de seus membros na vivência dos*

conselhos evangélicos, a formação integral da pessoa humana e de maneira específica da juventude”⁷¹.

Conforme consta no documento, a escola tinha em funcionamento a Educação Pré-Escolar, o Ensino de 1º Grau e o Ensino de 2º Grau. A Educação Pré-Escolar recebeu Autorização de funcionamento através da Deliberação do Conselho Estadual de Educação (CEE) nº 1308/86; o ensino de 1º Grau por meio da Autorização nº 849/76-Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso (SEC MT); o ensino de 2º Grau, Técnico em Contabilidade Autorização nº 87/75 – SEC/MT; Habilitação Básica em Eletricidade: Resolução CEE/MS nº 24/80; Curso de 2º Grau – Lei nº 7044/82: Deliberação CEE/MS, nº 507/83. O ensino de 1º Grau obteve o reconhecimento através da Deliberação CEE/MS nº 1308/86, e o ensino de 2º Grau Técnico em Contabilidade pela Portaria nº 5777/77 – SEC/MT, e Habilitação Básica em Eletricidade pela deliberação CEE nº 1308/86.

A estrutura organizacional da escola foi ampliada, passando a funcionar com os seguintes setores: direção, tesouraria, secretaria, serviços técnicos pedagógicos (serviços de orientação educacional, serviço de orientação pedagógica, serviços de orientação e serviço de orientação religiosa), biblioteca, serviços auxiliares e instituições formais.

O diretor e o diretor adjunto, durante todo o período em que vigorou o Convênio, eram nomeados pela Missão Salesiana de Mato Grosso e autorizados pela Secretaria Estadual de Educação. Tinham como competência coordenar, controlar, supervisionar a execução das atividades desenvolvidas no educandário. Em caso de ausência ou impedimento do diretor, quem o substituíam era o diretor-adjunto. O tesoureiro, técnico devidamente qualificado e nomeado pela mantenedora, era responsável por todo o serviço de ordem financeira, inclusive cabia a ele contratar professores e funcionários em pleno acordo com o diretor. Ao secretário cabia planejar, coordenar e controlar a escrituração escolar

⁷¹ Regimento Interno da Escola de Pré-Escolar de 1º e 2º Graus “Santa Teresa” aprovado pelo plenário do Conselho Estadual de Educação em reunião em 12/01/1987.

e o arquivo da escola, de modo que assegurasse a preservação dos documentos escolares.

Passava a integrar a estrutura da administração escolar, o setor de serviços técnicos pedagógicos, que tinha por responsabilidade assessorar a direção e desenvolver atividades de acompanhamento, controle e avaliação do processo-ensino aprendizagem. Este setor era constituído pelo serviço de orientação educacional, serviço de orientação pedagógica, serviço de coordenação e serviço de orientação religiosa.

Ao serviço de orientação educacional competia “*coordenar a ação integradora do aluno ao meio e ao processo de ensino-aprendizagem, oferecendo-lhe apoio para o alcance de sua auto-realização*” (REGIMENTO INTERNO, 1987, p. 17). Nesse sentido, o orientador educacional era uma “peça” importante na engrenagem da escola, pois era quem elaborava o plano de ação do serviço a partir do plano global da escola; coordenava a programação das atividades; analisava e buscava estratégias para solucionar as dificuldades apresentadas pelos alunos, tanto no que diz respeito à aprendizagem quanto a comportamento; participava do processo de integração Escola-Família-Comunidade; orientava a ação docente; encaminhava os alunos que necessitavam de atendimento especial a especialistas e orientava a participação dos líderes de classe no processo ensino-aprendizagem.

O serviço de orientação educacional estava estritamente ligado ao serviço de orientação pedagógica, que por sua vez tinha como competência “*planejar, acompanhar e avaliar as atividades curriculares conforme a linha filosófica e os objetivos da escola, assessorar e acompanhar o corpo docente; garantir a unidade do planejamento pedagógico e eficácia de sua execução*” (REGIMENTO INTERNO, 1987, p.18).

O orientador pedagógico era um especialista habilitado e registrado no órgão competente (CEE), que orientava e coordenava as atividades de natureza pedagógica na escola. Era quem assessorava o diretor na elaboração do

Calendário Escolar; auxiliava os professores na elaboração, execução e avaliação do planejamento didático; verificava os resultados da avaliação; e tinha que estar atualizado quanto à legislação para poder colaborar com a direção no processo de ajustamento do trabalho escolar. Além disso, era responsável por coordenar a programação das atividades pedagógicas; participar do processo de integração Escola-Comunidade; elaborar o plano de serviço em consonância com o plano global da escola.

Compunha também a estrutura administrativa da escola o coordenador. Podemos inferir que a atribuição do coordenador assemelhava-se a do conselheiro escolar da década de 1970. Analisando o Regimento Interno (1987), podemos constatar que os orientadores educacionais e pedagógicos tinham praticamente as mesmas atribuições que o coordenador. O que os diferenciavam era que o coordenador era indicado pelo diretor e nomeado pela mantenedora para assessorá-lo na administração, orientação e coordenação de toda a estrutura, organização e funcionamento do Colégio. Na hierarquia interna, coordenavam, inclusive, o trabalho dos orientadores, que no período, eram funcionários do Estado lotados na escola estadual.

Eram atribuições do coordenador a organização, a divulgação e a atualização do quadro geral de atividades previstas no calendário escolar, a elaboração do horário de trabalho dos docentes, das reuniões pedagógicas, a distribuição da carga horária, a organização do horário de avaliação, de recuperação e de adaptação. Além disso, era ele quem deveria promover a integração escola-comunidade e fazer a ponte com os setores técnicos pedagógicos, visando à melhoria do processo ensino aprendizagem. Também nas suas obrigações, o assessoramento às reuniões de pais e mestres, o controle da parte disciplinar e a organização das atividades cívicas esportivas e culturais do Colégio.

Posto isso, podemos dizer que o coordenador era peça chave no cotidiano escolar, visto que controlava e organizava os saberes a serem ensinados, as

atividades de professores, de alunos, dos técnicos pedagógicos, buscando integrar escola-comunidade através de calendários e horários.

O serviço de orientação religiosa ficava a cargo do coordenador pastoral no Colégio Salesiano de Santa Teresa e passou a atender também os alunos da escola pública. O coordenador possuía curso superior de Teologia e era nomeado pelo presidente da Missão Salesiana de Mato Grosso, sendo encarregado de realizar durante o ano letivo as manhãs e tardes de formação com discentes e docentes.

Na seção do Regimento Interno que trata da composição curricular, o currículo é apresentado como a organização das matérias de ensino, visando oferecer aos educandos a formação adequada para que possam desenvolver suas potencialidades, autorrealizar-se, preparar-se para o trabalho e exercer a cidadania de forma consciente.

4.2 Ordenamento do Tempo Escolar

A organização do tempo na escola por meio do calendário escolar e dos horários contribui de forma eficiente para ordenar, controlar as atividades educativas – entrada, exercícios, intervalos, festas, saída-, cumprindo uma finalidade moral e disciplinadora de comportamentos.

O calendário escolar era o instrumento que expressava a ordenação temporal das atividades anuais previstas para o estabelecimento de ensino. No período estudado devia ter no mínimo 180 dias de trabalho escolar efetivo. Consideram-se dias letivos, os dias em que as atividades de aula fossem normais no estabelecimento, incluindo os feriados, quando comemorações cívicas, religiosas, pedagógicas e desportivas fossem presenças obrigatórias para professores e alunos. Conforme o Regimento Interno (1987), essas comemorações não podiam ultrapassar a 5% dos dias letivos que na prática correspondiam há 9 dias.

Analisando o calendário escolar do período estudado, observamos que eram muitas as festividades no decorrer do ano letivo com presença obrigatória de alunos e professores e estas ultrapassavam a carga horária de 5% determinada no Regimento.

No calendário escolar estava estabelecido o período de matrícula; de início das atividades docentes; período de aulas e de férias do corpo docente e discente; feriados; previsão de carga horária mensal e dias letivos; data de apresentação de resultados e avaliação para os alunos; período de recuperação; início e término do ano letivo; reuniões de conselho de classe; reuniões da Associação de Pais e Mestres; reuniões pedagógicas com a direção, com os servidores técnicos-pedagógicos e professores; período de realização de atividades culturais, recreativas, esportivas e religiosas. As aulas só poderiam ser suspensas em caso de extrema necessidade, devendo ser compensadas posteriormente para o devido cumprimento do período letivo.

Pelo calendário escolar ocorre a regulação do tempo para todos os envolvidos no processo educativo. É um mecanismo de controle da conduta diária no processo de aprendizagem. Como demonstrou Escolano (2001), o tempo e o espaço têm que ser aprendidos é *“uma forma cultural que deve ser experimentada”*. Viñao Frago (apud VIDAL & FARIA FILHO, 2005, p.42) acrescenta que tanto o espaço como o tempo escolar, ensinam e permitem a interiorização de comportamentos e representações sociais.

Diante da necessidade de delimitar o tempo escolar e de se cumprir o programa de ensino, dotou-se a escola de normas e instrumentos de controle do tempo. Um horário foi elaborado e nele os minutos foram distribuídos por todos os dias da semana em diferentes disciplinas ou matérias de ensino. Era preciso obedecer aos relógios, as campainhas, as sinetas, o quadro de horário, instrumentos de controle do tempo.

O quadro de horário registra a distribuição do tempo, a fragmentação das matérias e das atividades e constitui um instrumento de controle do trabalho dos alunos e professores. O

tempo escolar se expressa também como tempo disciplinar: respeitar horários e cumpri-los, cada coisa a seu tempo certo, preciso (SOUZA, 1998, p.137).

Todos os dias, os mesmos rituais para os alunos do período vespertino que eram crianças até a 5ª série. Fazer fila, rezar, cantar, ouvir em silêncio os recados e recomendações, depois de liberados pelo padre diretor ou pela coordenadora deviam subir enfileirados e acompanhados do professor até a sala de aula.

Para os alunos que estudavam nos períodos matutino e noturno, que já eram adolescentes, a rotina era um pouco diferente. Não havia mais fila, o acesso à sala de aula não era em companhia dos professores, mas era importante que não desrespeitassem o primeiro sinal, pois ao segundo, o professor já estaria começando a aula e ninguém mais entrava. Além do mais, em sinal de respeito à autoridade e o poder do professor, era preciso ficar em pé para cumprimentá-lo e esperar que o mesmo percorresse a sala até o canto superior esquerdo onde ficava a mesa e autorizasse os alunos a sentar.

Diariamente, ao passar pelos longos corredores do Colégio, dirigentes e coordenação observavam o trabalho dos professores e dos alunos em sala de aula. Nos três andares, da primeira a última aula, sempre era possível avistar um representante da direção com uma agenda na mão, atentos a qualquer irregularidade. Dinorá Cestari de Lima contou-nos sobre essa prática:

Eu fazia uma agenda diária para marcar a ausência do professor. Passava pelos corredores dia tal, primeira aula, todo mundo ok. Aí eu ia olhar o horário. Daí ia olhar na outra aula. Era uma forma de dizer que estávamos por ali. Se tinha alguém fazendo alguma coisa já acalmava. Sistema Preventivo de Dom Bosco era melhor prevenir que remediar. De vez em quando encontramos com alguns ex-alunos que dizem que escutavam o barulhinho da chave. Ninguém queria ser anotado na agenda. A escola era muito grande, então tínhamos que passar, precisávamos passar para ver se estava tudo em ordem⁷².

⁷² Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

O olhar autoritário, os gestos coercitivos dos professores e dos coordenadores à frente dos alunos ao cruzar e descruzar os braços, andar compassadamente de lá para cá, fechar a “cara”, o balançar o molho de chaves, eram ferramentas de comando impondo uma mensagem de comportamento.

O modelo de educação era o tradicional. Horários e calendários bem definidos; conteúdos ensinados de forma isolada e pontual; espaço físico inspirando ordem e monotonia; aulas baseadas na exposição e repetição; o professor era o transmissor e, os alunos, vistos como um papel em branco que precisava ser preenchido.

As classes eram organizadas, de acordo, com o nível de escolaridade, aptidões gerais e idade cronológica. Apropriando das palavras de Gimeno Sacristán (2000), os alunos eram selecionados pela própria estrutura do sistema educativo, a política curricular ordenava-os em níveis estabelecendo critérios de competência intelectual e habilidades diversas. O sistema proporcionava os meios, distribuindo os horários, os espaços, e ninguém escapava a estrutura. A grande maioria dos docentes e alunos aprendia logo a aceitá-la e assimilá-la como se fosse natural.

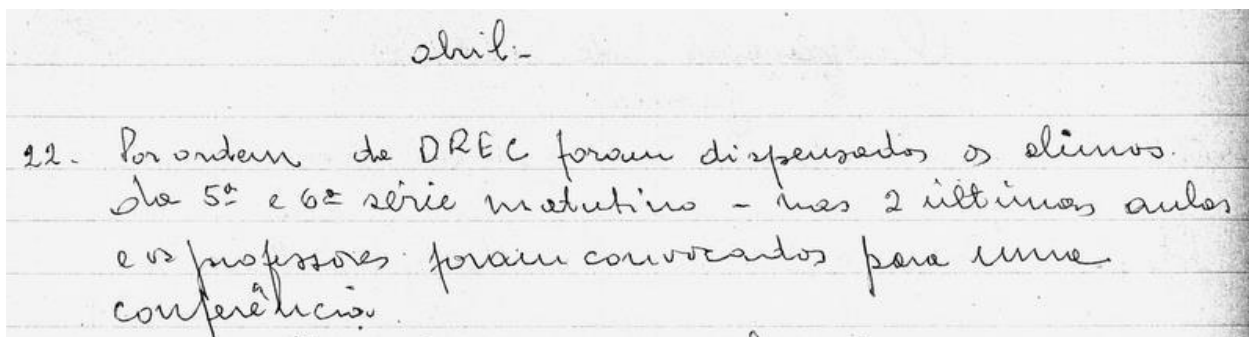
De acordo com o Regimento Interno (1987), o limite máximo de alunos permitidos por sala era de 35 (trinta e cinco) para as classes de 1ª série, 40 para as de 2ª a 4ª série, 45 (quarenta e cinco) para as classes de 5ª a 8ª série e 55 (cinquenta e cinco) em cada classe do 2º grau.

Para o pré-escolar, 25 (vinte e cinco) alunos era o número máximo para ser atendido por professor. As turmas para as aulas de Educação Física no 1º e 2º graus tinham no máximo 40 (quarenta) alunos do mesmo sexo.

Ainda, conforme o Regimento Interno (1987), o corpo docente era constituído por professores e especialistas de educação habilitados para exercer a função e devidamente autorizados pelo CEE. Havia docentes contratados pela Missão Salesiana de acordo com a legislação em vigor e com a filosofia da

escola, e outros, na condição de lotados no Colégio devido ao Convênio com o estado de Mato Grosso do Sul. Os professores deveriam elaborar os planos de ensino; sugerir a programação das atividades escolares em relação às turmas que rege; integrar-se aos serviços técnicos-pedagógicos; informar sobre o trabalho desenvolvido em classe e sobre o rendimento do aluno; além de participar do conselho de classe.

A qualificação do corpo docente e do pessoal técnico e administrativo realizava-se sob a forma de treinamentos, encontros ou palestras promovidas pela direção do estabelecimento; por meio de sessões de estudos ministradas pelo serviço de orientação pedagógica; e participações em cursos, seminários e palestras, promovidos pela entidade mantenedora ou por órgãos conveniados. Na condição de Colégio conveniado com o Estado as decisões da DREC eram sempre acatadas e os professores eram liberados para participar dos eventos.



22. Por ordem de DREC foram dispensados os alunos da 5ª e 6ª série matutino - nas 2 últimas aulas e os professores foram convocados para uma conferência.

FIGURA 25. Livro de Ocorrência 1974, p. 26. Acervo do Colégio Salesiano de Santa Teresa.

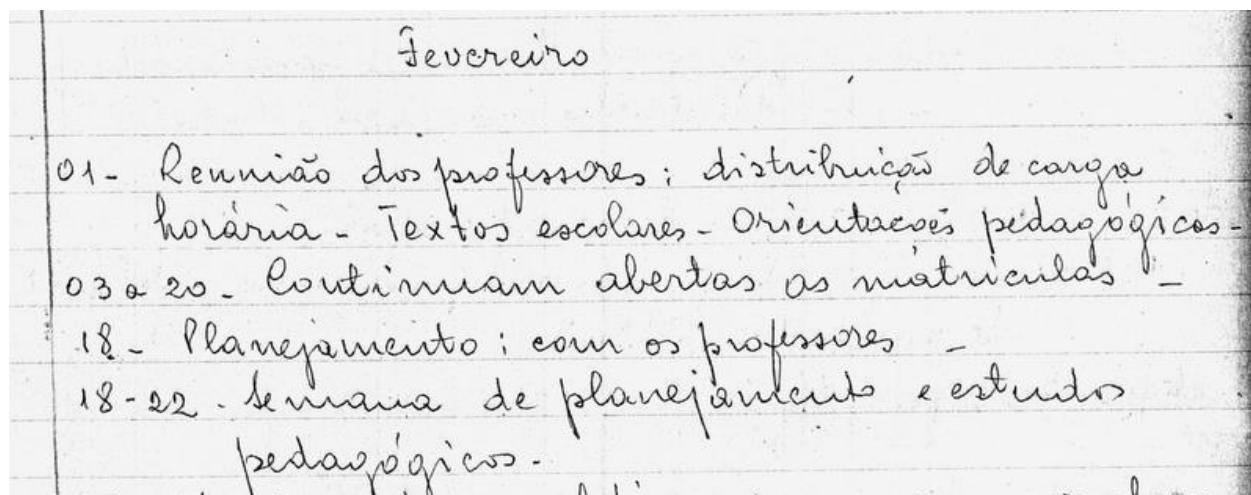


FIGURA 26. Livro de Ocorrência, 1975, p.28. (Acervo do Colégio Salesiano de Santa Teresa).

Além das convocações feitas pela DREC e das reuniões para planejamento e estudos pedagógicos antes do início do ano escolar, os registros efetuados no Livro de Ocorrência nos permitem afirmar que mensalmente havia reuniões com o corpo docente para orientação e acompanhamento didático.

Para os alunos, havia o atendimento no setor de orientação educacional cuja função era a de integrá-lo à escola, ao processo ensino aprendizagem e oferecendo-lhe apoio. Anualmente eram oferecidos prêmios aos alunos com melhor aproveitamento no processo ensino aprendizagem.

A forma de seleção e a determinação dos prêmios ficavam a critério da direção que geralmente, nos dias de premiação, reunia todos os alunos do mesmo turno no pátio da escola e, por classe, chamava os melhores para receber os elogios, honra ao mérito e presentes, a frente de todos os discentes e docentes. Na tradição salesiana, a distribuição de prêmios era uma das formas de estimular os alunos ao estudo, ao comportamento exemplar, a uma sadia competição e a superação pessoal.

A solenidade de premiação acontecia bimestralmente e era aguardada com ansiedade, principalmente pelos alunos que tinham bom desempenho, pois era

hábito no Colégio expor os nomes dos que se destacavam nos quadros de honra seguidos de suas respectivas notas. Os prêmios que distribuía eram variados podia ser uma medalha, uma guloseima, um livro, um passeio, objetos religiosos, dentre outros.

Assim como havia prêmios aos discentes disciplinados, os discentes não cumpridores de seus deveres podiam ser penalizados com advertência oral; repreensão escrita comunicada aos pais ou responsáveis; suspensão das aulas e demais atividades por um dia ou até três dias, conforme o caso; cancelamento compulsório da matrícula e expedição de guia de transferência.

As penalidades eram registradas na escola em livro próprio e a aplicação das penalidades estava a cargo do diretor, que contava com a ajuda do serviço de coordenação e dos serviços técnicos pedagógicos. De acordo com o Regimento Interno e informações obtidas por meio de entrevistas com ex-alunos, ex-professores, ex-coordenadores e com sujeitos que ainda trabalham no Colégio, a pena de suspensão das aulas e cancelamento compulsório de matrícula, só ocorriam quando esgotados os recursos de orientação, advertência, repreensão e suspensão.

Desse modo, as práticas pedagógicas escolares e as práticas do trabalho docente mostram uma profunda disciplinarização na organização do trabalho pedagógico no Santa Teresa. O Sistema Preventivo de Dom Bosco apoiava-se na razão, na persuasão e no convencimento, e apesar de um tanto diluído no período em que o Colégio encontrava-se conveniado, a correção aos faltosos ocorria por meio de uma palavra ao ouvido; de avisos particulares ou em público; da privação de um recreio; do olhar sério do diretor, do coordenador ou mesmo do professor ao aluno; da cópia de trechos “*devo comportar-me em sala de aula*”, “*devo respeitar meus colegas*”, considerados em interpretação particular a aplicação do princípio da *amorevolezza*.

Na escola havia agremiações estudantis e de professores. Para o caso dos alunos, havia o Grêmio Estudantil e o Centro Cívico Escolar, que no período em

que as duas escolas funcionavam juntas era único. O primeiro congregava todos os alunos da escola e tinha finalidades social, desportiva, cultural e cívica e era regido por normas aprovadas pela direção; o segundo, regido por normas próprias provenientes de órgãos externos, tinha por objetivo desenvolver na escola e na comunidade local, atividades cívicas e cooperar na formação e aperfeiçoamento do caráter do educando.

O Centro Cívico Escolar (CCE) foi criado pelo governo federal no auge da repressão pelo Decreto n. 68065/71 e foi usado para controlar o movimento estudantil. Era uma associação do corpo discente, assistido por um professor orientador da confiança do diretor, cujo objetivo era o de promover atividades cívicas, culturais e artísticas, de caráter ideológico e, definidas pelo governo.

Assim como em outros estabelecimentos de ensino, o CCE não tinha autonomia na organização dos eventos e comemorações escolares. Na verdade, tinha pouca representatividade no Colégio, pois tudo estava centralizado na direção que tinha como obrigação fazer cumprir as determinações legais sob ameaça de duras penalidades quando não cumpridas a contento. É importante enfatizar que no período em estudo, os conceitos de moral, liberdade e democracia foram reduzidos aos de civismo, patriotismo e subserviência, em outras palavras, a formação moral restringiu-se a doutrinação ideológica.

Ao realizar o levantamento das fontes não foi possível encontrar as atas do Grêmio estudantil, do Centro Cívico Escolar e dos Conselhos de Classe correspondentes ao período eleito para a pesquisa. A respeito disso, o Regimento Interno (1987, p.51) no capítulo que trata “*da incineração*” diz que,

Lavradas devidamente as atas, poderão ser incinerados os seguintes documentos escolares e de escrituração, decorrido o prazo de 12 anos: I – Diários de Classe; II – Mapas colecionados de canhoto; III - Livros de Matrícula e IV-Provas Especiais.

É bom dizer que as fontes que não são frequentemente utilizadas pela historiografia tradicional, não são conservadas nos arquivos. Outro dado importante, é que ao longo da década de 1980, o ímpeto desburocratizante e o

amparo legal, levou muitas escolas a incinerarem fontes fundamentais para análise das práticas escolares.

4.3 O Livro de Ocorrência

O Livro de Ocorrência possui relatos das atividades desenvolvidas no cotidiano escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa e da Escola Estadual, no período de 1971 até o ano de 1977. E traz informações da organização e funcionamento escolar dos dois Colégios.

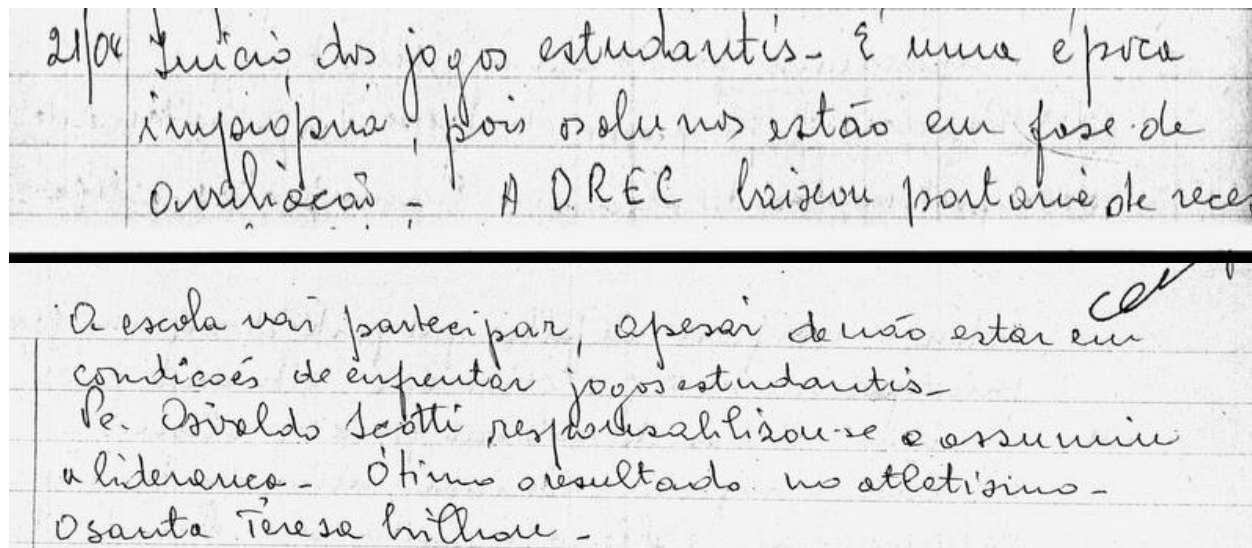
Eram responsáveis pelos registros no Livro de Ocorrência, o diretor e o secretário da escola. As páginas do Livro vem numeradas e rubricadas no canto superior direito e trazem informações sucintas, mês a mês, do início ao fim do ano letivo das ocorrências correspondentes ao período de 1971 a 1977. Ano a ano, após os registros do mês de dezembro, o Livro era datado, carimbado e assinado pelo diretor e pelo secretário.

Nele foram relatados os acontecimentos internos, o trabalho executado, e o funcionamento das atividades escolares. Por meio desse documento foi possível conhecer um pouco da história institucional do Colégio Salesiano de Santa Teresa, as práticas, os rituais e as tradições que ocorreram em seu cotidiano, permitindo descortinar novos horizontes acerca do Colégio.

As ocorrências do ano de 1971 estão incompletas. Foram feitos registros apenas dos meses de fevereiro e março. Não constam justificativas para a ausência de informações dos meses seguintes. De 1972 a 1977, observamos que grande parte das ocorrências apontadas indica regularidade/repetição/permanência.

Outro dado interessante é que o responsável pelo registro, ao anotar os acontecimentos do Colégio, em alguns momentos expressa contentamento, inconformismo e, em outros, preocupação por ter que acatar determinações superiores (do Estado via DREC) que interferiam na rotina do Colégio:

suspendendo aulas, liberando alunos para atividades que, na opinião do diretor, fugiam do planejamento escolar.



21/04 Início dos jogos estudantis - é uma época
inapropriada, pois os alunos estão em fase de
avaliação - A DREC baixou portaria de recep
A escola vai participar, apesar de não estar em
condições de enfrentar jogos estudantis -
Pe. Osvaldo Scotti responsabilizou-se e assumiu
a liderança - Ótimo resultado no atletismo -
Osanta Teresa bilhar -

FIGURA 27. Livro de Ocorrência, 1977, p.34-5. (Acervo do Colégio Salesiano de Santa Teresa).

Fica evidente no recorte acima a insatisfação por parte do diretor do Colégio com a realização dos jogos estudantis em período de avaliação escolar. No entanto, como a DREC baixou Portaria suspendendo as aulas, forçava a escola a participar dos jogos, mesmo não estando em condições, como desabafa o padre diretor, no fragmento acima⁷³.

Os dirigentes da DREC não se atentavam ao planejamento interno do Colégio, pois, conforme as anotações do Livro de Ocorrência, “*por ordem da DREC*” alunos e professores eram liberados das aulas para participar de recepção a autoridades, inaugurações, conferências (inesperadas) e, quermesses.

As anotações do Livro de Ocorrência referem-se à realização de exames, período de matrículas, início/fim do ano letivo, festividades, interrupções das

⁷³ Portaria: Documento de ato administrativo de qualquer autoridade pública, que contém instruções acerca da aplicação das leis ou regulamentos, recomendações de caráter geral, normas de execução de serviços, nomeações, punições, ou qualquer outra determinação de sua competência.

aulas para recebimento de autoridades, reuniões pedagógicas organizadas internamente pela direção e pela coordenação escolar com a participação de professores e de pais, reuniões convocadas pela DREC, dentre outras informações.

O Livro tinha como finalidade relatar de forma cronológica como as atividades planejadas e previstas no calendário escolar (ou até mesmo improvisadas pela DREC) tinham sido executadas ao longo do ano escolar.

Não existe nas sociedades complexas um sistema escolar que não seja regulado e ordenado por um sistema político e administrativo. As formas e modalidades de intervenção podem variar de acordo com as épocas e sistemas políticos. Para Gimeno Sacristán (2000, p.118),

A ordenação e a prescrição de um determinado currículo por parte da administração educativa é uma forma de propor o referencial para realizar um controle sobre a qualidade do sistema educativo. O controle pode ser exercido, basicamente, por meio da regulação administrativa que ordena *como deve ser* a prática escolar, ainda que seja sob a forma de sugestões, avaliando essa prática do currículo através da *inspeção* ou por meio de uma *avaliação externa* dos alunos como fonte de informação (Grifos do autor) .

Nesse sentido, os agentes mediadores situam-se entre o currículo e os professores, exercendo controle sobre a prática profissional dos professores; sobre os conteúdos e sobre os métodos de ensino. No caso do Colégio Salesiano, na condição de conveniado, o diretor era convocado, antes do início do ano letivo para participar de uma reunião promovida pela DREC em Campo Grande onde todos os diretores das escolas públicas estaduais eram chamados para receberem as orientações que deveriam ser seguidas ao longo do ano letivo.

Comparando as ocorrências do mês de março nos anos de 1971-1977, observamos a regularidade na realização de tríduos com palestras proferidas pelo padre diretor sobre “*o homem perante Deus e a sociedade*”; “*Direitos e deveres*”; e “*formação moral e cívica*”. Nesses eventos, os alunos eram organizados por

faixa etária e ao encerrar as palestras era celebrada uma missa em louvor à Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira dos salesianos⁷⁴.

Podemos dizer que o diretor do Colégio ao executar essas práticas educativas estava em consonância com a legislação federal (Lei 5692/71), que determinava para as escolas a seleção de conteúdos que transmitissem valores morais, cívico-patrióticos e difundissem a ideologia do regime militar.

O episódio de 31 de março de 1964 é enfatizado no Livro de Ocorrência como uma “*Revolução Vitoriosa*” e a data no Colégio era lembrada com palestras proferidas pelos alunos e pelo padre inspetor que “*fêz uma explanação sôbre a Revolução, demonstrando a grandeza impescidível do movimento em que elevou o nome do Brasil em todos os setores, sócio-econômico-financeiro*” (LIVRO DE OCORRÊNCIA, p.23).

Não causa estranheza o fato de 1964 ser visto como uma “*Revolução Vitoriosa*”, pelo padre inspetor do Colégio Salesiano de Santa Teresa, uma vez que o Golpe de 1964 foi saudado pelas classes dominantes e forças aliadas como uma autêntica “*Revolução*”. É importante lembrar que os sujeitos matriculados naquele estabelecimento educacional eram, em sua maioria, provenientes da elite corumbaense, filhos de militares, pecuaristas, comerciantes e políticos, então, os discursos proferidos a respeito da “*Revolução Vitoriosa*” iam ao encontro de seus interesses.

Diante do contexto político do período, percebe-se pelo registro no livro, que não há intenção em questionar o movimento, mas apenas engrandecê-lo, por isso, não se faz referência à destruição das organizações políticas e a repressão aos movimentos sociais de orientação popular. Segundo Reis (2004, p.38), não podemos dizer que a Igreja, como um todo, apoiou as posições de direita. “*Mas é fato que a Instituição, na grande maioria, e na cúpula, adotou posições de resistência às reformas e aos movimentos que as defendiam*”. Logo após a

⁷⁴ Tríduo – festa eclesialística com duração de três dias.

vitória do golpe de março de 1964, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o seu poder/controla, abençoou os vitoriosos.

No período em que foi registrado no Livro de Ocorrência (1971/1977), a comemoração alusiva à grandeza da “*Revolução Vitoriosa*” de 1964, a Igreja legitimava o golpe. Portanto, colaborava para cultivar a memória do golpe como intervenção necessária e salvadora, “*em defesa da democracia e da civilização cristã, contra o comunismo ateu, a baderna e a corrupção*” (REIS, 2004, p.29).

À época, Corumbá recebeu autoridades políticas como, Sr. Jarbas Passarinho - Ministro da Educação e Cultura (02/03/1971), sr. Pedro Pedrossian – Governador do Estado (02/03/1971), o secretário de Educação do estado de Mato Grosso (22/03/1972), o general Emílio Garrastazu Médici – Presidente da República, sr. Hugo Banzer Soares – Presidente da Bolívia (04/04/1972), e o sr. Augusto Hamann Rademaker Grünewald – Vice Presidente da República do Brasil (23/08/1972).

Nessas ocasiões, os alunos eram dispensados das aulas para recepcionar e reverenciar as autoridades que foram a Corumbá “*inaugurar diversas obras efetuadas pelo dinâmico governador do Estado, Sr. Dr. Pedro Pedrossian, dentre as quais, o Centro Pedagógico [...]*” (LIVRO DE OCORRÊNCIA, p.23)⁷⁵.

Consideramos que vários fatores fizeram com que no período em estudo, Corumbá recebesse um número significativo de autoridades para assinar convênios, lançar ou inaugurar obras, e participar de festividades. Dentre eles, o fato de estar localizada em área fronteira – entre o Paraguai e a Bolívia -, área estratégica para a segurança nacional, ser um importante pólo econômico do sul de Mato Grosso, possuir um atuante contingente operariado formado a partir dos

⁷⁵ Pedro Pedrossian emergiu como liderança política pela coligação entre o Partido Social Democrático/PSD e o Partido Trabalhista Brasileiro/PTB, em 1965, no processo de arranjos e rearranjos das elites políticas matogrossenses. Exerceu o cargo de governador por três vezes, a primeira antes da divisão do Estado de Mato Grosso (31/01/1966 a 15/03/1971), a segunda e a terceira como governador do Estado de Mato Grosso do Sul, sendo que uma na condição de indicado pelo Governo Federal (07/11/1980 a 15/03/1983) e outra na condição de eleito (15/03/1991 a 01/01/1995).

portos e da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB), por contar com a influência de representantes das tradicionais oligarquias fundiárias do Estado e também pelo fato do governador do estado estar vinculado a ARENA.

A visita de representantes do poder público (nacional, estadual ou internacional), conforme observamos no Livro de Ocorrência, resultavam em suspensão das aulas. Segundo o Regimento Escolar, as aulas só poderiam ser suspensas em virtude de fatos relevantes que justificassem tal medida.

Os dirigentes da DREC eram os responsáveis por eleger, orientar e comunicar às escolas, os acontecimentos importantes que acarretariam as interrupções e suspensões das aulas. Quando isso ocorria, a seleção para o currículo escolar do que era relevante homenagear, comemorar e festejar já havia sido feita. Desse modo, principalmente as escolas públicas ou conveniadas, tinham que obedecer às determinações que vinham de cima, consideradas importantes no processo educativo.

As informações listadas e sistematizadas, no quadro a seguir, são as que indicam permanência e repetição no período de 1971 a 1977.

Quadro 3. : Ocorrências Escolares (1971-1977).

Janeiro
Reservado aos trabalhos de expediente: revisão de pastas individuais, atendimento de pedido de transferência e matrículas. Aniversário de Dom Bosco (dia 31).
Fevereiro
Exames de 2ª Época (de 01 a 04). Reunião de professores: distribuição de carga horária, orientações didáticas e pedagógicas. Planejamento com os professores (de 18 a 22).
Março
Início do ano letivo com palestra de boas vindas aos docentes e discentes seguidas da leitura do regulamento (início do mês). Tríduo escolar. Encerramento com missa no Santuário de Maria Auxiliadora. Exames biométricos de Educação Física e os exames de suficiência. Reunião com os pais ou responsáveis. Palestras de formação cívica e moral para os alunos de acordo com a faixa etária. Aniversário da “ <i>Revolução Gloriosa de 1964</i> ” (dia 31).

Abril
<p>Semana Santa Dia Mundial da Saúde (dia 09). Dia Pan-Americano (dia 14). Dia do Índio (dia 19). Tiradentes e fundação de Brasília (dia 21).</p>
Mai
<p>Dia mundial do trabalho (dia 01). Dia das mães. Aniversário de Fundação do Colégio Salesiano de Santa Teresa e festa a Nossa Senhora Auxiliadora (dia 24).</p>
Junho
<p>Chorpus Christi Dia da Marinha (dia 12). Libertação dos Escravos e Retomada de Corumbá (dia 13). Reunião da DREC com o diretor. Orientações sobre avaliação escolar e férias dos professores. Reunião do diretor com os professores. Avaliação do semestre, sugestões, comunicações, e férias. Festa junina (Sapolândia). Realização de gincanas, festas folclóricas e jogos.</p>
Julho
<p>Entrega das notas do 2º bimestre aos pais ou responsáveis. Planejamento do 2º bimestre (de 1º a 15). Período de férias para professores (de 16 a 30).</p>
Agosto
<p>Chegada do Fogo Simbólico. Dia dos pais. Início dos ensaios da fanfarra. Dia do Soldado (dia 25).Feira de Ciências.</p>
Setembro
<p>Abertura da Semana da Pátria (dia 01). Desfile Cívico Militar – Independência do Brasil (dia 07). Desfile Aniversário de Corumbá (dia 21). Jogos estudantis estaduais (de 07 a 14). Palestras de evangelização.</p>
Outubro
<p>Jogos Salesianos (de 05 a 12) e semana da criança. Início da semana da “Asa” (dia 5). Dia de Nossa Senhora Aparecida (dia 12). Dia do professor (dia 15). Dia do funcionário público (dia 28).</p>

Novembro
Finados (dia 02) Entrega de boletins aos pais e do horário de exames finais. Proclamação da República (15). Missa de encerramento oficial do ano letivo. Exames finais (de 18 a 23).
Dezembro
Aulas de recuperação. Reunião pedagógica para uma avaliação dos resultados finais. Resultado final após a recuperação (a partir do dia 15) Atas de resultados, documentos e pedidos de 2ª via.

FONTE: Livro de Ocorrência. Acervo do Colégio Salesiano de Santa Teresa (1971-1977).

As ocorrências lançadas no Livro nos permitem afirmar que o Colégio atingiu um alto grau de complexidade em sua organização rotineira. Dizemos isso, pelo rigor do calendário, pelos temas das palestras ministradas que enfatizavam a compreensão da realidade nacional como exigência para o exercício da cidadania, pelas comemorações promovidas e desenvolvidas dentro da escola, visando moldar as mentes e avivar o patriotismo, essas e outras ações muito afinadas com o que estava acontecendo na época.

Como exemplos, de acontecimentos do primeiro semestre do ano letivo que indicam repetição, podemos citar: o tríduo escolar, a semana santa, a missa pela passagem de aniversário do padre diretor, a comemoração à Nossa Senhora Auxiliadora, *Corpus Christi*, a visita dos alunos à Base Fluvial de Ladário, a visita ao Colégio dos vencedores dos jogos florais de Corumbá, o feriado municipal pela Retomada de Corumbá, a festa junina, a recepção e guarda ao fogo simbólico.



FIGURA 28. Missa em homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora: 24 de maio de 1974. (Acervo do Colégio).

Sabemos que as interrupções das atividades escolares na maioria das vezes, estavam estabelecidas no calendário escolar como efemeridades cíclicas, de caráter cívico, religioso, político e social. Nas comemorações religiosas, assim como nas demais, os indivíduos rompem com o cotidiano. É o espaço privilegiado da reunião das diferenças, de figurações sociais, coletivas e de sociabilidade.

Consideramos as festividades e comemorações no universo escolar como expressivos acontecimentos sociais pelos quais a instituição educativa ganhava visibilidade, ao mesmo tempo, compartilhavam sentimentos sociais e culturais. As comemorações cívicas são práticas simbólicas que contribuem para a construção da memória nacional de forma a solenizar algumas datas constituídas como “notáveis”, buscando evitar o esquecimento, legitimar o regime. Portanto, as interrupções, não podem ser consideradas um “*desvirtuamento do ensino, mas*

como prática social que se torna uma prática educativa” (SOUZA, 1998, p. 274).

A partir de 1972, o Convênio entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e o estado de Mato Grosso passou a vigorar, e no Livro de Ocorrência não consta essa informação. Como já foi elucidado em outra parte deste trabalho, após o Convênio, o número de alunos matriculados aumentou e o Colégio passou a funcionar atendendo a clientela do público e do privado simultaneamente, porém, em espaços diferentes. A arquitetura da escola possibilitava a configuração e distribuição do espaço entre o público e o privado.

De 1972 a 1981 algumas comemorações, reuniões e atividades programadas eram realizadas em conjunto para a clientela do público e do privado e outras, em separado. Confirma esse dado a publicação do dia 15 de outubro de 1976 do jornal Diário da Manhã anunciando a programação dos *I Jogos Abertos de Corumbá* no qual listava como equipes participantes da competição: o Centro Universitário de Corumbá, o Colégio Estadual Dom Bosco, o Colégio Estadual Santa Teresa, o Colégio Particular Santa Teresa, o Grupo ALEC, o Grupo São Pedro, o Grupo Porto Carrero, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Riachuelo Futebol Clube.

A notícia publicada mostra que havia equipes do Santa Teresa público e do Santa privado para as várias modalidades esportivas: basquetebol feminino e masculino; voleibol feminino e masculino, handebol feminino e masculino, dama, ping-pong e xadrez. Inclusive o primeiro jogo de voleibol feminino foi entre Santa Teresa estadual contra Santa Teresa particular.

As anotações no Livro de Ocorrência do ano de 1976 deixam mais em evidência algumas atividades realizadas em conjunto.

31- Aniversário de Revolução - Em conjunto com a Escola Estadual, houve concursos:
Hino Nacional com hasteamento de Bandeira
Discurso por um aluno
Poesia - Ruedos musicais - cantores - Trabalhos de pesquisa -

FIGURA 29. Livro de Ocorrência, 1976, p.31. (Acervo do Colégio Salesiano de Santa Teresa).

A figura 29 diz respeito à anotação do dia 31 de março de 1976. Nessa data os alunos do Colégio Santa Teresa em conjunto (público/privado) celebraram o aniversário da “Revolução de 1964”. O fato do responsável pelo Livro anotar a frase “em conjunto com a escola estadual”, chama a atenção para a forma como a escola salesiana vivenciava essa mistura.

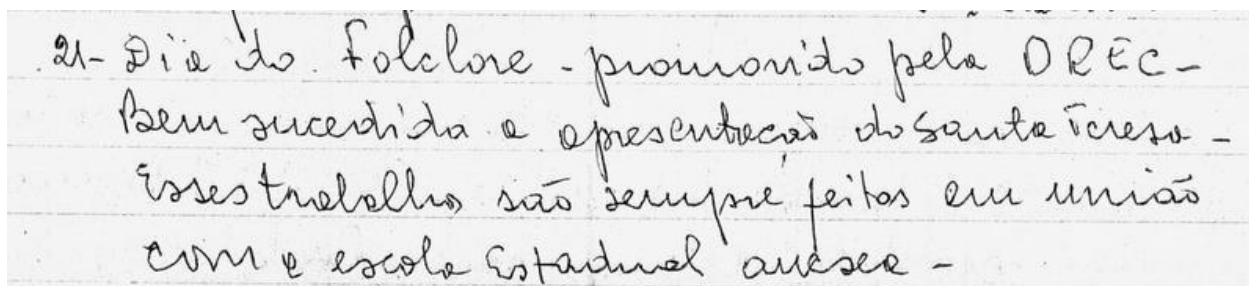
Abril

Dia: 02 - Aniversário do Diretor da Escola. Sr. Mário foi homenageado, com provas de amizade e estima, pelos alunos, professores e funcionários -
Houve Missa em ação de graças -

- 06 - Início dos ensaios de Fanfaria em conjunto com a escola Estadual -

- 14: Reunião pedagógica - Foi em conjunto com a escola Estadual -

FIGURA 30. Livro de Ocorrência, 1976, p.31. (Acervo do Colégio Salesiano de Santa Teresa).



21- Dia do Folclore - promovido pela DREC -
Bem sucedida e apresentação do Santa Teresa -
Esses trabalhos são sempre feitos em união
com a escola Estadual acesa -

FIGURA 31. Livro de Ocorrência, 1976, p.32. (Acervo do Colégio Salesiano de Santa Teresa).

As férias discentes escolares aconteciam no mês de julho. De 1º a 15 de julho era usado para os professores planejarem o segundo semestre letivo. Do dia 16 a 30 era o recesso dos professores e retornavam as atividades no dia 31, pois o início das aulas acontecia nos primeiros dias de agosto.

O Segundo semestre letivo era marcado pelas seguintes atividades: abertura dos jogos estudantis, dia dos pais, o dia do soldado, a abertura da semana da Pátria com atividades esportivas, dia do folclore, o desfile cívico-militar de 7 de setembro, o dia da árvore, o aniversário de Corumbá, olimpíadas salesianas, semana da criança, dias de formação, festa a Nossa Senhora Aparecida, confraternização pelo dia do professor, feira de Ciências, dia da Proclamação da República, provas finais e missa de encerramento. De acordo com Oliveira (1989, p. 174) *“datas, heróis, monumentos, músicas e folclore se conjugam na montagem da memória nacional e, se esta tem consistência, produz-se um importante reforço à coesão social.”*

A participação da comunidade escolar nas festas e comemorações no contexto intra e extra escolar colaboram para a construção de um imaginário social que nas palavras de Carvalho (1990, p.10),

[...] é parte integrante de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se

expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também [...] por símbolos, alegorias, rituais e mitos.

O Livro de Ocorrência informa ao leitor o dia-a-dia da escola, não sob a forma de planejamento, mas sob a forma de relatos sucintos dos acontecimentos. Por meio dele, foi possível conhecer o movimento da escola, a rotina do serviço de secretaria, como e quando, ocorreram as realizações de exames, matrículas, divulgação de resultados de provas, reuniões de professores, início do ano letivo, suspensão de aulas, recepção de pessoas ilustres, inauguração de obras, abertura de jogos, tríduo para alunos, datas cívicas, comemorações diversas, feriados, aniversário do diretor, passeios, dias de formação, competições, missas festivas, entrega de notas, reunião com os pais, confraternização, vacinação, desfiles, encerramento do ano letivo, dentre outras.

4.4 Comemorações que Reforçam a Identidade da Escola

As informações do Livro de Ocorrência nos permitem afirmar que a partir do ano de 1976, passaram a ser realizados vários eventos conjuntos entre o Colégio Salesiano privado e o Colégio Estadual. A realização de atividades conjuntas não significava a eliminação das diferenças. A condição social do aluno era um critério diferenciador. Mesmo que não dito, influenciava na escolha dos alunos para participar ou representar a escola em alguma festividade externa ou alguma apresentação no interior da mesma. Sobre os momentos festivos, Alfio Pozzi nos diz que: “*A festividade era uma só, mas eles (estadual), não participavam muito. Era muito difícil lidar com essa situação, duas realidades dentro de um espaço só*”⁷⁶.

No entanto, a festa continuava sendo o momento da celebração, da brincadeira, dos jogos, da música, da dança, mas também o tempo de aprender. São múltiplos os sentidos, as funções, e os modos de comemorar nas instituições escolares.

⁷⁶ Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

Festejava-se para celebrar a unidade da instituição educativa. No início do ano letivo havia a festa do regulamento. Ocasão em que o diretor da escola reunia professores e alunos para dar boas vindas e ao mesmo tempo, proferir uma palestra sobre as normas disciplinares, os direitos e deveres de alunos e professores. Esse dia era revestido de caráter festivo, visava motivar os alunos e professores a bem cumprirem os seus deveres. Era uma eficaz estratégia para legitimar a instituição e exigir o cumprimento de seus dispositivos normativos.

A escola promovia a Festa do Regulamento na qual estavam presentes os dirigentes da instituição, os professores e os alunos. Nela se dava a abertura do ano letivo e buscava-se esclarecer a todos sobre o funcionamento do Colégio, as normas gerais de procedimento. Essa atitude era no sentido de instruir para evitar as falhas e castigos, conforme preconizado por Dom Bosco no Sistema Preventivo.

Os jogos (internos, estaduais, abertos, salesianos, torneios) também faziam parte do calendário escolar. Os registros do Livro de Ocorrência nos permitem afirmar que anualmente, de março a novembro, ocorriam aproximadamente cinco competições esportivas envolvendo todas as modalidades. E essas competições ocorriam por ocasião das festas de aniversário do Colégio, da semana da Pátria, do aniversário de Corumbá, do aniversário do diretor e eram também motivos de festa. Celebradas com hasteamento da Bandeira, desfiles, apresentações de ginástica, música e animadas torcidas.

Cabe lembrar, que nesse período ainda vigorava o Convênio, e nas atividades esportivas havia o confronto entre as equipes do Santa Teresa estadual e do Santa Teresa particular.

A comunidade era muito participativa, e de acordo com Alfio Pozzi, depois que acabou o Convênio, e o Colégio tornou-se estritamente particular, muitas dessas competições deixaram de existir e a comunidade ainda reclama por

isso. O Colégio “*se relacionava bem com a comunidade, era um farol para a comunidade*”.⁷⁷

Enquanto Colégio conveniado, festas grandiosas aconteceram devido a quantidade de alunos e ao envolvimento do grupo na realização dos eventos. Nos eventos que não eram religiosos, o critério para representar a escola ou classe dependia do desempenho do aluno. Isso significa dizer que, o currículo e as práticas escolares valorizavam os bons resultados. É possível afirmar que era reproduzido na escola, o funcionamento de uma fábrica, moldava-se o aluno, da mesma forma que se molda o aço (BOBBIT apud SILVA, 2004).

Eram estabelecidos “*critérios*”, “*porque se todo mundo participasse não tinha condições de fazer, por exemplo, se tínhamos na época 3 mil alunos e se mil participassem com suas famílias já era estrondosa a participação*”, relata Berenice Quevedo⁷⁸. No entanto, quando o Colégio deixou de ser conveniado, aí as festas foram perdendo o brilho. Algumas tiveram que ser adaptadas, como é o caso do Festival Estudantil Salesiano de Arte (FESART), outras foram extintas como a dos Jogos abertos salesianos, outras não vingaram, como a Festa das Nações.

As festas acontecem quando há atores e espectadores, sem eles, ela perde sentido. O FESART começou em 1980, o Colégio ainda era conveniado. Era um festival de interpretação da canção, que só podiam competir alunos do próprio Colégio organizados em várias categorias musicais. Para participar em alguma categoria de canto era preciso antes passar pela pré-seleção, porque muitos queriam cantar e não havia espaço para todos. O envolvimento da comunidade escolar e da sociedade corumbaense para a realização do evento era grande.

Eram meses de preparação para o festival. A equipe organizadora do evento conseguia contagiar discentes e docentes. O festival era realizado em três

⁷⁷ Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

⁷⁸ Berenice Quevedo. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 26 de abril de 2007.

dias, era uma grande festa. E no final de cada noite saía uma lista de classificados por categoria. No terceiro dia todos os classificados se apresentavam novamente, finalizando o festival com as premiações, inclusive das torcidas.

Em consequência da não renovação do Convênio entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e o governo do estado de Mato Grosso do Sul, o número de alunos no Colégio Salesiano reduziu, mesmo assim, o FESART ainda resistiu por dois anos. Na condição de Colégio estritamente particular, com reduzido número de alunos, o FESART foi substituído pelo Festival de Arte Esporte Salesiano (FAES), evento de menor porte, com pouca participação externa, constituído por jogos e festival.

Sobre o FESART, a imprensa publicou:

Aconteceu no Colégio Santa Teresa com acompanhamento do conjunto MJ-6, o FESART- 84. Os alunos apresentam danças, interpretação de música popular brasileira, etc. De parabéns os alunos, professores e organizadores desse evento (O MOMENTO, 1984)⁷⁹.

A época que o Colégio era conveniado, a comunidade prestigiava muito os eventos realizados no interior da instituição. *“Eram três dias lotados, o público participava, dançava, cantava, brincava. [...] Hoje você não vê mais aquela vibração de antes. É com tristeza que eu observo isso”*. Lamenta Berenice Quevedo⁸⁰.

A Sapolândia é a festa junina do Colégio. Começou quando havia o Grupo Escolar do Círculo Operário (década de 1950) e é considerada uma das festas tradicionais da cidade⁸¹. Enquanto o Convênio vigorou, a comunidade fazia muitas doações para a festa. Depois dele, predominou a ideia de que o Colégio

⁷⁹ O MOMENTO, 02. 10. 1984.

⁸⁰ Berenice Quevedo. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 26 de abril de 2007.

⁸¹ Dizem que o nome “Sapolândia” foi dado porque havia um brejo onde foi construído o prédio “novo” e era constante o coaxar dos sapos. Como estavam procurando um nome para a festa junina resolveram chamá-la de Sapolândia.

por ser particular não precisa de colaboração. Entretanto, a população não deixou de participar da festa. Inclusive, ainda hoje, nos preparativos da festa (esticar bandeirinha, puxar fio, etc) o Colégio conta com a ajuda de ex-alunos da escola estadual.

Os sujeitos entrevistados pela pesquisadora participavam da organização das festas no Colégio Salesiano de Santa Teresa, de acordo com seus relatos não há registros de ocorrência de violência durante a realização das festividades. Estas aconteciam em clima harmônico, sem tumultos e conflitos. No entanto, sabemos que a violência e a festa não são estranhas uma a outra. A própria ênfase na tranquilidade e na harmonia nos indica que a violência e o tumulto rondavam a festa.

É interessante ressaltar que as datas comemorativas eram sempre lembradas no Colégio Santa Teresa. Como exemplo: carnaval, páscoa, dia do trabalhador, dia do professor, dentre outras. De acordo com as anotações no Livro de Ocorrência essas datas eram celebradas em sala de aula com a confecção de murais, cartazes, pesquisas e dramatizações.

Para a Semana da Criança o Colégio elaborava uma longa programação que iniciava no dia 05 e se estendia até o dia 12 do mês de outubro. Constava na programação: palestras, gincana, missa, recreação e prêmios.

A festa de encerramento era realizada no final do mês de novembro ou início de dezembro. Era o momento da confraternização, da premiação dos alunos que se destacaram e da despedida e da formatura dos concluintes.

Constitui a festa, a diversão, o controle, a resistência, o prazer, a alegria, as emoções, e por mais que o historiador queira, jamais conseguirá compreendê-la sob o aspecto onírico. O campo das emoções é difícil de delimitar e abordar. O que buscamos entender foram os significados que a partir do imaginário social, as festas deram as ações humanas no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Situamos nesta tese a presença salesiana no Brasil e caracterizamos a sociedade brasileira à época da chegada dos salesianos, tentando compreender os motivos que possibilitaram a implantação das obras educacionais salesianas no país, em especial, o Colégio Salesiano de Santa Teresa, implantado em Corumbá em 1899.

Abordamos três fases marcantes da história do Colégio Salesiano: a primeira como Colégio particular destinado aos meninos; a segunda com obras educacionais e assistenciais adjuntas ao Colégio; e a terceira, quando foi celebrado o Convênio entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e o estado de Mato Grosso que deu origem ao Colégio Estadual Santa Teresa.

O germe da relação política do Convênio de 1971 estava na parceria estabelecida anteriormente, na década de 1950 e 1960 entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e o governo do estado de Mato Grosso para as obras educacionais e assistenciais adjuntas ao Colégio: Grupo Escolar do Círculo Operário Dom Bosco (1954), Ginásio Industrial Domingos Sávio (1963) e Ação Social Salesiana (1966) que formaram um centro educacional independente do Colégio Salesiano de Santa Teresa e estiveram em funcionamento até 1971.

Em 1971, foi firmado um novo Convênio entre os salesianos e o governo do estado de Mato Grosso que vigorou de 1972 a 1987, e deu origem ao Colégio Estadual Santa Teresa que funcionou simultaneamente ao Colégio Salesiano até 1981. Com o Convênio (1971), o Estado pagava à Missão pela utilização de toda infraestrutura do prédio, conforme o número de alunos matriculados, lotava os professores e funcionários no Colégio Estadual e supria-o com material de consumo e de apoio pedagógico. Podemos dizer que o Convênio foi um marco na história da educação salesiana em Corumbá e não há dúvidas que o Colégio Salesiano de Santa Teresa era uma empresa educacional destinada à elite e o Convênio foi interessantíssimo do ponto de vista administrativo para a Missão

Salesiana, pois antes dele o Colégio passava por dificuldades financeiras, estava fadado a fechar e de acordo com o relato de Alfio Pozzi muitos foram os benefícios conseguidos: “*manteve o prédio. Quando começou não era cimentado, colocamos piso, a parte da frente não era terminada, terminamos. Tudo com o dinheiro do Convênio*”⁸².

Desse modo, enquanto o Convênio esteve em vigor foi importante para o Estado que não possuía salas suficientes para atender a demanda, para a Missão devido aos altos custos para a manutenção do prédio como para a população corumbaense. Todos os envolvidos no jogo político e no processo educativo ganharam e perderam em distintos momentos.

Buscamos nessa tese compreender a dinâmica da organização pedagógica, administrativa e práticas escolares no Colégio Santa Teresa, levando em conta a organização temporal presente no calendário escolar para o período 1972-1987, privilegiando as festividades que ocorreram no universo escolar. Partimos do pressuposto de que o Estado por meio dos programas de ensino veiculava a memória histórica desejável. Investigamos quais instrumentos educacionais foram usados pelo Estado para legitimar a tradição nacional e regional no interior das instituições, em especial, no Colégio Santa Teresa.

A escola não ensinava somente os valores cívicos, mas era a guardiã desses valores que constituíram a identidade e a memória nacional. Os símbolos nacionais eram ensinados e cultuados de acordo com as determinações oficiais, objetivando produzir sensibilidades nos alunos, professores e eram estendidos a sociedade. Durante a realização dos eventos cívicos, religiosos ou comemorações que reforçavam a identidade da escola, o Colégio se dava a conhecer e admirar. Embora conveniado, o Colégio buscava seguir os princípios da religião católica e do Sistema Preventivo de Dom Bosco.

⁸² Alfio Pozzi. Parte da entrevista sobre o Colégio Salesiano de Santa Teresa. 27 de abril de 2007.

De acordo com Gimeno Sacristán (2000), em todo o sistema educativo existe prescrição ou orientação de como deve ser o trabalho do professor. E para desenvolver sua prática, o professor depende do currículo prescrito, porque a instituição escolar tem que responder as questões de ordem cultural e social, respeitando a legislação em vigor, e ao mesmo tempo, preocupada com o indivíduo que deseja “formar”.

É preciso lembrar que o currículo é uma construção social e histórica, portanto não é produzido nem definido de forma isolada e sim resultado de conflitos, interesses, disputas e seleção de conhecimentos a serem transmitidos nas instituições educativas. Em outras palavras, o conhecimento e o currículo são concebidos, produzidos e realizados num contexto social para ter efeito sobre as pessoas, mas também na prática são modificados por diferentes sujeitos no interior da escola.

Ao estudar as festividades escolares não podemos reduzi-las a momentos de confraternização, descontração e alegria, mas precisamos entendê-las, como momentos especiais, de integração, de exaltação de valores – à pátria, à escola, à ordem social vigente, à moral e aos bons costumes. Em outras palavras, as ocasiões festivas eram propícias para a difusão de conhecimentos, normas e valores legitimados pela escola, pelos governantes e pela sociedade. Sendo compostas por normas e práticas com objetivos educativos, as festas e comemorações escolares, revelam características importantes da *cultura escolar*.

Nas comemorações, sejam cívicas ou religiosas, a repetição vai fazendo a conversão, a educabilidade dos sujeitos e reiteirando a memória. Entendemos a memória como tempo presente, é a atualização do passado no presente, um entrecruzamento de tempos, espaços e vozes. Memória é resistência ao esquecimento, e ao silenciamento, muitas vezes impostos nos processos educativos através da ação institucional (MARTINS & ROCHA, 2005). As memórias e as experiências vividas pelos sujeitos são únicas, próprias de cada um, mas ao mesmo tempo, coletivas. E, em alguns momentos nessa tese, ao analisar a documentação encontrada, utilizo de minhas memórias como

participante dessa história na condição de ex-aluna do Colégio Estadual Santa Teresa no período de 1972 a 1986..

Soares (1981) nos diz que:

Memória é algo [...] existente na interioridade dos indivíduos e dos grupos sociais, determinada pelas relações que esses indivíduos desenvolvem com a cultura e que vai orientar seus atos e suas escolhas no percurso de suas histórias de vida.

Pensar as festas e comemorações escolares no Colégio Salesiano de Santa Teresa articulado à Memória, à história e à *cultura escolar* colabora para o entendimento das especificidades do espaço escolar e sua dimensão pedagógica e social.

As festas que compõem o currículo do Colégio são momentos celebrativos que alteram a dinâmica da escola, indicam permanência e repetição, variando conforme a finalidade da comemoração, servindo assim a diferentes propósitos. São momentos de congregação onde era possível observar a forte relação política entre Igreja e Estado, a hierarquia, o preconceito, o compromisso com as elites, mas apesar de tudo isso, havia a valorização das pequenas ações que envolviam a todos.

Sendo próprias da *cultura escolar*, as festas escolares transformam-se de acordo com as épocas e as finalidades, sejam elas, sociais, políticas, econômicas e religiosas. Nesse sentido, são concebidas, apropriadas e representadas pelos diferentes sujeitos que participam do processo educativo: dirigentes de ensino, professores, alunos e sociedade em geral, de formas distintas.

BIBLIOGRAFIA

Fontes e documentos:

BRASIL. Lei 5692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 12 ago,1971.

CAVATORTA, Angelo [ofício]. Corumbá, 4.4.1899. Ofício à Câmara Municipal de Corumbá e à Inspeção do Arsenal de Marinha comunicando a abertura do Colégio Salesiano de Santa Teresa. Arquivo da Missão Salesiana.

CESu 1º e 2º graus, Parecer nº853/71, aprovado em 12/11/1971. “Fixa o núcleo-comum para os currículos do ensino de 1º e 2º graus, definindo-lhes os objetivos e a amplitude”. Relator: Valnir Chagas. *Documenta*, n. 132, nov, 1971.

COLÉGIO SALESIANO DE SANTA TERESA. *Livro de Ocorrência*. Corumbá, 1971-1977. Arquivo do Colégio Salesiano de Santa Teresa.

_____. *Regimento Interno da Escola de Pré-Escolar de 1º e 2º Graus Santa Teresa*. Corumbá, 1987. Arquivo do Colégio Salesiano de Santa Teresa.

_____. *Regimento Interno do Colégio Salesiano de Santa Teresa*. Corumbá, 1961. Arquivo do Colégio Salesiano de Santa Teresa (mimeo).

_____. *Regimento Interno do Colégio Salesiano de Santa Teresa*. Corumbá, 1971. Arquivo do Colégio Salesiano de Santa Teresa (mimeo).

MATO GROSSO DO SUL. Governo do Estado (1983-1986). *Diretrizes da Ação do Governo: 1983-1986*, Campo Grande, 1984.

Entrevistas:

LIMA, Dinorá Cestari. *Colégio Salesiano de Santa Teresa*. Entrevistador: Celeida Maria Costa de Souza e Silva. Corumbá-MS, 27 abr.2007.

MÔNACO, Maria José Costa. *Colégio Salesiano de Santa Teresa*. Entrevistador: Celeida Maria Costa de Souza e Silva. Corumbá-MS, 1 maio.2008.

POZZI, Alfio. *Colégio Salesiano de Santa Teresa*. Entrevistador: Celeida Maria Costa de Souza e Silva. Corumbá-MS, 27 abr.2007.

QUEVEDO, Berenice. *Colégio Salesiano de Santa Teresa*. Entrevistador: Celeida Maria Costa de Souza e Silva. Corumbá-MS, 27 abr.2007.

Jornais:

ALUNOS barrados no Sta Teresa. *Diário da Manhã*, 6 jul. 1980. n. 348, Ano II.

ARAUJO, Marley. Homenagem aos salesianos. *Folha da Tarde*, Corumbá, 25 maio 1974. Ano XV.

CASTRO, Alceste. Os mestres salesianos. *Folha da Tarde*, Corumbá, 06 set. 1974. Ano XV.

COLÉGIO estadual. *O Momento*. Corumbá, 18 set.1985. n. 9491.

COLÉGIO Salesiano na semana da pátria. *Folha da Tarde*, 31 ago. 1974. N. 4544, ano XV.

COLÉGIO Santa Teresa será desativado em 81. *Diário da Manhã*, Corumbá, 2 dez.1980. n. 459, Ano II.

COLÉGIO só tem vaga para quem for bom esportista. *Folha da Tarde*, Corumbá, 5 abr.1975. n.5677, Ano XVI.

ESCOLA Santa Teresa é cumprimentada. *O Momento*, 12 out. 1978. n. 7645.

FESART 84. *O Momento*, 2 out. 1984.

I JOGOS Abertos de Corumbá. *Diário da Manhã*, 15 out. 1976. n. 46.

O MOVIMENTADO Porto de Corumbá. *Folha de Corumbá*, Corumbá, 10-16 dez. 1999. n.492 (Edição especial).

OITENTA anos do Santa Teresa. *Diário da Manhã*, Corumbá, 17 ago. 1979. n.121.

PARALISAÇÃO dos colégios Santa Teresa e Dom Bosco é preocupação na câmara municipal. *O Momento*, Corumbá, 11 set. 1985. Ano XL.

PROGRAMA comemorativo da passagem do décimo aniversário da revolução de 1964. *Folha da Tarde*, 27 mar.1974. n. 3573, Ano XII.

PROGRAMA semana da pátria 1977. *O Momento*, 31 ago. 1977. n. 7343, Ano XXXII.

SANTA Teresa formação religiosa. *Correio de Corumbá*, Corumbá, 7 dez. 1976. n.82.

SEM renovação de convênio com o Estado: Santa Teresa ameaçado de fechar as portas em 88. *Diário da Manhã*, 9 out. 1987. n. 2057, Ano IX.

VEREADOR Orro sai em defesa do Santa Teresa. *Diário da Manhã*, 30 de out. 1987. n. 2071, Ano IX.

Dissertações e Teses:

BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído (1892 -1992)*. Tese de Doutorado, FFLCH/Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

BORGES, Davi Coura. “Daí-me almas e ficai com o resto”: As práticas escolares do Gymnasio São Joaquim de Lorena para a formação do bom cristão e do honesto cidadão (1902-1928). Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, 2008.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. *Cultura da escola: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930)*. Dissertação de Mestrado, FE-USP, São Paulo, 2007.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1980.

GALLEGO, Rita de Cássia. *Uso(s) do tempo: a organização das atividades de alunos e professores nas escolas primárias paulistas (1890-1929)*. Dissertação de Mestrado, FEUSP, São Paulo, 2003.

LIMA, Idelsuite de Sousa. *O currículo no plural: políticas, práticas, culturas escolares*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação/ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MANFROI, José. *A missão salesiana e a educação em Corumbá: 1899-1996*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 1997.

MESCHIATTI, José Eduardo. *Sonho de moral: presença salesiana em Campinas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SANTOS, Brasdorico Merqueades dos. *O Sistema Preventivo e a prática pedagógica de docentes do ensino médio no Colégio Dom Bosco de Campo Grande em 1999*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, 2000.

SILVA, Celeida M.C.de S. e *Políticas Públicas Educacionais e Assentamentos Rurais de Corumbá (1984-1996)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2000.

SILVA, Maria Aparecida Félix do Amaral. *A educação das mulheres no Vale do Paraíba através da ação das irmãs salesianas: o Colégio do Carmo de Guaratinguetá: 1892-1910*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

Livros e artigos:

ALVES, Gilberto Luiz. *A trajetória histórica do grande comerciante dos portos em Corumbá: 1857-1929*. In: CORRÊA, Valmir Batista et al. *Casario do Porto de Corumbá*. Campo Grande: Fundação de Cultura; Brasília: Gráfica do Senado, 1985.

AULARD, Alphonse. *Le culte de la Raison et le Culte de l'Être Suprême: 1793-1794*. Paris: Alcan, 1982.

AZZI, Riolando. *A obra de Dom Bosco no Brasil: cem anos de História*. Barbacena: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, 2000.

BÁEZ, Renato (org.). *O profeta do pantanal*. São Paulo: Escolas profissionais salesianas, 1988.

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Os santos nômades e o Deus estabelecido*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

BIANCO, Enzo. *Educar hoje como Dom Bosco educava?* São Paulo: Salesiana, 1987.

BITTAR, Marisa. *Estado, Educação e Transição democrática em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande-MS: ED.UFMS, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. (org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. As “tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime (org). *O ensino de história e a criação do fato*. 10ed. São Paulo: Contexto, 2002. (Repensando o ensino).

_____. *Pátria, civilização e trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BOSCO, João. Carta aos salesianos do oratório de Turim-Valdocco (1884). In: CASTRO, Afonso de. *Carta de Roma de Dom Bosco: reflexões*. Campo Grande: UCDB, 2007b. pp. 181-191.

_____. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales: 1815-1855*. Trad. Fausto Santa Catarina. 3.ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

_____. *Sistema Preventivo na educação da juventude*. Turim: Escritos, 1865.

CÂNDIDO, Antônio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz, FORACCHI, Marialice M. *Educação e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1977, p. 107-128.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. As forças Armadas na Primeira República: poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (v.9). São Paulo: Difel, 1977.

CARVALHO, Marta M. C. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, C. P. de & CATANI, Denise B. (orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

CASTRO, Afonso de. *Carta de Roma de Dom Bosco: reflexões*. Campo Grande: UCDB, 2007b.

_____. *Presença institucional salesiana: informações e orientações para os leigos que trabalham em nossas instituições*. Campo Grande: UCDB, 2007a.

CHAMON, Carla Simone. *Festejos imperiais: festas cívicas em Minas Gerais (1815-1845)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CHARTIER, Anne-Marie. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. *Educação e pesquisa*. Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo: FEUSP, v. 26. n.2, jul/dez.2000.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*. Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.

CHEVALLARD, Yves. *La transposition didactique – Du savoir savant au savoir enseigné*. Paris: La Pensée Sauvage, 1985

CORAZZA, José. *Esboço histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso: histórias de vidas missionárias*. Campo Grande-MS, 1995. (Coleção Centenário).

CORRÊA, Valmir Batista et al. Casario do Porto de Corumbá. Campo Grande: Fundação de Cultura-MS, Brasília: Gráfica do Senado, 1985.

COSTA, A. M. da; SCHWARCZ, L. M. *Virando os séculos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEL PRIORI, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DOURURE, João Baptista. *Dom Bosco em Mato Grosso: Missão Salesiana 1894-1904*. Cuiabá: Salesiana, 1977.

ESCOLANO, Agustín & VIÑAO FRAGO, A. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Trad.: Alfredo Veiga-Neto, 2.ed, Rio de Janeiro: A. DP&A, 2001.

ESCOLANO, Agustín. *Tiempos y espacios para la escuela*. Ensayos históricos. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

FARIA FILHO, L. M & VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, n.4, 2000.

FARIA FILHO, L. M. de, GONÇALVES, Irlen Antônio, VIDAL, Diana Gonçalves, PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n.1, p.139-159, jan./abr. 2004.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teóricos-metodológicos de um programa de pesquisa. IN: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth (orgs.). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: USP-FDE, 1999.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e Cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIMENO SACRISTÁN, J. *O currículo: Uma reflexão sobre a prática*. Trad. Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GONÇALVES, Irlen Antônio e FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria. História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima e VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GOODSON, Ivor. *A construção social do currículo*. Lisboa: Educa, 1997.

_____. *Currículo: teoria e história*. (Trad. De Attílio Brunetta). 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HAMILTON, David. Sobre as origens dos termos classe e curriculum. *Revista Teoria & Educação*, n.6, 1992.

HERAS MONTOYA, L. *Comprender el espacio educativo: investigación etnográfica sobre un centro escolar*. Malaga:Aljibe, 1997.;

HOBSBAWM, E. & RANGER, T. (orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 4.ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 2006. (Coleção pensamento crítico)

ITANI, Alice. *Festas e calendários*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 1, jan./jun. 2001, pp. 9-43.

_____. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. (Trad.Elizabeth Macedo e Alice Casimiro Lopes). In. LOPES, Alice Casimiro & MACEDO, Elizabeth (orgs.). *Disciplinas e integração curricular: História e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KULMANN, Moysés. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

LAMBERT, Hercília Mara Facuri Coelho. Festa e participação popular (São Paulo - início do século XX). In: *História*, n. 13, São Paulo, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, IIº volume, 2000.

MARTINS, Maria do Carmo & ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Lugares de memória: sedução, armadilhas, esquecimento e incômodos. *Horizontes*, v.23, n.2,p.91-99, jul./dez. 2005.

MARTINS, Maria do Carmo. *A História prescrita e disciplina nos currículos escolares: Quem legitima esses saberes?* Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____.As humanidades em debate: a reformulação curricular e a criação de novas disciplinas escolares. In. OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de & RANZI, Serlei Maria Fischer. (orgs.). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

MATHIEZ, Albert. *Les origines des Cultes Révolutionnaires: 1789-1792*. Paris: Societé Nouvelle de Librairie et d'Edtion, G. Bellais, 1904

MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MOGARRO, Maria João. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. *Pro-Posições*. Campinas, SP, v.16, n.1 (46)- jan./abr. 2005. pp. 103-116.

NOSELLA, Paolo & BUFFA, Ester. *Schola Mater: A antiga Escola Normal de São Carlos*. EDUFS Car, 1996.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda guardar. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.4, p. 172-189, 1989.

OZOUF, Mona. A festa sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 216-232.

PETITAT, André. *Produção da escola/produção da sociedade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. Grupos escolares na Paraíba: iniciativas de modernização escolar (1916-1922). In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p. 109- 139.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PRIORI, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PROENÇA, Augusto César. *Corumbá de todas as graças*. Campo Grande: Rui Barbosa, s/d.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois*. Bauru, SP: Edusc, 2004. p. 29-52.

RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. *A festa do povo: pedagogia da resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.

ROCHA, Eunice Ajala. *A festa de São João em Corumbá*. Ed. do autor, 1997.

SANTOS, Manoel Isaú Souza Ponciano dos. *Luz e sombras: internatos no Brasil*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 2000.

SCARAMUSA, Tarcísio. *Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984.

SCHENEIDER, J. L. Obra de Dom Bosco em Corumbá. IN: BÁEZ, Renato (org.). *O profeta do pantanal*. São Paulo: Escolas profissionais salesianas, 1988, p. 57-61.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. A sociedade e suas diversões. In: *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Magda. *Metamemórias-memórias: travessia de uma educadora*. Belo Horizonte: Cortez, 1981.

SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Rosa Fátima de. e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p. 109- 139.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008 (Biblioteca básica da história da educação brasileira, v.2).

_____. *Templos de Civilização: A implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (Prismas).

_____. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius (org.). *Ideário e imagens da educação escolar*. Campinas: Autores Associados. 2000.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Cadências escolares, ritmos docentes. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 87-108, jul – dez.1999.

TRILLA, J. *Ensayos sobre la escuela: el espacio social y material de la escuela*. Barcelona: Alertes, 1985.

VENDRAME, Paulo Fernando. *Mercado e missão: implicações mútuas para uma escola salesiana*. Bragança Paulista, SP: Raízes, 2001.

VERÍSSIMO, José. *Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VIDAL, Diana Gonçalves & FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria. *As lentes da História: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIÑAO FRAGO, A. & ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Trad.: Alfredo Veiga-Neto, 2.ed, Rio de Janeiro: A. DP&A, 2001.

VIÑAO FRAGO, Antonio. (coord.). El espacio escolar. *Revista historia de la educación*, n. 12-13, Salamanca, 1993/4.

_____. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.0, pp.63-82,1995.

_____. *Tiempos escolares, tiempos sociales*. Barcelona: Ariel, 1998.

_____. *Culturas Escolares* (texto mimeo).2000.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard & THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em revista*. Belo Horizonte, 33, p. 7-48, jun, 2001.

ZAMBONI, Ernesta. Et al. *Memórias e histórias da escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

Multimeios

BRASIL. Decreto n. 68065, de 14 de janeiro de 1971. Regulamenta o Decreto-Lei n. 869, de 12 de setembro de 1969 que dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no País e dá outras providências. Disponível em: <http://br.vlex.com/vid/34185428>. Acesso em 3nov.2009.

_____. Decreto-Lei 869/69, de 12 de agosto de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no País e dá outras providências. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/Listapublicacoes.action?id=195811>. Acesso em 07set.2009.

_____. Lei 5700, de 1º de setembro de 1971. Dispõe sobre a forma de apresentação dos Símbolos Nacionais e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5700cons.htm. Acesso em 3nov.2009.

DECRETO-LEI nº 57 de 19/03/1979. Disponível em: <http://aacpdappls.net.ms.gov.br/appls/legislacao/>. Acesso em 07set.2009.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> [on line] 2008. Acesso em 27de out. 2008.

LOPES, Alice Casemiro. Interpretando e produzindo políticas curriculares para o ensino médio. 2003. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>.

MATOGROSSO. Lei nº 3681 de 28 de novembro de 1975. Estabelece a nova estrutura da administração atual e dá outras providências. Disponível em: <http://www.sad-legislacao.mt.gov.br/Aplicativos/>. Acesso em 07set.2009.